

Diário de Lisboa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Nota do dia

Concorrência

Três dos principais artigos de exportação que contribuem para tornar menos grave o desequilíbrio da nossa balança comercial são a cortiça, o vinho e as conservas de peixe. Acerca da cortiça, disse-mos há dias que estava a sofrer em muitos países, e principalmente na América do Norte, a concorrência inquietante dos produtos sintéticos. E citávamos, entre outros, o facto de setenta por cento da produção aproximada de espumantes da Califórnia terem sido, no ano passado, tapados com rolhas plásticas. Os vinhos portugueses, e principalmente o Porto e o Madeira, estão a ser batidos em alguns mercados por produtos similares de outras procedências. No Rio Grande do Sul produz-se «vinho do Porto» e a Rússia deu o nome de «vinho da Madeira» a uma bebida generosa (?) fabricada na Crimeia. E quanto aos vinhos de pasto, revelámos há dias que a África

do Sul virá em breve concorrer nos mercados europeus, como já o Brasil concorre nos seus próprios mercados, com os países tradicionalmente exportadores. Agora são as conservas de peixe, cujas dificuldades de colocação nos principais mercados de há muito se faziam sentir, que começam a sofrer os efeitos de uma concorrência cada vez mais firme e perigosa das indústrias marroquina, jugoslava e até japonesa. «Para além de transitórias aparências, que só podem iludir os que vivem fora dos problemas quotidianos da indústria...» — como se lê numa revista da especialidade que nos revela estes factos — as ameaças que pesam sobre o nosso comércio de exportação são de molde a causar-nos algumas apreensões e exigem que alguém se ocupe delas com um espírito mais realista do que o romântico. Em economia, o romantismo é uma árvore que pode dar flores, sobretudo de retórica, mas que não dá frutos.

A Rússia prepara-se para enviar um homem ao espaço cósmico?

MOSCOVO, 30 — Nos círculos diplomáticos ocidentais formulam-se conjecturas, segundo as quais a Rússia talvez tente enviar um homem ao espaço cósmico, depois

(Continua na página seguinte)

Estão a concentrar-se milhares de barcos para a invasão das ilhas de Quemoy dizem notícias provenientes da Formosa

TAIPEH, 30 — Informações de origem oficial dizem que os comunistas chineses estão a concentrar 4.000 a 5.000 barcos, incluindo juncos a motor, para a invasão das duas ilhas de Quemoy. — (A. N. I.).

A ilha de Quemoy continua a ser bombardeada

TAIPEH, 30. — Segundo um comunicado do Ministério da Defesa, as baterias costeiras comunistas dispararam 2.042 granadas sobre a ilha de Quemoy, entre a meia-noite e as duas e meia. — (F. P.).

TAIPEH, 30. — Desde esta manhã, a situação na ilha de Quemoy é um pouco menos tensa. O fogo da artilharia comunista é esporádico. O último bombardeamento intensivo findou às 21 e 30 locais.

As forças nacionalistas da ilha responderam, repetidas vezes, ao bombardeamento comunista destruindo mais de 30 postos das suas baterias.

Segundo uma estatística oficial, 122.113 granadas teriam caído na Quemoy desde sábado passado. — (F. P.).

As críticas, em Washington, à política de Dulles

WASHINGTON, 30. — O senador democrático Wayne Morse, pediu que o presidente Eisenhower convoque uma sessão especial do Congresso para ouvir a sua opinião

quanto à utilização eventual das forças americanas na defesa das ilhas de Quemoy e Matsu. Depois de se declarar contrário à defesa dessas ilhas, «rochosas e sem valor», afirmou que o povo americano «se encontra, de novo, em perigo» pela política «da beira do abismo» praticada por Foster Dulles. E acrescentou:

«É falso que a doutrina da Formosa autorize o presidente e o secretário de Estado a utilizar o poder militar americano para defesa de Quemoy e Matsu».

Afirmou, por fim, que Chang Kai Chek só deseja «atrair os Estados Unidos para uma armadilha» fazendo crer que a defesa daquelas ilhas é necessária à defesa da Formosa. — (F. P.).

A posição do Governo americano

WASHINGTON, 30. — Ao mesmo tempo que aumenta a tensão no Estreito da Formosa, o Governo

(Continua na última página)

Huxley considera Eça de Queiroz tão grande ou maior que Gustavo Flaubert — segundo declarou ao passar em Lisboa



Aldous Huxley fotografado no aeroporto da Portela

Aldous Huxley é um dos grandes europeus do nosso tempo. A sua obra é de destruição e de absoluta lucidez na derrocada.

Sem ser um escritor militante e polémico, desprezando mesmo todos os sectarismos, Aldous Huxley solta a mais formidável das gargalhadas diante de um mundo vazio, retórico de espiritualismo e mesmo de cepticismo.

Como Lawrence de quem foi

amigo e que caricaturou em «Duas das três graças», Huxley afirma a necessidade de o homem o ser integralmente, sem auto-mutilações, pronunciando o elogio do corpo humano e satirizando o místico, o «bárbaro do espírito». «Contraponto», «O admirável mundo novo», «Sem olhos em Gaza», «O cisne também morre» e «A geração perdida são livros cheios de arestas e de uma positiva asperaz em que uma multidão de figuras vive mais ou menos desastrosamente. Huxley, o individualista, consciente e atento, é contrário a todos os totalitarismos.

Encontrámo-lo no aeroporto. Alto, magro, curvado, te mos cabelos esfarrapados e um olhar penetrante. Acompanha-o sua mulher, uma italiana.

(Continua na página seguinte)

Diário de Lisboa

publica hoje
28 PÁGINAS
nas quais se inclui
MAGAZINE

Têm sido presos em França milhares de Argelinos suspeitos de coniventes nos actos de terrorismo e sabotagens que continuam a repetir-se

PARIS, 30. — Prosseguindo nos seus esforços para pôr termo à campanha de terrorismo desenhada, no país, pelos dirigentes da F. L. N. a Polícia intensificou, nas últimas horas, as rusgas que estão a ser efectuadas, desde segunda-feira, com o objectivo de identificar os autores dos atentados.

Só no Sul da França, em redor dos portos de Marselha e Toulon, foram detidos, esta madrugada, mais de 2.000 Norte-Africanos. Simultaneamente, brigadas da Polícia fizeram rusgas intensivas nos bairros frequentados por argeli-

(Continua na última página)

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Encontro do Homem com o Destino pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

O HOMEM vive em permanente conflito, entre o absoluto e o relativo, entre o que devia ser e o que é na realidade existencial. A consciência do absoluto e a do relativo lutam na sombra, espreitam-se através da cortina de nevoeiro que as separa.

O indivíduo possui em si o desejo de perfeição, a ansia infinita do ser, e realiza-se, em contrapartida, sentindo-o, no campo da imperfeição e

do finito. Existe, pois, um estímulo que o solicita em duas direcções opostas, divergentes. A pessoa e o indivíduo cabriolam e lutam em planos inclinados.

Nas actividades puramente reflexas actuam os caracteres hereditários. As faculdades de cada ser desenvolvem-se quase que automaticamente, apesar de existir na penumbra uma

(Continua na 8.ª página)



Provas de vela em Cascais (Ler notícia na página central)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

A conversa com Huxley

na sua curta passagem pelo aeroporto

(Continuação da página anterior)

— Regressa do Brasil e viaja para Itália não é verdade?
— Sim.
— Que objectivo o levou ao Brasil?

— Por amável convite do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, estive três semanas naquele país. Visitei o Rio, S. Paulo, a futura capital Brasília, Ouro Preto, com as suas evocações portuguesas, que aliás existem por toda a parte; a região do Mato Grosso, a zona do Xingu, a Bahia e Recife. Estive também no Peru, um país extraordinário, especialmente Cuzco e Machu Pichu... E a velha civilização inca cheia de interesse.

— Que impressões traz do Brasil?

— Aquelas que traduzem uma revelação. É um país extraordinário. Um enorme país, com contrastes que provocam centelhas na nossa imaginação. Só a ideia de que existem zonas intermináveis por explorar, vazias de seres humanos, nos perturba. Tudo no Brasil é sem limite — o que é admirável para a nossa imaginação — mas, por isso mesmo, do maior interesse para o capital e para o trabalho.

— Que impressões me dá sobre a presença de Portugal no Brasil?

— É uma das notas mais impressionantes da minha viagem ao Brasil. Como foi possível que um país deixasse traços tão decisivos numa Nação como o Brasil. Só um sistema de colonização tão extraordinário e diferente como o de Portugal, poderia deixar uma nação indivisa, com a mesma língua, com a mesma unidade, sem qualquer divisão territorial, política, social e económica. Eis um grande valor que deve assinalar-se, até por nos parecer inconcebível.

— Como se chama o seu último livro?

— «O tempo deve parar».

— Que pensa da literatura americana?

Aldous Huxley sorri sobre o alvoroço do jornalista. Cita apenas alguns nomes:

— Depois de Faulkner, que é um notável escritor, há um grupo de jovens como Mary MacCarthy e Catherine Pastor.

— E na Inglaterra?

— Na Inglaterra temos os «angry young men», com Osborne e Amis.

— Qual é o seu melhor livro?

— Talvez «Contrapontos».

— Conhece a literatura brasileira?

— Muito pouco mas gosto de Machado de Assis, dos clássicos e de Gilberto Freire, grande sociólogo, com uma obra de penetração e explicação de indiscutível interesse. Tive agora o prazer de me avistar com Gilberto Freire, a passagem pelo Recife.

Aldous Huxley move-se dentro de um largo fato de linho branco e responde com rapidez.

— Que nos diz da literatura portuguesa?

— Não conheço quase nada, o que lamenta. A língua portuguesa é muito difícil. Li, no entanto, Eça de Queirós em inglês. Considero-o um escritor de grande elegância, iróni-

co, sarcástico, mas com um sereno lirismo. «A Relíquia», por exemplo, é notável. Talvez tão grande ou maior que o Flaubert da «Sambor». Eça de Queirós possui uma força lírica que não se perde, mesmo traduzido.

Por fim, abordámos o problema da experiência realizada por Huxley com a mesalina, o que o levou a escrever «As portas da percepção», autêntico mergulho no subconsciente.

— A mesalina é um princípio activo do «peyotl», que provoca uma «qualidade» de consciência, menos tóxica, não estupefaciente, que não faz mal ao coração... Da minha experiência resultaram outras experiências e a sua utilização. É preciso compreender muitas coisas, nossas e dos outros, em relação a sentimentos, a religiões. Há muitas portas por abrir e as chaves também existem. A minha experiência com a mesalina foi uma chave para abrir o que está para lá do mundo imaginário: abertas essas portas, atingiremos aquela fase que revelo no meu livro «As portas da Percepção». Tudo no mundo é extremamente importante e atinge aquele sentimento da compreensão, que é o melhor sentimento da vida em relação aos demais e ao mundo.

Figura decisiva de uma época Huxley construiu uma obra de que o homem, o homem total, é unidade e escala.

A conquista do espaço cósmico

(Continuação da página anterior)

de efectuar mais algumas experiências com animais.

As suposições foram motivadas pelo comunicado da Rádio de Moscovo, ontem à noite, segundo o qual a Rússia lançara duas cadelas, a «Branquinha» e a «Malhada», num engenho com uma tonelada e meio de peso, a 450 quilómetros de altitude, fazendo-as regressar à Terra e aterrizar em local pré-determinado, sãs e salvas e sem o menor prejuízo.

«Dois canídeos aterraram normalmente de uma altitude de 450 quilómetros» — dizia o comunicado. — «Os animais foram lançados no espaço dentro de um foguetão geofísico de um andar na quarta-feira, de acordo com o programa do Ano Geofísico Internacional. Depois de atingida aquela altitude aproximada, o foguetão aterrou precisamente no sector pré-estabelecido».

Segundo a Rádio de Moscovo, as duas cadelas tinham sido habituadas à sua cabina hermética por meses de treino, de tal modo que entravam nela sem repulsa, como se se tratasse de um canil. Apesar de terem os cientistas registado as reacções das duas sucessoras da «Laika», a primeira cadela astronauta, a emissora russa não forneceu mais pormenores acerca da experiência.

5 mil técnicos atomistas numa conferência científica em Genebra

GENEVA, 30. — Começa, depois de amanhã, a maior conferência científica jamais realizada. Durante 15 dias, 5.000 especialistas atomistas, de 66 países diferentes, sob a presidência do sábio francês Francis Perrin, vão permutar informações sobre os progressos alcançados, nos últimos três anos, no domínio do uso pacífico da energia atómica.

Participam nos trabalhos 66 países e 7 agências especializadas e haverá 77 reuniões diferentes. O número de comunicações será de 2.200, e são necessárias 600 toneladas de papel para imprimir todos os documentos relacionados com o Congresso.

Simultaneamente, haverá duas exposições científicas, uma, destinada a «ilustrar» as comunicações apresentadas na Conferência, estará patente ao público no Palácio das Nações; a outra, apresentará as múltiplas aplicações industriais e comerciais da energia atómica e poderá ser visitada no Palácio das Exposições de Genebra. Os Estados Unidos, a França e a Grã-Bretanha realizaram um esforço notável para o bom êxito desta última exposição.

Os observadores ocidentais recordam que, não obstante os Russos não fazerem segredo de que tencionam ser os pioneiros das viagens interplanetárias tripuladas, não noticiam as suas tentativas antes acumuladas de êxito.

A informação da agência «Tass» diz que o lançamento do primeiro foguetão russo destinado ao estudo das camadas superiores da atmosfera foi feito em 1933. O engenho era propulsado por um carburante líquido.

Em 1949, o primeiro lançamento vertical de um foguetão permitiu alcançar uma altitude de 110 kms. Em Maio de 1957, um foguetão, transportando aparelhos com o peso total de 2.200 quilos, atingiu os 212 kms. de altitude. Levava duas cadelas. Emfim, em 21 de Fevereiro de 1958, um foguetão experimental soviético com um andar registava o «record» do Mundo, chegando a 473 kms. de altura com 1.512 quilos de aparelhos diversos.

A princípio, os animais eram enviados a uma altitude de 100 a 210 kms. Estava garantido o seu regresso à Terra pela separação da cabina hermética e aparelhos que desciam com pára-quedas. Na segunda fase dos ensaios, empregaram-se sistemas de catapulta com êxito e revelaram ser muito eficazes para o regresso à Terra dos animais e dos aparelhos. — (A. N. I. e F. P.).

As experiências britânicas tem causado mortes por leucémia?

LONDRES, 30. — Vítima de leucémia, morreu mais um elemento das forças armadas que participou nas experiências atómicas no Pacífico, o tenente David Franklin, de 29 anos, membro da Marinha Real e pai de duas crianças. Era técnico de radar no porta-aviões «Warrior», que servia de base durante as experiências da ilha do Natal.

O Almirantado afirma que os ensaios não foram a causa da enfermidade que vitimou Franklin, mas um médico do hospital da Marinha onde o oficial faleceu, em Portsmouth, declara que foi ordenado sigilo sobre o caso.

Há algumas semanas, outro membro das forças armadas que tomara parte naquelas experiências, o sapador William Morris, morreu, também de leucémia. O inquérito a que se procedeu, porém, não revelou provas de que a doença tivesse sido provocada pela radioactividade nuclear. — (A. N. I.).

As vítimas da bomba atómica sobre Nagasaki

NAGASAKI, 30. — Morreu mais uma vítima do bombardeamento atómico desta cidade — a décima quarta morte deste ano.

Os médicos confirmaram que a morte resultou da radiação. — (A. N. I.).

As preocupações da era atômica

Segundo entende Kruchchev a próxima Assembleia Geral da O. N. U. deve pronunciar-se sobre a suspensão em geral das experiências nucleares

MOSCOVO, 30. — Na entrevista concedida ao «Pravda» e divulgada pela agência «Tass», Kruchchev declara aceitável para a U. R. S. S. a data de 31 de Outubro, proposta pelo presidente Eisenhower, para o início das conversações com vista à suspensão das experiências nucleares, acrescentando que Genebra parece o local mais indicado para as conversações, «cuja finalidade deveria ser a conclusão de um acordo destinado à cessação, de uma vez para sempre, por todos os Estados, das experiências com todas as armas atómicas e nucleares».

«O Governo soviético — diz Kruchchev — está de acordo com todas as conclusões e recomendações contidas no relatório dos atomistas quanto a um sistema de fiscalização da cessação das experiências nucleares. Deixa de se justificar, portanto, toda a recusa de cessação, imediata e em toda a parte, dos ensaios de armas nucleares». Acrescentou:

«A 13.ª sessão da Assembleia Geral da O. N. U. deverá emitir o seu

parecer autorizado sobre a questão da cessação dos ensaios nucleares por todos os Estados».

No que toca à organização das conversações em Genebra, sobre as quais o chefe do Governo soviético pretende saber a duração, antes de se sentar à mesa da conferência, diz: «Entendemos ainda que, para evitar demoras, seria útil assentar previamente na duração das conversações. É nossa opinião que, considerando os resultados positivos da conferência dos atomistas em Genebra, as nossas conversações poderiam realizar-se em duas ou três semanas». — (F. P.).

Washington não faz comentários

WASHINGTON, 30. — Os meios autorizados recusam-se a fazer o mínimo comentário às declarações feitas ao «Pravda» por Kruchchev e, segundo as quais, o primeiro-ministro soviético aceita a data de 31 de Outubro, proposta pelos Estados Unidos, para início das negociações com vista a terminarem as experiências nucleares.

Os informadores da Secretaria de Estado não dão qualquer indicação quanto à sua reacção sobre o assunto, enquanto não tenha sido recebida, pelo Governo americano, uma resposta oficial à nota que enviou a Moscovo, em 22 de Agosto, propondo aquela data. — (F. P.).

Os progressos científicos da Rússia

WASHINGTON, 30. — Num relatório enviado ao presidente Eisenhower, a Fundação Nacional das Ciências sublinha que o publico americano parece não ter em conta os progressos científicos alcançados pelos Soviéticos e não prestar atenção à necessidade de melhorar, nos Estados Unidos, o ensino e os serviços de pesquisas.

A Fundação afirma que os povos dos outros países, o soviético nomeadamente, dão provas dum espírito nacional mais decidido do que o dos Americanos. — (F. P.).

Furtos em quintas

da freguesia de Carnaxide

A Polícia Judiciária concluiu e enviou ao tribunal criminal da Boa-Hora um processo em que é arguido António Bispo Novo, que também usa o nome de António Vieira Neto, sendo conhecido por «O Queimado», ou «O Russo».

O referido indivíduo é acusado de haver praticado furtos de artigos em diversas quintas da zona de Carnaxide.

Os artigos furtados, avaliados em milhares de escudos, foram, na sua quase totalidade, apreendidos e entregues aos seus donos.

Jesus dos Navegantes

em Paço de Arcos

Principiam hoje, à noite, em Paço de Arcos, as festas em honra do Senhor Jesus dos Navegantes, padroeiro da gente do mar. Estes festejos prolongar-se-ão por seis dias.

MABOR

A MANUFACTURA NACIONAL DE BORRACHA

tem o prazer de informar os seus estimados clientes e amigos da mudança dos escritórios da sua sede, que, a partir de 1 de Setembro, passam a funcionar na

Avenida dos Aliados, 211-3.º e 4.º PORTO

com o mesmo endereço telegráfico

MABOR — PORTO

o mesmo APARTADO 71

e os mesmos telefones: 28084-85-86-87

TERMAS DE MONFORTINHO

Excelentes resultados nas doenças de fígado, intestinos e pele

Abertura em 1 de Setembro

Hospede-se no

HOTEL FONTE SANTA

Monfortinho — Telef. 4 e 28

DESPORTOS

O futebol regressa!

Três festas de homenagem

assinalam o começo de uma temporada que promete revestir-se de muito interesse

Terminou a ansiedade dos adeptos dos clubes e terminaram as preocupações dos dirigentes no que respeita à absorvente tarefa da renovação dos quadros de jogadores. Todavia, por mais paradoxal que possa parecer, essas mesmas atitudes prevalecerão, embora noutra escala, no decorrer da época que amanhã terá a sua etapa inicial.

O futebol regressa! A aparente solução de continuidade desaparecerá, completamente, e a partir de amanhã novas perspectivas, novos anseios, novas ilusões, voltarão a dominar o pensamento de quantos vivem apaixonadamente o desporto das multidões. Três festas de homenagem assinalam o começo desse tumultuar de sentimentos, o que equivale a dizer que todos estão dispostos a sofrer.

Em Setúbal, Artur Vaz — exemplo de dedicação — terá, decerto, uma festa inesquecível. A colaboração, que vários clubes voluntariamente deram, e o interesse que os desportistas setubalenses manifestam é sinal iniludível de que o festival de amanhã assumirá uma expressão elevada.

O programa, que se inicia às 15

horas, engloba os seguintes jogos: C. U. F. Caldas. Vitória-Sporting.

Para o primeiro encontro foi instituída a taça «D. Manuel de Melo» e no segundo será disputada a taça «Dr. Miguel Rodrigues Bastos».

Quatro clubes da 1.ª Divisão e um deles, o Sporting, campeão nacional. Este conjunto, por si só, é garantia de interesse da homenagem que Artur Vaz vai receber de grande numero de admiradores.

Na Covilhã, outro internacional valoroso, Fernando Cabrita, vai ser distinguido com uma consagração, a todos os títulos justíssima, de apreço às suas inegáveis qualidades de desportista íntegro, cujo exemplo não deve deixar de ser um modelo para os rapazes que agora dão os seus primeiros passos na modalidade.

O Benfica soube compreender o significado da homenagem e, imediatamente, pôs-se à disposição do clube serrano. Estamos, portanto, na presença de um jogo de interesse que assinala, simultaneamente, o regresso do Sporting da Covilhã ao convívio da 1.ª Divisão.

Por último, no Porto, desenrolar-

se-á uma «festa» de significado diferente, mas absolutamente compreensível. José Szabo Junior, atingido por duro golpe de infelicidade, deparou com o mais elevado espírito de solidariedade de quatro clubes nortenhos e, decerto, terá o apêndice benefício.

O festival, que se realiza no Estádio do Lima, é o seguinte: Leixões-Bovista.

F. C. do Porto-Salgueiros. As simpatias que Szabo Junior desfruta e o cariz de cada um dos clubes, especialmente o do F. C. do Porto, promete a presença de milhares de pessoas.

São, portanto, estes três acontecimentos que marcam, de maneira positiva, o regresso do futebol. Que a sua vinda seja auspiciosa, são os nossos votos.

O BARREIRENSE

perdeu em Córdova (3-2) tendo Faia sido o melhor jogador no terreno

CORDÓVA, 30. — No jogo de futebol aqui ontem realizado e em que o Atlético de Córdova venceu o Barrense por 3-2 (ao intervalo 2-1), os grupos alinharam:

Barrense — Braulio; Faneca e Silvino; Langa, Pinto e Roleta; Madeira, Correia, José Augusto, Faia e Pimenta.

Atlético — Omot; Cano e Salamanca; Jimenez, Rando e Martinez; Figueiroa, Jesus, Linali, Dieguin e Jurado.

Aos quinze minutos, o guarda-redes português marcou na sua própria baliza o primeiro gol, tendo sido, dois minutos depois, feito o empate por Faia que aproveitou a marcação de uma grande penalidade. Aos 38 minutos, Dieguin marcou o segundo gol do seu grupo, terminando a primeira parte a 2-1. No segundo tempo os golos fo-

(Continua na página seguinte)

CAÇA SUBMARINA

O Campeonato do Mundo amanhã em Sesimbra

Amanhã, em Sesimbra, na área delimitada entre o Cabo Espichel e o Portinho da Arrábida, das 8 e 30 às 14 e 30 horas, realiza-se o 1.º Campeonato do Mundo de Caça Submarina, prova a que concorrem 13 países.

O elevado numero de participantes reflecte, verdadeiramente, a inegável importância que reveste o acontecimento de uma das mais bonitas modalidades desportivas, mas que felizmente não está ao alcance de qualquer, pois a sua prática exige um considerável numero de qualidades que conferem uma especialização requintada. Isto, porém, só serve para ilustrar o extraordinário interesse que a competição encerra, dado que nas águas de Sesimbra mergulharão os melhores valores mundiais, homens para quem os segredos do fundo do mar não oferecem quaisquer dificuldades.

A organização, que pertence ao Centro Português de Actividades Submarinas, não descurou o mínimo pormenor. Assim, além de um corpo de «homens-rãs», chefiados por Ramada Curto e 4 médicos, a Defesa Civil do Território, organização tão útil em tempo de guerra como na paz, montará um posto de socorros, equipado com moderno material de reanimação. Simultaneamente, será estabelecida uma rede de rádio a ligar o posto com as embarcações e um serviço de



GOLO!... — Em todas as latitudes passa-se o mesmo fenómeno, quando a bola entra nas balizas. Dentro e fora do rectângulo a ansiedade causa alegria ou tristeza, definindo os contornos dos contrastes do desporto. A imagem mostra esse momento, por ocasião do jogo Arsenal-Burnley, disputado esta semana a contar para o campeonato inglês, e que o primeiro venceu por 3-0. Este é o momento do 1.º tento

HÓQUEI EM PATINS

Sem médio não há hóquei

Sugestão do jogo Paço de Arcos-Sintra

Não obstante a jornada de ontem poder ser considerada de resultados surpreendentes (só a vitória do Paço de Arcos não pode englobar-se nesse numero), a tabela classificativa não sofreu alterações sensíveis. Houve algumas equipas — caso do Paço de Arcos, do Parede e da Mundet — que se aproximaram dos seus mais directos adversários e pouco mais...

Todavia, desfechos houve que não estavam previstos — os empates do Benfica em Oeiras e do Futebol Benfica em Cascais; e as derrotas do Campo de Ourique, no seu ringue, ante o Parede, e do Sporting no Seixal.

O hóquei em patins é, com efeito, uma modalidade onde o vaticínio é falível como em nenhuma outra. Não há equipa, teoricamente fraca, que não vença, com frequência, as mais bem apetrechadas! O que sucedeu, na noite de ontem, quadros do ultimo terço da tabela baterem o pé aos ocupantes do terço superior, é quase banal...

Já não tão banal é um «cinco», de capacidade comparável ao seu adversário bater este com facilidade. Isso, porém, aconteceu, ontem, na pista do Paço de Arcos aonde se deslocou o Sintra. Dois grupos em rodagem, franca, para o título e, no entanto, só um deles — o Paço de

Arcos — conseguiu transmitir essa sensação, pois os Sintrenses estiveram longe de fazerem exibição correspondente às suas pretensões.

Sem médio não há hóquei. Essa sugestão foi-nos dada, mais uma vez, quer pelo Sintra (este durante o desafio todo), quer pelo Paço de Arcos (este durante o primeiro quarto de hora).

Não nos recorda, confessamos, uma exibição de Edgar tão inferior como a de agora. Já temos assistido a actuações do grande médio «azul» em que a um período bom se segue outro, no mesmo desafio. Mas a dar-nos nota tão flagrante de má forma, repetimos, não nos recorda. E as consequências dessa «ausência» do campeão do Mundo estão bem expressas nos numeros da partida — 6-3, com 4-1, ao intervalo.

Evidentemente, o êxito do Paço de Arcos não foi função da quebra de Edgar, mas a facilidade com que o conquistou já estará na base do abatimento do numero três sintrense.

O êxito do Paço de Arcos assenta na boa estruturação do conjunto e, muito particularmente, no excelente momento que Correia dos Santos atravessa. Tanto assim é que quando o «capitão» do Paço de Arcos exteriorizou fadiga, os seus companheiros sentiram, desmedidamente, aliás, a baixa do grande jogador. Todavia, a vitória do «cinco» da Costa do Sol está, inteiramente certa, a dar-nos o sinal dos seus sonhos, das suas pretensões...

Os quatro restantes desafios terminaram da seguinte forma: Oeiras, 4-Benfica, 4; Cascais, 1-Futebol Benfica, 1; C. Ourique, 3-Parede, 5; Mundet, 3-Sporting, 2. A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
P. Arcos	11	8	1	2	60-26	28
Cascais	11	7	3	1	39-26	28
Sintra	10	7	1	2	56-31	25
Benfica	11	6	2	3	44-31	25
C. Ourique	11	6	—	5	35-33	23
Sporting	11	4	1	6	32-42	20
Oeiras	10	3	1	6	31-43	17
Parede	11	3	—	8	33-44	17
F. Benfica	11	1	4	6	23-49	17
Mundet	11	2	1	8	28-56	16

HOJE À NOITE

BASQUETEBOL — Fecho de inscrições para o torneio do aniversário da Associação de Basquetebol de Lisboa.

HANDEBOL — Na capital do Norte, disputa-se o encontro, na véspera de 7, entre as selecções do Porto e de Lisboa.

TÊNIS DE MESA — As 20 e 30 horas, realiza-se a assembleia geral extraordinária da Federação Portuguesa de Ténis de Mesa para estudo da remodelação dos estatutos.

A SIMPATIA DO PÚBLICO PELO SERVIÇO DE «TARIFAS»

Em cada mês transporta a C. P. cerca de 3 milhões de quilogramas de «tarifas» em volumes de 5, de 10, de 20 e de 30 quilogramas.

É uma prova da eficiência e pertinência deste serviço.

Tomás Paquete

o dedicado atleta do Benfica vai ser alvo de justa consagração

Dentre as várias festas de homenagem marcadas para amanhã, há uma que merece ser realçada: a de Tomás Paquete, popular atleta do Benfica, que bem pode ser apontado como exemplo de dedicação clubista, correcção e lealdade.

Com efeito, Tomás Paquete, ao longo da sua brilhante carreira não conheceu outra camisola que não fosse a do Benfica, que serviu sempre devotadamente, sem regatear esforços ou alardear sacrificios. E da mesma maneira serviu o atletismo nacional, pois o simpático desportista ganhou as esporas de «internacional».

Não admira, portanto, que Paquete tenha conquistado as maiores simpatias que o seu porte invulgarmente correcto, aliado a uma modestia sem par justificam amplamente.

Nos longos anos de actividade, Tomás Paquete conquistou um palmarés valiosíssimo. Basta dizer que foi o unico atleta português que

HIPISMO

O concurso de Cascais

tem amanhã

a 2.ª jornada

O 22.º Concurso Hípico Oficial de Cascais continua amanhã, com as provas da 2.ª jornada. O hipódromo da Gandarilha registará por certo mais uma enchente, pois o certame tem tradições das mais brilhantes, que serão mantidas, uma vez que a organização da Sociedade Propaganda de Cascais se apresenta cuidada e a inserção dos nossos melhores concurrentes está assegurada.

O programa inclui a prova «Cidade de Cascais» (reservada a sargentos e furiéis) e a prova «Capitão José Beltrão», (em duas séries) em percurso de «caça».

Os juniores, com o seu concurso à parte, têm, igualmente, a 2.ª jornada, com a prova «Camara Municipal de Cascais (em duas mãos) e em duas séries».

As provas principiam às 14.30 horas.

correu os 100 metros em 10,5 s. — marca que, no entanto, nunca chegou a ser homologada, por uma decisão que bem pode considerar-se



TOMÁS PAQUETE

arbitrária. Mas, Paquete creditou-se, por 3 vezes do tempo de 10,6 s. o que é uma proeza que nenhum outro atleta igualou.

A festa de amanhã adivinha-se, portanto, de verdadeira consagração. E Paquete poderá, então, verificar como é estimado não só entre a gente do seu clube, mas entre os desportistas em geral, que o vêem abandonar a actividade com verdadeiro pesar.

O programa da festa de amanhã inclui saltos de mesa alemã, provas de atletismo (83 m. barreiras, 1.000 metros, 3.000 metros, martelo, 300 metros, 60 metros (veteranos) e 80 metros, futebol entre as equipas do S. L. Saudade e um misto da secção de atletismo (20 minutos cada parte) e futebol entre grupos mistos, de categorias inferiores) do Benfica e Belenenses.

DESSPORTOS

Várias provas de amanhã

CICLISMO

O Circuito da Galiza, para populares, volta a disputar-se amanhã, pela 15.ª vez, e está a despertar, como sempre, o maior entusiasmo. A prova inclui oito voltas com o seguinte percurso: Galiza, Estrada de Bicesse, Quatro Estradas, Asilo Queimado, Rua Dr. António Martins, Mercado, Estrada de Alapraia e Galiza, num total de 25 quilómetros.

A corrida principia às 15 horas, tendo sido instituídos valiosos prémios.

Os ciclistas amadores têm amanhã uma competição: o Circuito de Alcanhões, na distância de 70 quilómetros—cinco voltas ao percurso Alcanhões-Vale de Lobos-Póvoa de Santarém-Alcanhões. Estão inscritas as melhores equipas.

DESPORTO CORPORATIVO

Em Coimbra, disputa-se amanhã, de manhã, a 2.ª «mão» da final do campeonato nacional de voleibol, voltando, como é óbvio, a defrontarem-se as equipas dos Bombeiros Voluntários de Coimbra (vencedora na 1.ª «mão», por 3-0) e da Shell Portuguesa.

Em Lagos disputa-se amanhã o 4.º campeonato nacional de pesca desportiva de Mar, organizado pela F. N. A. T., com a colaboração da Câmara Municipal de Lagos. O número de concorrentes, quer colectivamente, quer individualmente é elevado, o que assegura o interesse do certame.

HOQUEI EM PATINS

O campeonato regional do Sul, de hóquei em patins, da 1.ª Divisão, reserva para amanhã o desafio Sintra-Oeiras, última da 1.ª «onda» da 2.ª volta da prova.

Os encontros realizar-se-ão no «rink» de Sintra, às 17 e 18 horas, respectivamente em «reservas» e «honra».

NATAÇÃO

Os Campeonatos Nacionais de Juniores, com a participação dos melhores nadadores da categoria (de ambos os sexos), incluindo os Moçambicanos, têm amanhã a sua segunda jornada na «Piscina-Concha», da Praia das Maças.

FUTEBOL

(Continuação da página anterior)

ram feitos ainda por Dieguin em consequência de um canto (aos 10 minutos) e por Faia, aos 25 minutos, estabelecendo o resultado final.

Na segunda parte houve alterações nas linhas, entrando Onório e Rodrigues a substituir Lança e Pimenta no Barreirense, enquanto Palácios tomou o lugar de Figueira, no Atlético.

No grupo português distinguiram-se Faia, sendo o melhor, dos 22. — (A. N. I.).

O jogador Augusto Rocha está vinculado ao Sporting

Por despacho do subsecretário da Educação Nacional, exarado ontem, foi indeferido o requerimento do jogador Augusto Rocha, que pretendia a anulação da sua transferência da Académica para o Sporting. Desta maneira, Rocha pertence, oficialmente, aos quadros atléticos do clube «leonino».

O Caldas em digressão

A equipa do Caldas segue, no dia 5, para Espanha, onde vai realizar o mínimo de três jogos, em Salamanca, Oviedo e Zamora, respectivamente nos dias 7, 8 e 11 de Setembro. A comitiva do Caldas é constituída por 18 jogadores, treinador e um director.

CHEGOU A LISBOA

o presidente da Sociedade de Autores Brasileiros

Oregou, ontem, a Lisboa, no avião da Panair, o sr. Daniel Rocha, presidente da Sociedade de Autores Teatrais Brasileiros, que hoje foi cumprimentar a direcção da Sociedade de Escritores e Compositores Portugueses, presidida pelo sr. Félix Bermudes.

O sr. Daniel Rocha está de passagem em Portugal e segue, dentro de poucos dias, para a Bélgica, on- vai tomar parte no Congresso Internacional de Autores.

O programa inclui as seguintes provas:

Masculinos — 1.500 m., livres, 200 m., bruços; 100 m., livres; 4x200 m., livres. Femininos — 100 m. livres, 100 costas; 200 m., bruços e 4x100 m., estilos.

* * *

O «Dia Popular da Nataçao» tem amanhã mais uma edição, na piscina de S. Bento, com larga representação de nadadores de alguns dos bairros de Lisboa.

As instalações do Nacional de Nataçao registarão desde as primeiras horas da manhã larga movimentação — como é habitual.

NAUTICA

Celebra-se amanhã, em Paço de Arcos, mais um «Dia do Patrão Lopes», organizado pelo Clube Desportivo de Paço de Arcos. O festival tem tradições e animará extraordinariamente a risonha vila da Costa do Sol.

De manhã disputar-se-ão várias regatas de vela nas classes «fins», «sharpies de 12 m2», «snipes», «sharpies de 9 m2», «avougas», «moths» e borjas, com largadas em separado, a partir das 11.05 e com intervalos de 10 minutos. Estão previstas duas provas de nataçao: às 16.30 h., a «Pequena Travessia de Paço de Arcos»; às 17.30 h., a «Travessia Caxias-Paço de Arcos».

PUGILISMO

No «ringue» do Clube Atlético de Campo de Ourique, realiza-se amanhã, às 21.30 horas, uma sessão de pugilismo, dedicada ao popular preparador e antigo pugilista, Francisco Brito. Prestam a sua adesão as equipas do Benfica, Desp. do Carmo, G. D. da Mouraria, Rio de Janeiro e Academia Ver-til. Os melhores nomes do pugilismo amador estão ligados a esta organização, pelo que é natural o grande interesse que se verifica à volta do certame.

TÊNIS

Nos «courts» do Estoril devem ficar concluídos os campeonatos nacionais (individuais) de 2.ª categoria — um dos mais importantes certames do calendário oficial da F. P. L. T., que este ano foi particularmente concorrido.

O programa só poderá ser estabelecido depois dos encontros desta tarde revelarem os jogadores que continuarão na competição, mas, porque a selecção de valores está a fazer-se com a maior regularidade, a «onda» de amanhã tem inegável interesse e deve constituir magnífica jornada de propaganda da modalidade.

TIRO AOS PRATOS

Em Malveira, sob a organização do Atlético local, prossegue amanhã um torneio de tiro aos pratos, que despertou o maior interesse.

VELA

Na baía de Cascais prosseguirão amanhã os campeonatos nacionais de «moths», que prometem desenrolar-se com o maior interesse, constituindo magnífico introito da Semana da Vela.

Festivos e Cinemas

Atrás do reposteiro

Há negociações para que o Teatro de Gerifalto se apresente na T. V. Portuguesa com a peça «Os velhos não devem namorar».

— A companhia itinerante «Comediantes», em digressão pela Província, leva amanhã à cena no Teatro-Cine Ferreira da Silva, a peça «Quando a verdade mente».

— A artista Maria Helena Tavares segue, na terça-feira próxima para Hamburgo, onde vai actuar num programa português, que se apresentará naquela cidade.

— Na próxima semana vai actuar no Casino Estoril, o «ballet» da direcção dos artistas Agueda Sena e Fernando Lima.

— No dia 3 de Setembro chega ao Funchal o Teatro Nacional Popular.

— A peça «As pupilas do sr. rei», é amanhã representada na Figueira da Foz, pela companhia Rafael de Oliveira.

— Deixou de fazer parte da companhia do Teatro ABC o ponto teatral Soares Borba.

O Imperial

reabre hoje ao público, completamente remodelado

Desde 1925, ano em que foi construído, na Rua Francisco Sanches, à Praça do Chile, o «Imperial» co-tou-se logo como um dos mais populares cinemas de bairro, da capital. Remodelado há 20 anos, sofreu, agora, nova transformação, ou melhor, foi demolido, em Março de 1957, para se fazer, no mesmo local, um novo cinema, mais amplo, com todas as comodidades modernas, dotado da mais recente aparelhagem técnica de projecção e som.

E' este novo «Imperial» que logo reabre as suas portas ao público. A fachada, (um painel liso de mais de 20 metros) é um grande cartaz, a todo o comprimento e altura do edifício, a anunciar o sentido moderno que orientou a sua construção. A sala de espectáculos compreende 732 lugares (403 plateias e 329 balcões), com cómodos «fauteuilles», espaçosos, dispostos de maneira a deles se desfrutar excelente visibilidade. Com ar condicionado, e revestido de placas de cortiça para o isolamento acustico e térmico. O «ecran», de grande luminosidade, serve para todas as modalidades de projecção, desde a normal ao cinematocope.

Todas as dependências do novo «Imperial», aliás, foram construídas tendo em vista a comodidade dos futuros frequentadores do cinema, que conta ainda com uma bem apetrechada cabina de projecção.

Primeiras exhibições

«O enigma da Estátua», no Edén

Fazem bem os empresários de cinema tão causticados de impostos, e ainda por cima com espectáculos

dirigidos a domicílio tão debeis de interesse — em exhibir de Verão os melhores filmes. O facto de invertem a programação, reservando para esta época as obras de intriga poderosa ou de larga visão espectacular, fez-nos ontem assistir no Edén à projecção do «Enigma da Estátua», cuja denominação poderá à primeira vista parecer focar um caso estético passado entre artes plásticas. Nada disso. Trata-se de uma história excepcional, misto de carácter detectivesco e estudo psicopático, inteligentemente encadeada que tanto surpreende, como fascina.

A obra foi extraída de uma novela célebre, ainda não conhecida em Portugal, e assemelha-se até certo ponto pelo problema interrogativo, o vigor do estilo, a multiplicação dos despiestes, às melhores obras de Georges Simenon ou de Agata Christie — o rei e a rainha dos romancistas policiais. Lembra-nos ainda a legenda dramática de «Jack, o estripador», que talvez não tenha existido se não na mente de Conan Doyle.

O filme é conduzido com segura maestria. Sente-se que o realizador captou todas as incidências e re-facções do problema, na sua linguagem imagética. O publico assiste a um crime; depois á tentativa de outros, entra numa clinica de doentes mentais e, em cabarés nocturnos de grande luxo.

A protagonista é uma linda mulher. Nem mais, nem menos que essa estátua de carne, autêntica Venus do século XX, que é a sueca Anita Ekberg.

Porque a querem assassinar? Qual o papel do médico psiquiatra neste entrecabo denso, ofegante, pontuado de «suspenses», em que por vezes, o espectador tem de intervir com o seu raciocínio para preencher as voluntárias soluções de continuidade que Gerd Oswald deixou na produção?

Há no «Enigma da Estátua», ódio, furor, hipnotismo, mesmo sadismo, desdobramento de personalidades, volúpia, ciúme, paixão. Tudo isto, digamos, atómicamente, faz explosão no «ecran», constituindo um espectáculo intensamente emocional, por vezes, com «trouvailles» curiosas, como determinada cena de amor, interferida amiúde pelo corte das imagens, mas que as legendas esclarecem o que fez sussurrar a plateia, que quer á viva força «ver o que lhe é occultado. O ballet de Anita Ekberg, no cabaré, com as mãos presas numa cadeia de ferro e semi-nua é de uma beleza estranha.

Todos os outros intérpretes têm categoria. Complementos diversos, entre os quais um lindo e colorido desenho animado que se pode reputar uma obra de pintura impressionista. — Visor 45.

«Sem amor nem perdão», no Avis

No Avis encontrarão os ainda românticos um filme que conta a história triste duma menina que começa por fugir de casa de seus pais com um tipo que lhe sai um facinora. Após este erro, outros lhe

surgem na vida com que a pobre tenta acabar quando a Polícia já a persegue, etc. Tudo isto existe e é triste, por mais que queiramos aparentar cínica indiferença pelas desgraças alheias, como a desta pobre rapariga do filme.

A protagonista é bem representada por Cosetta Greco, realmente pobre menina, sem nada de semelhante a francesa Greco a não ser o nome. Renato Baldini, Massimo Serrato, Romero Rossetti, Tullio Tamadoni e Paolo Amato representam os restantes «papeis» do filme que Carlo Campagallini realizou em estilo e correspondente ao argumento de Nicola Manzari. — VISOR 68.

No São Jorge

«O Tubo da Morte»

Peter Van Eyck, o grande actor alemão é o assassino de «O Tubo da Morte», («The Snorkel»), que nos dá a perfeita interpretação do sádico, neste interessante filme de argumento original e bem adaptado de Peter Myers e Jimmy Sangster, numa produção inglesa da Hammer Film. O «snorkel» é um instrumento de caça submarina que este terrível assassino utiliza como arma para os seus nefandos crimes, escolhendo para vítimas, belas raparigas indefesas. Mandy Miller, a intérprete de «A surda-muda», mostra-nos as suas grandes possibilidades nesta realização de Guy Green o mesmo director de «A casa dos segredos». E' um filme Columbia para maiores de 17 anos.

Hoje no Coliseu

a revista

«Ai, mexe... e remexe!»

Exibe-se hoje, em duas sessões, no Coliseu, às 20 e 30 e 22 e 30, a revista «Ai, mexe... e remexe!», interpretada pela Companhia Brasileira de Revistas. Para os dois espectáculos de hoje são válidos, os bilhetes com a data de ontem.



EM

8ª SEMANA TRIUNFAL

A PEÇA QUE TODOS QUEREM VER E APLAUDIR COM

LAURA ALVES A RAINHA

DO FERRO-VELHO

ASSIS PACHECO

MARIA HELENA ARTUR SEMEDO

A FRENTE DUM NOTÁVEL ELENCO

NO TEATRO MONUMENTAL

Emp. Laura Alves-T. 55733 Adultos—17 anos HOJE ÀS 21.45 H.

AMANHÃ ESP. ÀS 16 HORAS

NÃO SE FALA NOUTRA COISA EM LISBOA!

Basapoga

TELEF. 23554 AV. LIBERDADE, 137 (ADULTOS M DE 17 ANOS)

SEMPRE ENCHENTES COM A NOTÁVEL ATRACÇÃO ESCULTURAL

BALLET

ROSALIN ROY

* PRÉMIOS DE BELEZA EM NOVOS RITMOS MODERNOS

O quarteto de baile LOS MESQUITA

Aparelha de baile Carmen Sacromonte — Luiz Ramon

Permanente musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

TERMAS DE MONFORTINHO

HOTEL ASTORIA

(Classificado de Luxo pelo S. N. I.)

UM DOS MELHORES HOTEIS DE PORTUGAL

REABRE A 1 DE SETEMBRO

Direcção de Arlindo M. Novo

Inf. Telef. 5 - 14 - 15 - 16

Inaugura-se hoje às 21.15 h. O IMPERIAL

UM ANTIGO CINEMA TRANSFORMADO NA MAIS CÓMODA E ELÉGANTE CASA DE ESPECTÁCULOS DE LISBOA

O PROGRAMA DE ABERTURA COM UM SENSACIONAL FILME EM CINEMASCOPE E COR DE LUXE

Amar não é pecado

(primeira reexibição)

O MAIOR ÊXITO DO ANO, UMA HISTÓRIA PALPITANTE DE INTERESSE E EMOÇÃO, COM LANA TURNER, HOPE LANGE e LEE PHILIPS

ADULTOS — Maiores de 17 anos

A BILHETEIRA ABRE às 14 horas
RUA FRANCISCO SANCHES, A PRAÇA DO CHILE — Tel. 45933

SOLAR DA HERMINIA

Largo Irindade Coelho — Tel. 29164

BANQUETES

Jantares e Ceias

Fados e Guitarradas

com

HERMINIA SILVA

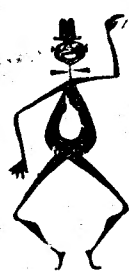
e o seu elenco privativo

(Maiores de 17 anos)

RESTAURANTE RAMALHETE

RUA DE D. PEDRO V N.º 56

UMA JANELA ABERTA SOBRE LISBOA



CALIPSO

Praça da Alegria, 56
Telef. 34120

ADULTOS M. 17 ANOS

HOJE — ESTREIA DO BALLET

ERASTO
and his
DANCERES

NO RESTAURANT — CEIAS com FADOS e GUITARRADAS
sob a direcção do cantor ALFREDO LOPES

Jardim Infantil Pestalozzi

Ensino infantil e primário para ambos os sexos

R. de Malpique (ao Campo Grande) n.º 20-20 B — T. 771843-29119
(das 15 às 18 h.) — Transporte privativo

Leia o **fixe**

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

RITZ CLUB

Adultos — Maiores de 17 anos

MUSICA DE BAILE POR

VILAÇA E SUA ORQUESTRA

NO SALÃO TÍPICO:

NOTÁVEL SERVIÇO DE CEIAS
COM FADOS E GUITARRADAS

O ÊXITO DE MAIOR SENSACÃO DO ANO!
SEMPRE CASAS A' CUNHA!

ADORACION Y JOSÉ LUIZ

A FAMOSA PARELHA DE BAILE QUE ARREBATA O PÚBLICO

TRIO BRISAS

HERMANOS SACROMONTE

E, AINDA, TODO O ELENCO DE OURO DO «RITZ-CLUB»

Cartaz dos Cinemas



15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/17 anos)
A coragem e a glória dos «ratos» que incendiaram o deserto, em Cinemascope

SEM TEMPO PARA MORRER

com Victor Mature e a sensacional descoberta italiana Luciana Paluzzi



A's 15.00 - 18.30
e 21.30 (M/12 anos)
Um espectáculo de emoções estranhas

O ENIGMA DA ESTATUA

com a escultural artista
ANITA EKBERG



15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/12 anos)
3.ª SEMANA
Um filme cheio de bom humor e alegria de viver

O TARZAN DO 5.º ESQ.

com Raul Solnado, Carmen Mendes, Artur Agostinho e Leônia Mendes



A's 15.45 (p. r.)
e 21.45 (M/17 anos)
A heroicidade de um punhado de homens a quem cognominaram «ratos do deserto» em Cinemascope

SEM TEMPO PARA MORRER

com a sensacional descoberta italiana Luciana Paluzzi e Victor Mature



A's 15.30 (p. r.)
e 21.45 (M/17 anos)
O romance de uma mulher que todos condenavam

SEM AMOR NEM PERDÃO

com Cosetta Greco e Renato Baldini



A's 21 (M/17 anos)
ANGELA
TEMPO DE FÉRIAS



A's 3 e 6.15 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite (M/17 anos)
Um filme bárbaro passado em África

TERRA NUA

em Cinemascope
com Richard Todd e Juliette Greco



15.15, 18.15 e 21.30
Grande êxito do notável filme de suspense e de acção vibrante e imprevisível

O CAMINHO DO OURO

com Jeffrey Hunter e Sheree North
Cinemascope — (Adultos — M. 17 anos)



A's 15.30 (p. r.)
e 21.45 (M/17 anos)
Em 2.ª SEMANA
A história alegre de uma costureirinha que se tornou rainha de Paris

MIMI PINSON

com Dany Robin e Raymond Pellegrin



21.15 (M/17 anos)
Superscope col.
A VIDA AMOROSA DE ANDRÉ CHENIER
com Antonella Lualdi
O SEGREDO DOS DEUSES
com Gil Vidal



21.30 (M/17 anos)
Technicolor
PORT AFRIQUE
A governanta



A's 21 (M/17 anos)
Cinemascope
SANTIAGO FUMOS DE AMBICÃO



A's 21.30 (M/17 anos)
A PRINCESA E O SEU CAPITÃO
com Walter Pidgeon



15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/17 anos)
Michel Auclair
Marianne Koch

MISSÃO DIABÓLICA

A famosa «conspiração de generais» que só agora é revelada.



15.15, 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
A história de um assassino que desafia a Polícia e as mais belas mulheres

O TUBO DA MORTE

Peter Van Eyck — Betty St. John
Mandy Miller

Temperatura primaveril — Ar refrigerado



15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
Um sábio em foguetões, refugiou-se numa pacata aldeia anónimamente e então...

PARAISO ESQUECIDO

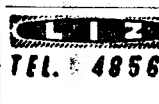
com Franco Fabrizi e Valentina Cortese



15 - 18.30 e 21.15 (M/17 anos)
Um sensacional filme de acção e suspense

MATOU MIL VIDAS

com Edmond O'Brien e Mona Freeman
No progr.: A virgem de ouro
Preços red. — Época de verão



A's 21 (M/17 anos)
Cinemascope col.
O VESTIDO ESFARRAPADO
HOMEM SEM RUMO



21.15 (M/17 anos)
RELATÓRIO CONFIDENCIAL
SETE DIAS DE PERSEGUIÇÃO



A's 21 (M/12 anos)
Ep. Verão (p. r.)
LANCEIROS DA ÍNDIA
No progr.: Veneno de cobra

COLISEU

AVISO AO PÚBLICO

EM VIRTUDE DO ACIDENTE ONTEM OCORRIDO — FELIZMENTE, SEM CONSEQUÊNCIAS, COMO SE VERIFICOU — A EMPRESA ANUNCIA PARA

HOJE

EM 2 SESSÕES — Às 20.30 e 22.45 horas
A ESTREIA DA REVISTA POPULAR

AI, MEXE... E REMEXE!

TODOS OS BILHETES DE ONTEM TÊM VALIDADE PARA HOJE E OS QUE ONTEM ESTAVAM VENDIDOS PARA O 2.º DIA TERÃO VALIDADE PARA AMANHÃ, DOMINGO, A NOITE, E ASSIM SUCESSIVAMENTE

AMANHÃ, DOMINGO, ÀS 16 HORAS
1.º ESPECTÁCULO À TARDE

MAIORES DE 17 ANOS

CAVALHEIRO

V. Ex.ª encontra: Doçaria caseira, Café de Timor em balão — Inconfundível —

UMA PEGA 6\$50 no
BAR RIBATEJO — Praça do Areeiro, 11-D.

HOJE, às 22 h. e às 23 horas, a preços reduzidos
SOM E LUZ no Claustro do Mosteiro dos Jerónimos
«NOITE DO TEJO»
(Maiores de 12 anos — Sábados, maiores de 6 anos)

De ontem para hoje

CUIDADO COM OS CUIDADOS

PORQUE o assunto tem encontrado nestas colunas um eco que nos parece apropriado e justificado, registre-se com louvor a notícia de que a F. N. A. T. decidiu estabelecer normas reguladoras da inscrição e classificação dos agrupamentos que se atribuem propósitos folclóricos. A decisão resulta, conforme se lê na informação divulgada, da circunstância de «ultimamente se ter verificado por toda a parte a organização de grupos artísticos» e, por conseqüência, «defender o folclore na sua pureza». Acrescenta-se que aos grupos que não estiverem «seguros dos verdadeiros princípios e características que lhes permitirão o título de representantes do folclore nacional» não poderão ser concedidos quaisquer auxílios. Muito bem. Tem havido «folquiores» a mais e defesa a menos do verdadeiro folclore, abastardado e envilecido por bastas fantasias. Mas aquela diferenciação só por si, não basta. Preciso será ficarmos possuídos da convicção de que, para a executar, haverá efectivamente a entidade autorizada de títulos, instruída de saber e segura de seriedade que possa tranquilizar, em vez de mais perturbar, os que legitimamente têm sabido erguer as suas dúvidas. Para a segunda parte a primeira será letra morta.

FEIXE DE IMAGENS

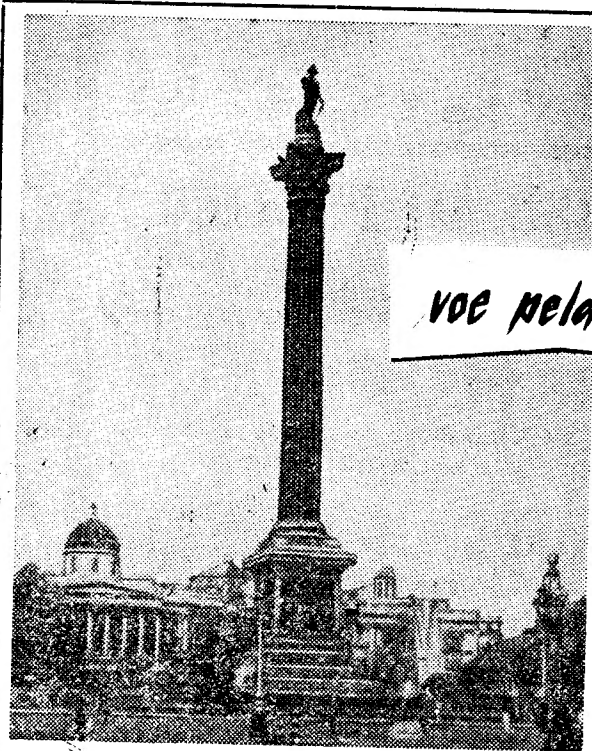
VEM contada esta manhã a notícia de uma viúva de Sintra que fez tudo que julgou estar ao seu alcance para que o seu defunto viesse todas as graças do Paraíso. A receita era fácil e obteve-a pela mão de duas ladinas que se fizeram passar por ciganas. O preço é um longo rol de valores, que inclui roupas, um faqueiro de prata, três pulseiras, rendas, uma gargantilha com brilhantes, relógios e ainda mais a bagatela de oito contos em dinheiro. O desejo da boa viúva dar paz à alma do marido só encontra meças na sua credulidade.

* O general Luís da Camara Pina foi designado para o cargo de chefe do Estado-Maior do Exército, vai substituir o general Beleza Ferraz, elevado, por seu turno, a chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, cargo que era exercido pelo general Botelho Moniz, chamado a ministro da Defesa Nacional. O general Gomes de Araujo, que deixou recentemente o cargo de ministro das Comunicações e ingressou ao serviço das armas, assume as funções de director dos Altos Estudos Militares, que estavam a cargo do general Pina.

* Apesar da chuva refrescante dos últimos dias, encontra-se esta manhã uma larga lista de fogos: em Tavira, uma cavalariça destruída e um macho morto; em Famalicão, arrecadações, uma casa de lavoura e uma arrecadação; em Tabua, alfaias agrícolas, generos e estábulos; em Santa Maria das Lamas, uma secção de uma fábrica de cortiça, com 350 sacos de rolhas prontas para exportar; em Vieira de Leiria, outro fogo numa fábrica, esta de cerâmica.

JORNAL PEQUENO

O chefe do Estado recebeu em audiência, no Palácio de Belém, os srs. eng.ª Canela de Abreu, dr. Mário Madeira, eng.ª Francisco Ribeiro Ferreira e Tomás Pinto Basto. * O chefe do Governo trabalhou com o ministro da Defesa Nacional. * Os governos de Portugal e da Suécia resolveram elevar as suas representações diplomáticas à categoria de embaixada. * O antigo ministro da Defesa, coronel Santos Costa, tem estado a descansar na sua casa nas termas de Alcaface. * Está em Lisboa o comandante Jean Nielly, chefe da base aero-naval francesa de Port-Liautey. * O sr. Juvenal de Oliveira Coutinho foi nomeado secretário do ministro das Obras Publicas.



voe pela BEA

Viscount para LONDRES

PARA VIAJAR NA EUROPA CONSULTE A BEA EM PRIMEIRO LUGAR.

4 VOOS SEMANAIS



Informações e reservas através do seu Agente ou da BEA - Av. da Liberdade, 23-27 - Lisboa - Telef. 3 09 31

BRITISH EUROPEAN AIRWAYS

OURIVESARIA

SANTA FILOMENA

PRATAS - ANTIGUIDADES
(Frente ao Jardim Zoológico)
TELEFONE 783092

FAQUEIROS DE PRATA

TODOS OS ESTILOS
FABRICO PRÓPRIO

OURIVESARIA PIMENTA

R. AUGUSTA, 253—Telef. 2 4564

EXERCÍCIOS FINAIS DOS NOVOS SAPADORES BOMBEIROS

Um simulacro de incêndio provocado pela queda dum avião de caça perto dum prédio habitado

No quartel do comando do Batalhão de Sapadores Bombeiros, efectuaram-se, durante a manhã de hoje, actos comemorativos do encerramento da Escola de Recrutados de 1957-58, daquela corporação.

A fim de presidir às cerimónias, chegou pelas 10 horas, a Avenida D. Carlos I, o sr. Luís Pastor de Macedo, vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa, que, à entrada do edifício foi recebido pelos srs. tenente-coronel Ribeiro Viana e capitão Carvalho Frasso, respectivamente 1.º comandante e adjunto-técnico do Batalhão.

Uma companhia, de grande uniforme, com bandeira, banda de música e corneteiros, sob o comando do chefe de 1.ª classe Mário de Almeida, fez a guarda de honra, formando no passeio, fora do quartel.

O sr. Luís Pastor de Macedo passou revista à formação e, depois, a força desfilou em continência, indo formar ao fundo da parada, principal, onde já se encontrava formada a Escola de Recrutados, sob o comando do chefe Domingos Pais.

Ali aguardavam o vice-presidente da Câmara, entre outras pessoas, os srs. dr. Eduardo da Silva Neves e Saphera da Costa, vereadores; major Pascoal Rodrigues, comandante da Polícia Municipal; e vários funcionários superiores da Câmara.

O sr. Luís Pastor de Macedo, auxiliado pelo sr. tenente-coronel Ribeiro Viana, procedeu à entrega dos 45 machados — símbolo da profissão de bombeiro — a outros tantos componentes da referida Escola, que acabaram os seus exames, pelo que passaram a prontos.

O sr. capitão Frasso leu o compromisso de honra que os novos sapadores bombeiros prestaram, com o braço direito estendido. Terminada aquela cerimónia, foi prestada homenagem aos mortos em serviço do B. S. B., com a colocação de uma palma de flores junto da placa existente à entrada principal do quartel. Desempenhou essa missão o bombeiro Joaquim da Purificação Beato, o 1.º classificado da Escola de Recrutados, perante esta em formação.

Depois, a guarda de honra e a Escola de Recrutados desfilaram, e o sr. Luís Pastor de Macedo, seguido das restantes individualidades, dirigiu-se para a parada superior, onde decorreu a segunda parte do programa, que serviu para demonstrar o grau de aperfeiçoamento dos novos elementos do corpo activo. Ao fundo da parada, com frente para a Casa-Escola, foi colocada uma tribuna, ornamentada com as bandeiras nacional e do Município e verduras, na qual tomaram lugar as referidas individualidades e muitas outras. Algumas centenas de pessoas das famílias dos componentes do Batalhão tomaram lugares em dezenas de filas de cadeiras. Os novos sapadores bombeiros exibiram-se em exercícios de ginástica educativa e especial. Depois, houve manobras abstractas, constando de subidas individual e a dois, com escada de gancho, diferentes tipos de salvamentos, apresentação de viaturas utilizadas em 1890 e 1918, execução de diversas manobras, entre as quais a escalada por escadas simples («escalada da morte»). Depois de salvados às costas, por escadas de molas, e de montagem de agulhetas, houve um simulacro de incêndio com o seguinte tema:

«Por avaria no motor, um avião de caça, F-84-G, perde altura e cai

num logradouro, próximo de um prédio habitado.

O avião incendiou-se e comunicou fogo à escada do edifício, onde, devido à gasolina derramada, o incêndio atinge grande desenvolvimento e corta a retirada aos moradores.

Chegado ao local o material da ordenança, reforçado, visto tratar-se de um acidente de carácter grave (A. C. S., 2 A. P. S., 2 A. E. M., 1 P. S. E., 1 C. P. e 1 A. M.), o respectivo chefe faz um rápido reconhecimento e, verificando a situação crítica em que se encontra o piloto, ordena às brigadas de salvamento, fazendo uso de fatos de amianto, que procedam à sua retirada.

Por reconhecer a impossibilidade dos moradores do prédio sinistrado utilizarem os meios normais de saída, manda-os retirar por diversos processos de salvamento.

O ataque é imediatamente iniciado e intensificado após a realização dos salvados.

O chefe de serviço mantém-se permanentemente em contacto com a Central Telefónica do Comando, por meio de T. S. F., de que são dotados os A. C. S. e A. P. S.

Neste exercício, além do material de salvamentos normalmente empregado, foi utilizada uma tela moderna para saltos, tipo americano, que absorve por si os efeitos do choque.

Este aparelho pode ser utilizado por qualquer pessoa, visto permitir o salvamento com plena segurança.

Antes de se retirar, o sr. Luís Pastor de Macedo, manifestou o seu agrado por tudo o que presenciara, e facilitou o sr. tenente-coronel Ribeiro Viana, pela forma cuidada como é ministrada a instrução aos novos sapadores bombeiros.

Prof. Paulo Cunha

Teve a amabilidade, que muito nos penhorou, de vir ao «Diário de Lisboa» a fim de nos apresentar os seus cumprimentos, o sr. prof. Paulo Cunha, que exerceu o alto cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros numa época particularmente difícil, funções em que teve oportunidade de afirmar por forma notável as suas brilhantes faculdades de inteligência e a sua surpreendente capacidade de trabalho.

COMUN

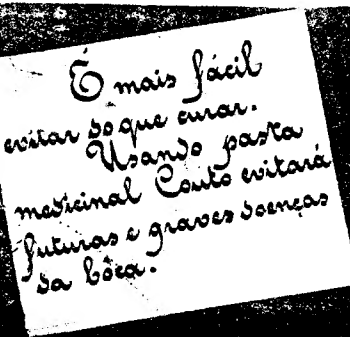
«A CONFIDENTE», A Maior Organização de Propriedades comunica aos seus clientes: Aniversário (BODAS DE PRATA) os seus dias 1 e 2 de Setembro, para assim, todos os de Lisboa, confraternizarem em conjunto, assistindo a uma festiva que tem início em 31 p.º f.º



«A CON

A MAIOR ORGANIZAÇÃO
FUNDADA HÁ 100 ANOS

LISBOA: Rossio, 3, 2.º (Esquina da Rua Augusta)
PORTO: Rua Passos Manuel, 14,
Telefones 28721-27



iguais anseios e esperanças para

Cerca de cem

a 3.ª oficiais da F. fizeram hoje prova numa sala do Ministério

A sala de concursos do Ministério das Finanças, ampla e moderna, voltou hoje a albergar anseios e esperanças, desta vez de cerca de cem candidatos a terceiros oficiais do quadro da Direcção-Geral da Fazenda do Ultramar.

A prova estava marcada para as 9 e 30, mas não foi possível começá-la antes das dez. Estavam inscritos duzentos e nove candidatos e confirmaram a presença ou ausência de tanta gente não se faz assim do pé para a mão. Bastaria o nervosismo dos examinandos para complicar a chamada, ainda que todos aparentassem apreciável tranquilidade. Ao fim de longa meia-hora, o problema estava resolvido.

Em pequenas carteiras sentavam-se pouco mais de cinquenta por cento dos candidatos inscritos, pois foram numerosas (mais do que é habitual) as faltas registadas. Naturalmente, pessoas que conseguiram, já depois de inscritas, arranjar a desejada colocação, sendo-lhes pois desnecessário tentar a sorte para um lugar de terceiro oficial, cuja remuneração mensal é, presentemente, de 1.800 escudos. Quantos sacrifícios seriam precisos, depois, para galgar o escalão de promoções do respectivo quadro? Até segundo oficial, talvez fosse fácil. Mas depois, para primeiro oficial ou, ainda, para qualquer das três categorias de directores, o «salto»



Um só objectivo: ser terceiro official da Direcção-Geral da Fazenda do Ultramar

candidatos Fazenda do Ultramar para escrita Método das Finanças

Provas preliminares da Semana da Vela em Cascais

veste-se de inúmeras dificuldades. Acontece, ainda, que na metrópole, onde estes futuros funcionários ficarão colocados, o quadro não possui directores de primeira, mas apenas directores de terceira de segunda, que correspondem, respectivamente, a chefes de seção e chefes de repartição, cujos ordenados regulam pela meia-douze e contos em abono final das suas possibilidades de acesso.

A prova de hoje — a única prova escrita das que serão prestadas — teve a duração de três horas, tempo mais que suficiente para resolver um problema de aritmética, edigir um officio e dissertar sobre um ponto de organização administrativa ultramarina. Tanto mais que as habilitações literárias dos candidatos, por força de lei, são o 5.º ano dos liceus ou equivalente. Isto não menos, pois chega a acontecer que nestes concursos se inscrevem alunos universitários ou, até mesmo, licenciados.

Notável a percentagem de candidatos do sexo feminino, numa demonstração inofensiva de que a mulher venceu a maioria das barreiras que a impediam, preconceitualmente, de ascender a determinados postos.

Cada um procura aplicar a sua actividade. E, para a maioria, infelizmente, não é tão fácil como se julga...

Cascais começou hoje a viver um grande acontecimento desportivo náutico — A Semana da Vela. Embora as competições internacionais só comecem na segunda-feira, hoje e amanhã, como preambulo da notável organização, disputa-se o campeonato nacional de «moths». Nada menos de 32 concorrentes compareceram à primeira regata, que hoje se disputou com vento Sudoeste moderado. Foi escolhido um percurso triangular de duas voltas, ao fim do qual, se classificaram nos primeiros lugares os seguintes velejadores: 1.º José Nunes, Sport Algés e Dafundo; 2.º Ricardo Marques, Clube Náutico «Mare-Nostrium»; 3.º Carlos Tolentino, Sport Algés e Dafundo; 4.º António Padinha, Vila Franca de Xira. A regata foi muito animada colocando-se logo de início o vencedor na posição de comando, cortando a meta com cerca de 500 metros de avanço.

As 16 horas, começou a disputar-se a 2.ª regata do campeonato, que deve terminar ao fim da tarde.

MORREU AFOGADO

um menor de 5 anos

PEDRAS SALGADAS, 30. — (Pelo telefone). — Caiu a um pogo, morrendo afogado, o menor de 5 anos, Joaquim Martins Alves, filho do marchante João Rodrigues Alves e da sr.ª D. Isabel Martins, residentes nesta localidade.

Kruchtchev e o cantor negro

MOSCOVO, 30. — Kruchtchev, está em férias num sanatório da Crimeia, recebeu o cantor negro norte-americano Paul Robeson e assistiu a uma exibição do artista. — (A. N. I.).

Crime de morte em Lourenço Marques

LOURENÇO MARQUES, 30. — Registrou-se ontem, de manhã, nesta cidade, um crime de morte, de que foi vítima Lucinda Cruz Ribeiro, de 24 anos, natural de Alhais. O assassino, António Monteiro, Amador de 51 anos, natural de Pinhel, atingiu-a com um tiro de pistola, na região parieto-frontal, quando se encontrava numa das dependências da residência de sua mãe. Depois de cometido o tresloucado acto, o assassino voltou a arma contra si, disparando-a também, na região parieto-frontal.

Ambos foram conduzidos ao Hospital Miguel Bombarda, onde a primeira chegou já morta. O assassino, que se encontra em estado grave, era amante da vítima e residia há muitos anos em Lourenço Marques. Foi proprietário do Hotel Europa, onde a Lucinda Cruz Ribeiro estava empregada, e era agora o actual proprietário da Pensão Internacional. — (L.).

Oficial português em visita a Cape Canaveral

CAPE CANAVERAL, 30. — Cinquenta e sete oficiais estrangeiros, entre os quais o major João Guimarães, do Exército português, tiveram, hoje, a oportunidade de apreciar, de perto, as rampas de lançamentos dos projectos «Atlas» e «Thor», durante uma visita ao centro de experiências das Forças Aéreas norte-americanas no polígono do Cape Canaveral.

A visita teve por objectivo «ilustrar aulas teóricas sobre o desenvolvimento alcançado pelos Estados Unidos no domínio dos projectos teleguiados». Os oficiais, que representam 24 países amigos, frequentam um curso de especialização no Colégio do Comando e Estado-Maior da Aeronáutica, na base aérea de Maxwell, em Montgomery, no Alabama. — (A. N. I.).

O min's'tro das Corporações continua em Lamego

LAMEGO, 30 (Pelo telefone). — O ministro das Corporações, que há dias se encontra nesta cidade, visitou esta manhã vários terrenos que o Município local julga poderem servir para a construção de casas de renda acessível, destinadas a trabalhadores de modestos recursos.

O sr. dr. Veiga de Macedo, que era acompanhado por diversas entidades, declarou que iria dar instruções aos serviços competentes do seu Ministério para se estudar, com urgência, a possibilidade de se construírem nesses locais, casas para trabalhadores, com capitais da Previdência Social.

RÁDIO
KAISER
TELEVISÃO
DISCOS

Av. Duque Ávila, 169-D

POR FAVOR!
NÃO ESQUEÇA!
NÃO CONFUNDA!
A GRANDE OURIVESARIA
DA MODA e na RUA DA PRAIA, 257, com mais de meio século de existência.

Têm-se verificado ultimamente em igrejas de Lisboa e dos arredores numerosos furtos de objectos de ouro e de dinheiro das caixas das esmolas

Embora a Polícia Judiciária possa já uma pista, continuam ainda por esclarecer os inúmeros roubos verificados ultimamente em diversas igrejas da capital e dos arredores.

O de maior valor verificou-se, como noticiámos, no passado dia 18, na igreja de Santiago em pleno dia e no período das 12 às 15, na hora do almoço do sacristão.

Como de costume, antes de sair, o sacristão percorreu todo o templo, sem se aperceber de que o gatinho se encontrava escondido no seu interior.

As diligências, que logo foram iniciadas pela brigada técnica daquela corporação, estão a ser continuadas activamente pelo chefe Canhoto, da 5.ª secção.

Numa delas, efectuada no próprio local do roubo, aquele chefe ficou com a convicção de que o ladrão teve a habilidade de se refugiar atrás do altar-mor e de que esse facto lhe permitiu mais tarde, uma acção descensada, durante aquelas três horas.

Uma coisa é certa: o autor, ou o autores da proeza têm de conhecer forçosamente os hábitos do padre Cassiano Queijo Cabral e do sacristão, o que facilitou grandemente o «trabalho». Assim, foi possível arrombaram uma vitrine, que se encontrava junto da imagem de Santa Filomena, de onde foram retiradas valiosas peças de ouro.

O padre Cassiano, que prestou declarações ao chefe Canhoto, esclareceu o sobre determinados pormenores e indicou à Polícia a relação do ouro furtado, que foi o seguinte: 50 anéis pequenos de criança; 20 alianças de senhora, uma das quais com a inscrição do nome de um casal; 30 fios de diversos amanhos; 12 alfinetes de peito, de diversos feitios; 6 anéis de homem; 12 anéis de senhora; 10 pares de brincos de diversos tipos; uma gargantilha e ainda uma pulseira, assim como outros objectos, tudo avaliado em milhares de escudos.

O ladrão será o mesmo que assaltou outras igrejas? Tudo indica que sim, pois nas da Madalena, de S. Domingos, da Graça e de Cascais, verificaram-se proezas idênticas e ao que parece, feitas pelo mesmo processo, só com a diferença da acção ter incidido sobre as caixas de esmolas, que foram violadas, sendo delas retirado todo o dinheiro.

Os padres das referidas igrejas repararam muito num indivíduo, que aparenta ter cerca de 30 anos de idade e 1 metro e 70 centímetros de altura, de rosto comprido, muito trigueiro e com cabelo preto, que penteia para trás. O referido indivíduo usa camisola preta, com barra amarela e é magro, tendo as maçãs do rosto salientes.

A frequência com que aparece nas igrejas tem sido muito assinalada, tanto mais que ele reza durante horas consecutivas, confes-

sando-se a alguns dos sacerdotes, que, se o virem o reconhecem facilmente.

A Polícia Judiciária procura agora apreender as peças de ouro furtadas, restando, contudo, que o ladrão as tenha derretido, e vendido o ouro a peso. Solicita, assim, que qualquer ourives, ou particular, que tenha efectuado transacções desse género se apresente na 5.ª secção, no Tórel.

As homenagens prestadas em Londres

ao dr. Teotónio Pereira

LONDRES, 30. — Na recepção que em honra do antigo embaixador de Portugal, dr. Teotónio Pereira, ministro da Presidência do novo Governo português, ofereceu, ontem, o «Luso-Brazilian Council», lord Davidson, que ocupa um lugar de inconfundível relevo nos meios lusobrasileiros e hispano-americanos da capital inglesa, manifestou, com palavras eloquentes, o seu pesar pela próxima partida do dr. Teotónio Pereira e, ao mesmo tempo, o mais vivo apreço pela «grande obra por ele realizada durante os anos da sua permanência em Londres, como embaixador de Portugal junto da corte de St. James».

Na sua resposta a lord Davidson, o dr. Teotónio Pereira, agradeceu as manifestações de amabilidade e de amizade de que, durante o exercício do seu cargo em Londres, foi alvo da parte do «Luso-Brazilian Council» e dos seus dirigentes, e disse ser com pena sincera que deixava uma capital onde ficavam tantos e tão bons amigos seus.

Referindo-se a esta recepção e às outras homenagens de que tem sido cercado o dr. Teotónio Pereira, por motivo da sua próxima partida para Lisboa, o «Daily Telegraph» acentua que «foi um breve, mas encantador discurso, proferido com todo o avontade do imporvido e com um perfeito conhecimento do idioma inglês».

O «Daily Telegraph» conclui, observando que o dr. Teotónio Pereira regressa a Lisboa para desempenhar um cargo de grande responsabilidade junto do chefe do Governo e que os seus amigos ingleses formulam os melhores votos para que ele se desempenhe dessas responsabilidades como se desempenhou das que lhe couberam aqui, onde demonstrou ser, em todos os sentidos, «um dos mais eminentes embaixadores» acreditados junto da Corte britânica. — (A. N. I.).

ICADO

ão do País, em Compras, Vendas e Hipotecas
amigos e ao Público, que por motivo do XXV
s escritórios estão encerrados nos próximos
colaboradores e família, tanto do Porto, como
tindo a todas as solenidades próprias da data

CONFIDENTE»

GANIZAÇÃO DO PAÍS
I QUARTO DE SÉCULO

sta) — Telefones 21391-30257-367765-367767
1.º (Ang. da Rua Sá da Bandeira)
011-31309-31729

PARA
COMPRAS
VENDAS
e HIPOTECA de
PROPRIEDADES
CONFIDENTE
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS
DINHEIRO para AUTOMÓVEIS
Emprestamos qualquer quantia
Thorsacção efectuada em menos de 24 horas
MAXIMO SIGILO.
R. Passos
Manuel
Telef. 27011-28721
3.º PORTO
Rossio 3 LISBOA
Telefones: 21391-30257

COLÉGIO INFANTE DE SAGRES LISBOA

Avisam-se todos os antigos alunos que queiram participar no livro do XXX aniversário do Colégio de que o prazo para a recepção da colaboração foi prorrogado até 31 de Agosto.

A todos os que não receberam circular por falta de endereço se pede que a requisitem ao Colégio, mesmo pelo telefone.

Diz o médico...

(Continuação da 1.ª página)

semi-consciência dos actos realizados. Neste campo particular, restrito, todos actuam da mesma maneira, dirigidos pela consciência psicológica, bem diferente da consciência moral.

Quando o homem, porém, no desenvolver da sua actividade adquire a noção do bem, do belo e do justo, surge não apenas como um indivíduo mas, sim, como uma pessoa, marcada por um cunho particular de originalidade. Elevando-se, adquire consciência da sua natureza profunda, isto é, da essência. Porra de consciência moral toda a actividade do seu espírito e da sua inteligência. A chamada consciência moral, separativa de homem para homem, marcará o destino de cada ser humano.

A biotipologia e a psicologia não encaram e estudam aquela consciência da mesma maneira, não a observam do mesmo ângulo.

A embriogénese da constituição, acção específica das secreções internas, os processos biológicos inerentes a cada um, intervêm na formação e desenvolvimento da personalidade.

A consciência moral, disponibilidade permanente, actua com autonomia e dirige sem condicionamentos prévios. Descendo ao fundo da questão verifica-se a existência de um conflito latente e permanente entre o carácter e a consciência, entre o carácter e a pessoa (R. Mucchielli, «Caractère et Personnalité», Paris, 1956).

Verifica-se permanente oposição entre o que é puramente animal e o espiritual. E para certos autores, entre eles G. Berger, o físico, o sensorial, o motor e o intelectual são elementos a integrar na personalidade, tendo cada um destes a sua própria originalidade.

O indivíduo pode adquirir a noção do que é, mas só a morfológica se encarrega de o estudar de fora para dentro. O comportamento caracteriza a pessoa e esta só aparenta o que é.

O homem distingue-se por traços particulares, características essenciais de forma, hábito externo, maneira de ser e de existir, idade que o situa no tempo, comportamento físico peculiar. Ocupa um determinado espaço no agregado social em que vive, agita e sonha. Se está perto do observador existe, mas se a morte o espreita e estreita, pouco restará dele além do nome, nome que o tempo bem depressa se encarrega de esumir e esquecer. Um indivíduo a menos pouco mais é do que um corpo a menos, um gesto despercebido entre muitos milhões.

O homem, porém, é mais alguma coisa: corpo, espírito e alma unidos para sempre. O seu corpo poderá ser, é uma sombra condenada a desaparecer, mas o mistério impenetrável da consciência moral recolhe-o e valoriza-o.

O indivíduo vive amarrado ao real; a pessoa é invariável na própria variação. O seu horizonte ético é infinito.

O homem destacando-se todos os dias e libertando-se da vida puramente animal existe e afirma-se, sobe mais alto, eleva-se, aproxima-se do eterno.

O ser humano participa a cada instante do social: a pessoa transcende o próprio meio.

Existe contudo uma moral natural para além dele e do Estado, uma moral sem a qual a ordem geraria a intranquilidade do espírito e a morte da capacidade de solucionar problemas. As gerações somam-se, sucedem-se, desaparecem. Os imperativos da consciência, esses são imutáveis.

O homem realiza-se totalmente aproximando-se mais e mais, quando procura em seu passo certo, aviz-

nar-se do bem, do belo e do justo. Dentro de cada um tem de existir um acordo perfeito com a essência própria do ser. Este acordo implica realização, respeito pela vida, sacrifício constante do individualismo egoísta e, por vezes, imoral.

Entraves à liberdade de consciência implicam morte de acção, ressentimento recalcado, frustração do indivíduo e do próprio meio. Esta frustração conduz, leva à intolerância, à violência, ao fanatismo, a uma falsa avaliação de valores morais e intelectuais, erradas experiências interiores.

O mais pequeno desvio da personalidade moral, por exemplo, obriga o pseudo-homem de Estado a julgar-se insubstituível, dentro do agregado social que o gerou, a sentir-se exemplar único. Estes doentes da personalidade deveriam ser submetidos a testes psicológicos exaustivos com o fim de serem libertados do drama da ansiedade. Esta libertação constituirá a meta do homem contemporâneo e superior.

O respeito pela vida, sua e alheia, impõe o fim natural da aventura. Necessário é revalorizar todos os dias as constantes morais e espirituais, aquilando-as com maior segurança e critério.

Pactuar a vida de acordo com a consciência e a arte de existir não é um problema fácil. Neste capítulo, todas as previsões falham.

Existe uma variabilidade de condutas directamente ligadas à inteligência. A arte de viver, longe das afirmações de Levy-Bruhl, além de constituir uma invenção constante e permanente, engloba as actividades da razão e da consciência.

A vida nem sempre se encontra de acordo com as prementes necessidades da acção. Importa contudo que exista para além de todas as amplexões uma harmonia perfeita entre a consciência moral e o domínio das paixões, um equilíbrio de ritmos, o sentido da recusa no momento exacto e preciso.

A alegria de viver acompanha sempre o equilíbrio fisiológico. A tristeza denuncia a ruptura. A conciliação não obriga, porém, a uma elasticidade dessa mesma consciência. Desde Kant que se fala da metafísica dos costumes, mas os moralistas contemporâneos, procurando fugir aos princípios kantianos, preferem, tendo presente a vida em comum, referir-se à física dos costumes. Do ângulo biológico, possivelmente o de maior horizonte, toda a actividade implica a perfeita conjugação dos elementos metafísicos e físicos.

As perspectivas religiosas e filosóficas terão de agregar-se a perspectiva biológica, defendida por Vernet. Esta permite explicar as dificuldades inerentes à existência e ao meio. A ética, tendo em conta a diversidade de opiniões, não deve basear-se no sentido exclusivamente biológico. Só a psicofisiologia auxilia o integral conhecimento do Homem.

Rousseau, Kant, Nietzsche, Sade e Durkheim, entre outros, estudaram o homem. Chegaram todos eles à conclusão de que este não é bom ou mau, nasce com todas as probabilidades de ser um ou outro. Tudo depende da realização.

O homem continua a ser o grande mistério, e apesar do avanço de todos os ramos do saber humano, mantém-se esfíngico e indecifrável em sua maneira psicológica de ser ou existir, liberto ou amarrado a complexos, isolado ou integrado no meio.

A. D'E.

3.ª e 4.ª Classes ESCOLA DE ADULTOS

Exames c/ diplomas garantidos
Largo Chão do Loureiro, 1-2.

INSTITUTO PARTICULAR DE SAÚDE

Consultas médicas de todas as especialidades a preços de Policlínica.
SERVIÇO PERMANENTE DE CHAMADAS AO DOMICÍLIO
Av. Guerra Junqueiro, 14, 1.ª, Dt. LISBOA—Telefs. 727408 e 729739

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

UMA SURPRESA NO REGRESSO

INSTALANDO-SE comodamente no avião que partia para o Sul, Eddie Lake pensava, de si para si, como era bom voar numa coisa assim, toda estofada, lembrando-se do helicóptero no qual voara pela última vez. Essa recordação desagradável fê-lo estremecer.

—Precisa de alguma coisa, sargento? —interveio, solicita, a hospedeira de bordo, que reparara naquelas feições maceradas denunciando as amarguras da Guerra Mundial e, mais recentemente, da Coreia.

—Não, muito obrigado! —respondeu Eddie. E, enquanto colocava, com as duas mãos, uma perna sobre a outra, disse para a rapariga loira, tão graciosa no seu bonito uniforme:

—Vê? Cá me arranjo!

Ela afastou-se e voltou, pouco depois, com uma chávena de café.

—Bem quente! —esclareceu a jovem, com um cativante sorriso, ajustando-lhe, depois, a almofada e prevenindo-o:

—É melhor apertar o cinto! Estaremos em Burbank dentro de poucos minutos —acrescentou ela, apontando para o sinal amarelo que surgira atrás da cabina do piloto. E foi ejetar os cintos dos outros passageiros.

Texto integral do conto de KENNETH SCOTT

—«Bem: a parte de cima ainda funciona!» —pensou Eddie, e para provar-lhe a garganta, ao pensar em tudo o que isso evocava: o lar e Betty; Betty e Eddie. Sentiu um grande desgosto por si próprio. Que marido ele fora! Mas ela estava à sua espera. Arrepiaram-se-lhe os nervos e pensou, recriminando-se: —«Deveria ter-me arriscado assim!»

Encostando o braço ao dólman, sentiu a ficha médica que o dava por incapaz. Rio em silêncio, monologando interiormente: —«Agora tenho dois ex: ex-sargento e ex-condenado!» O rosto tomou uma expressão dura, vencendo mais as linhas pronunciadas. Seria prudente voltar? Mesmo passados três anos, não andariam ainda à sua procura? Encolheu os ombros e pensou: —«Talvez, quem sabe? Quem sabe coisa alguma, hoje em dia? Escapou daquela colina na Coreia, quando o próprio comandante já me dava por perdido, sem mencionar ter sido eu quem trouxe para as nossas linhas Tony e o filho do MacGuinnis»...

O avião inclinou-se sobre uma das asas e roçou pela pista. Depois, endireitou-se, correu pelo campo fora e voltou para trás. Eddie esperou que saíssem os outros passageiros. Então, pegou das muletas e afastou o braço da hospedeira, dizendo-lhe, em tom firme, embora delicado: —«Não há novidade!»

Dirigiu-se para a porta, balançando as pernas compridas com os ossos ainda comprimidos por placas de aço. Como pôde desceu a escada e atravessou o átrio rapidamente, pois ali não era lugar para um ex-condenado se exhibir. Os polícias que vigiam os aeroportos têm todos boa memória. A rua estava deserta, o que era para estranhar, mesmo às três horas da madrugada. Ele, porém, não tinha disposição para esperar. Com certeza que havia de passar por ali um táxi.

Atou o saco a uma das muletas, para só ter de segurar nestas e foi-se encaminhando para a estrada, que ficava perto. Tinha de parar, de poucos em poucos metros, para respirar. A noite estava tranquila, envolta em nevoeiro que tinha efeitos maravilhosos.

—«Podem dizer o que quiserem —já pensando, com amargura—. As suas almas seriam mais puras se eles tivessem passado pelo que eu passei!»

Parou junto à estrada e olhou para cima e para baixo, a ver se descobria um táxi. Só via, porém, os círculos enevoados das luzes dos

carros que se aproximavam. O sossego, rodeado de silêncio, mantinha-se inalterável, ouvindo-se apenas o ruído dos pneus no asfalto húmido. Dois faróis romperam a bruma e ele viu o ameaçador distintivo branco. Instintivamente procurou recuar, mas já era muito tarde. Era o carro da Polícia, que logo estacou, recuando e incidindo sobre ele os feixes de luz ofuscante.

—Olá, soldado! Para onde vai?

Entre! —disse-lhe o jovem agente que conduzia, abrindo a porta da viatura.

Eddie quis recusar, mas logo pensou que esse gesto levantaria suspeitas e entrou a custo. Ficou a pensar na cara de Betty quando o visse no carro da Polícia. Então? Eram tempos novos! Um agente mais velho deu uma volta junto ao carro e ele reparou que estava a paisana. Examinou Eddie, por momentos, como se quisesse gravar na memória as suas feições, especialmente as linhas do rosto.

—De onde vem você?

—Acabo de sair do avião!

—Bem sei! Eu vi-o! —retorquiu o agente, cujo olhar não tinha expressão —. Para onde vai?

Eddie vibrava, enraivecido, mas era bastante esperto para não se trair. Quem pensava aquele tipo

inquietos e inquiridores, nele e nos polícias:

—Mas... há alguma novidade? O polícia, fazendo com a cabeça um sinal afirmativo, respondeu-lhe:

—Há, e boa!

E, pegando-lhe do braço e conduzindo-a para a sala de jantar, acrescentou, com certa solicitude: —É melhor recolher-se antes de se constipar!

Betty correu para Eddie e lançou-lhe os braços ao pescoço, beijando-lhe o rosto fatigado, ao mesmo tempo que procurava ajudá-lo a transpor a porta. Lá dentro foi uma confusão de braços, muletas, beijos e lágrimas. Ela lembrou-se, então, dos homens que estavam na casa de entrada:

—Não, quero entrar e tomar uma chávena de café?

O mais velho acenou negativamente com a cabeça:

—Não, muito obrigado!

Depois, encaminhou-se para a porta, chamando Eddie por um sinal:

—Quería dizer-lhe uma coisa, sargento!

—«Pronto! é agora!» —pensou Eddie —. «Pelo menos sempre conseguirei vê-la!» Mas respondeu, procurando um ar natural e baixando a voz para a mulher não o ouvir:

—Pois não!

O polícia de cabelos brancos perguntou-lhe:

—Você lembra-se de mim, sargento?

—Parece-me que sim!... —respondeu, apoiando-se melhor nas muletas —. Porquê?

—Eu lembro-me muito bem. Você era ainda um rapazote —disse o agente, olhando para as condecorações no peito de Eddie —. Aquele filho do McGinnis que você salvou... era um rapazote também...

Fez uma pausa, tossindo para aclarar a voz, e acrescentou:

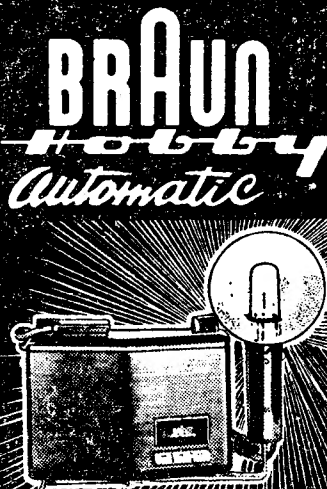
—E' meu neto!...

Depois, meteu a mão no bolso e tirou alguns cheques, presos por um alfinete.

—Aqui tem os seus cheques sem cobertura, Eddie. Pague-os ou!...

Meteu-lhos no bolso do dólman, com estas palavras:

—Agora estamos pagos. E não se meta noutra!



BRAUN
Flash
Automatic

O FLASH ELECTRÓNICO

DE MAIOR VENDA

EM TODO O MUNDO!

- Formidável potência luminosa: 135 joules.
- Mais de 100 disparos por carga.
- Relâmpago: 1/1000 de segundo.
- 2 ângulos de iluminação.
- 5.600 graus Kelvin temperatura de cor.
- Construção em Poliamido absolutamente inquebrável e isolante.

A SOLUÇÃO IDEAL DE ILUMINAÇÃO PARA OS AMADORES E PROFISSIONAIS EXIGENTES

A venda nas boas casas da especialidade

Representante **M. SIMÕES JR**
Rua da Conceição, 46-1.º
Telef 31545/6/7 / LISBOA

Ofereça deliciosos batidos
feitos em casa —



Mix-a-Shake

dá um agradável sabor ao leite!

Faça deliciosos batidos juntando a cada copo de leite gelado uma colher das de chá de Mix-a-Shake batendo vigorosamente. Experimente Mix-a-Shake hoje mesmo e verá como é fácil e económico preparar saborosos batidos em casa.

Três diferentes paladares: BANANA • ANANÁS • MORANGO



UM PACOTE CUSTA SÓ 5\$00 E DÁ QUATRO COPOS

DE LUTO

João Marques Castanheira

No seu palacete na Praia do Baleal (Atouguia da Baleia), faleceu o sr. João Marques Castanheira, conceituado industrial e proprietário. O extinto, que contava 79 anos, era natural de Sampaio, Tábua, casado com a sr. D. Francisca da Gama Leal Castanheira, pai das srs. D. Maria Dulce Castanheira Marques Henriques e D. Maria Emilia Castanheira da Gama Alves e dos srs. João da Gama Castanheira e Fernando da Gama Castanheira.

gerentes industriais, sogro da sr. D. Maria Teresa Condeixa da Gama Castanheira e da sr. D. Maria de Lourdes Duarte da Gama Castanheira e dos srs. José Marques Henriques e Joaquim Celestino da Gama Alves.

O funeral realiza-se amanhã, às 9 horas, da sua residência, para o cemitério do Alto de S. João, de cuja capela sairá, pelas 12 horas, para jazigo de família. Os serviços fúnebres estão a cargo da Agência Barata.

PRAIA DO BALEAL

João Marques Castanheira

FALECEU

Francisca da Gama Leal Castanheira, Maria Dulce Castanheira Marques Henriques seu marido e filha, Maria Emilia Castanheira da Gama Alves e seu marido, João da Gama Castanheira e sua esposa, Fernando da Gama Castanheira sua esposa e mais família, participam que foi Deus servido chamar à Sua Divina presença o seu muito querido marido, pai, sogro, avô e parente, e que o funeral se realiza amanhã às 9 horas da Praia do Baleal (Atouguia da Baleia) para o cemitério do Alto de S. João onde pelas 12 horas sairá da Capela para jazigo de família.

AGENCIA BARATA

João Marques Castanheira

FALECEU

OS CORPOS GERENTES DA (SIPE), SOCIEDADE INDUSTRIAL DE PRODUTOS ELÉCTRICOS, (S. A. R. L.) com o mais profundo pesar participam o falecimento do seu prezado Administrador e bom Amigo, e que o funeral se realiza amanhã às 9 horas da Praia do Baleal (Atouguia da Baleia), para o cemitério do Alto de S. João, onde pelas 12 horas sairá da Capela para jazigo de família.

João Marques Castanheira

FALECEU

A GERENCIA DE REPRESENTAÇÕES EPIS, LDA., dolorosamente participa o falecimento do pai dos seus prezados sócios as srs. D. Maria Dulce Castanheira Marques Henriques, e D. Maria Emilia Castanheira da Gama Alves e dos srs. João da Gama Castanheira e Fernando da Gama Castanheira, e que o funeral se realiza amanhã às 9 horas da Praia do Baleal (Atouguia da Baleia) para o cemitério do Alto de S. João onde pelas 12 horas sairá da Capela para jazigo de família.

João Marques Castanheira

FALECEU

A GERENCIA DE CASTANHEIRA & FONSECA, LDA., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do pai dos seus prezados sócios as srs. D. Maria Dulce Castanheira Marques Henriques e D. Maria Emilia Castanheira da Gama Alves, e dos srs. João da Gama Castanheira e Fernando da Gama Castanheira, e que o funeral se realiza amanhã às 9 horas da Praia do Baleal (Atouguia da Baleia) para o cemitério do Alto de S. João, onde pelas 12 horas sairá da Capela para jazigo de família.

João Marques Castanheira

FALECEU

A GERENCIA DA FAPAL (FÁBRICA DE PARAFUSOS, LDA.), participa com o mais profundo pesar o falecimento do pai dos seus prezados sócios, as srs. D. Maria Dulce Castanheira Marques Henriques, D. Maria Emilia Castanheira da Gama Alves e dos srs. João da Gama Castanheira e Fernando da Gama Castanheira, e que o funeral se realiza amanhã às 9 horas da Praia do Baleal (Atouguia da Baleia), para o cemitério do Alto de S. João, onde pelas 12 horas sairá da Capela para jazigo de família.

João Marques Castanheira

FALECEU

O PESSOAL DA SOCIEDADE INDUSTRIAL DE PRODUTOS ELÉCTRICOS (SIPE), vem com a mais profunda mágoa participar o falecimento do Presidente do Conselho da Administração, seu bom Amigo, e que o funeral se realiza amanhã às 9 horas da Praia do Baleal (Atouguia da Baleia), para o cemitério do Alto de S. João, onde pelas 12 horas sairá da Capela para jazigo de família.

João Marques Castanheira

FALECEU

BRONSES SUPER DE J. GAMA ALVES, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do sogro do sr. Joaquim Celestino da Gama Alves, e que o funeral se realiza amanhã, às 9 horas da Praia do Baleal (Atouguia da Baleia), para o cemitério do Alto de S. João, onde pelas 12 horas sairá da Capela para jazigo de família.

O PORTO pelo telefone

Subsecretário da Educação Nacional

PORTO, 30. — O sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa, subsecretário da Educação Nacional, depois de assistir em Santo Tirso ao encerramento da Escola dos Graduados da M. P., é hoje esperado nesta cidade a meio da tarde. Nesta sua vinda ao Porto é seu objectivo uma visita ao edifício da Rua Guerra Junqueiro, onde está instalada a Emissora Nacional e, segundo alvitre do chefe do distrito, ali poderia vir a funcionar uma secção do Liceu D. Manuel II, a fim de descongestionar, ou desdobrar, a enorme afluência de alunos matriculados naquele estabelecimento de ensino.

Roubo de cofre portátil

Em 13 de Junho passado, o sr. Manuel Pereira da Trindade, proprietário da estação de serviço «Silva Tapada», na Rua Costa Cabral, queixou-se à P. J. de que lhe haviam furtado um cofre portátil contendo 8.200 escudos, e chegou a indicar, como suposto autor do furto, um seu empregado. Entretanto, o agente Amado Saraiva averiguou que o roubo foi praticado pelo cadastado José Eduardo Ramalho da Silva, de 28 anos, morador na Travessa de S. Sebastião, que em seguida fugiu para Lisboa, onde gastou o dinheiro nos «dancings». No decorrer das investigações apurou-se que o Ramalho, na companhia de um tal António José Jesus Santos, furtara ao dr. Amílcar Moutinho um fenoscópio, que foi apreendido num penhorista e devolvido àquele clínico.

O Ramalho, que foi preso na capital, confessou os delitos, sendo enviado ao tribunal.

INTERCÂMBIO

de animais...

Por troca com outros animais, vieram do Parque Zoológico Hamburgo de Hagenbeck e deram entrada no nosso Jardim Zoológico, onde estarão patentes ao publico, a partir de amanhã: um elefante indiano, fêmea (espécie domesticável, de que há mais de 20 anos não havia nas Laranjeiras qualquer exemplar); uma fêmea de rinoceronte africano para acasalar com um macho ali existente desde 1955, e que foi o primeiro a entrar ali, depois da proclamação da República; três Emas e três Nandus, da família dos avestruzes.

Nova estação dos C.T.T.

SANTAR, 30. — (Pelo telefone). — Os C. T. T. inauguraram hoje, com a colaboração do dr. Francisco Caetano da Cunha Coelho do Amaral e da junta de freguesia local, a estação do Correio desta localidade do concelho de Nelas.

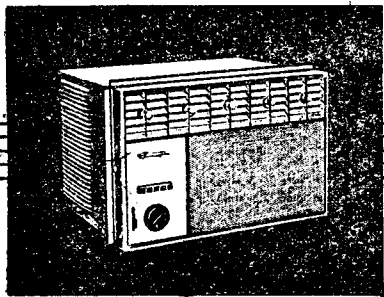
Esta inauguração constituiu a 12.ª realização do plano de instalação e reinstalação de pequenas estações de província, que tornou possível o aproveitamento da ajuda e da boa vontade das entidades locais, conjugando-as com os esforços dos C. T. T., no sentido de melhorarem as suas instalações nas vilas e aldeias.

O Dia do Regimento de Infantaria n.º 13

No Regimento de Infantaria n.º 13 efectua-se, amanhã, uma festa comemorativa do dia da unidade (Assalto à Praça de San Sebastian, em 1813). O programa é o seguinte: missa campal; apresentação do regimento, continência à bandeira; alocução alusiva ao acto proferida pelo capitão Abeillard Martins; desfile, apresentação da classe de ginástica e várias provas demonstrativas da destreza das praças em vários exercícios militares. A esta cerimónia assistirá o comandante da 1.ª Região Militar.

VISITA ÀS OBRAS da província de Angola

No avião dos T. A. P., partem amanhã para Luanda os srs. engs. Trigo de Moreira, inspector-geral do Fomento, Sanches da Gama, director-geral das Obras Publicas e Comunicações do Ministério do Ultramar, e Valadas Fernandes, seu adjunto, que vão visitar algumas das obras mais importantes em curso na província de Angola, onde permanecerão entre duas e três semanas.



Condicionadores de ar Remington, monoblocos de fácil colocação em janelas ou paredes.

O «Incremental System» da Remington tornará útil também no Verão, o seu actual sistema de aquecimento central.

A Remington possui aparelhos móveis permitindo a fácil deslocação para qualquer sala a utilizar de momento.

Centrais de condicionamento de ar para instalações hospitalares.

Centrais de grande potência para lugares públicos.

Os Remington têm garantia, e mais de 50.000 horas de vida útil.



SOCIEDADE COMERCIAL MATTOS TAVARES, LDA.
RUA DOS SAPATEIROS, 39 - TEL. PPCA 31101/4 - LISBOA

TUGON - *disco-bola-isca*
mata-moscas
BAYER

Companhia Nacional de Navegação

CARREIRA DO ORIENTE

Paquete «TIMOR»

A sair cerca de 4 de Setembro

para: Port Said, Suez, Aden (se necessário) e MORMUGÃO
RECEBE PASSAGEIROS, CARGA GERAL E DE FRIGORIFICO

Paquete «INDIA»

A sair cerca de 7 de Setembro

para: Port Said, Suez, Aden (se necessário), MORMUGÃO, Singapura (se necessário), MACAU e DILI
RECEBE PASSAGEIROS, CARGA GERAL E DE FRIGORIFICO

LISBOA: Rua do Comércio, 79 e 85 - Telef. 23021 a 23026

PORTO: Rua Infante D. Henrique, 63 - Telef. 22438 e 22439

BONS SONHOS!

numa almofada de espuma de borracha Dunlopillo.

Sim! Você poderá ter sempre um sono profundo e repousante com uma almofada DUNLOPILLO feita de espuma de borracha.

Note bem que todas as almofadas DUNLOPILLO têm a etiqueta DUNLOPILLO.

COLCHÕES • ALMOFADAS • ASSENTOS

Dunlopillo

ESPUMA DE LATEX - FABRICO INGLÊS

Representantes em Portugal

CASA GRAHAM - LISBOA - PORTO



Vai para férias,



leve consigo
uma
PELIKAN

sempre pronta para escrever
segura nos voos
e nos climas tropicais
grande depósito de tinta

Pelikan

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda.
98, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

DINHEIRO

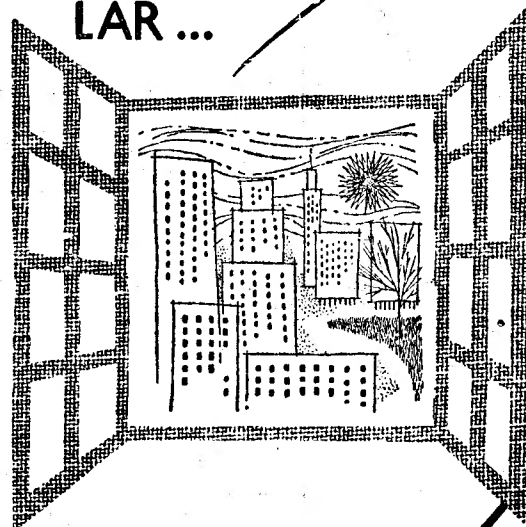
COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS
OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

ANTES E DEPOIS
DO BANHO DE SOL

use **APYROL**

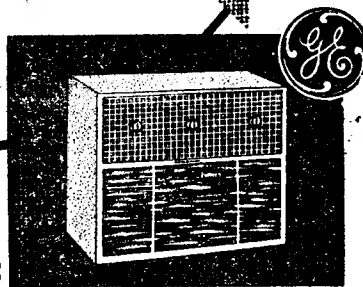
O produto preferido desde 1933

REFRESQUE O
AMBIENTE DO SEU
LAR...



NÃO ABRA A JANELA
QUANDO ESTIVER CALOR!
INSTALE UM CONDICIONADOR

GENERAL ELECTRIC



CONSULTE OS AGENTES DA

GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

Rua do Norte, 5 - LISBOA Rua 56 de Bandeira, 565 - PORTO



**King
George
IV**

OLD SCOTCH WHISKY

REPRESENTANTE E DISTRIBUIDOR:

ANTÓNIO A. TEIXEIRA, LIMITADA

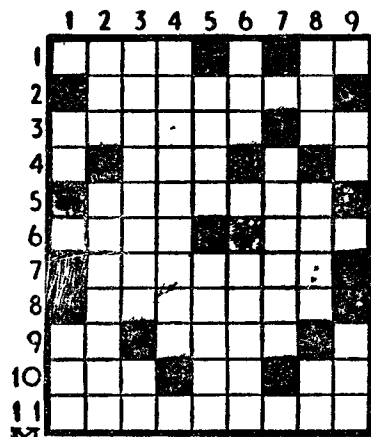
RUA DAMASCENO MONTEIRO, 81-83 Telef. 84 22 99 LISBOA

DIÁRIO DE LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1346



HORIZONTAIS: 1 — Cobertura. 2 — Farnel. 3 — Publicar-se-ia. Prefixo de negação. 4 — Haver. 5 — Avidos em apressar. 6 — Volte. Enlaces. 7 — Nenhuma pessoa. 8 — Que vai caindo. 9 — Rio da Itália. Une. 10 — Acusado. Figura. No caso de. 11 — Mesa de desenhador.

VERTICAIS: 1 — Nota de música. Prefixo que designa antecedência. 2 — Patroa. Lugares afastados. 3 — Subornaria. Antigo nome da nota musical «dó». 4 — Mude de tenção. 5 — Lugar onde se secam e malham cereais. Esfriar. 6 — Eia! Agrupar. 7 — Acesso repentino de loucura. 8 — Parte. Adite. Ermo. 9 — Escalvado. Lobrigar.

Resolva completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1345

HORIZONTAIS: 1 — Daimosas. 2 — ONDE. Area. 3 — Nu. Sob. Im. 4 — Irra. Oboé. 5 — Zás. Are. 6 — CHORAM. 7 — Troa. Sala. 8 — Tá. No. 9 — Imitassem. 10 — Odes. NAO. 11 — Usas. Si.

VERTICAIS: 1 — Donizetti. 2 — Anura. Ramos. 3 — Id. Rs. Ida. 4 — Mesa. CANTES. 5 — Ah. Ias. 6 — Saborosos. 7 — Ar. Bera. Sn. 8 — Scio. Aldeas. 9 — Ame. Má. Moí. (Provérbio: ONDE CHORAM NAO CANTES).

CAMISAS BRANCAS

As melhores qualidades

Os melhores preços

TORRE EIFFEL

101 — RUA DO CARMO — 106

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO 1 — União — Estrada de Benfica, 592-594. Tel. 780092.
Vitex — Estrada de Benfica, 373-B. Tel. 780548. Curie — Avenida Madame Curie, 15-A. Tel. 778439. Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35. Carnide, Tel. 780181; Laranjeiras (Das) — R. Filipe da Mata, 160-162. Tel. 761035; Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77. Tel. 779480; Brasil — Avenida Rio de Janeiro, 66-66/A. Tel. 722368; Sanex — Avenida da Igreja, 31-C. Tel. 776905. Belmar — Avenida de Roma, 53-A. Tel. 776314; Algarve — Avenida de Roma, 7-B. Tel. 777478; Garantia — Avenida Padre Manuel da Nobrega, 5-A/B. 4 Praça do Azeiteiro. Tel. 727300; Onilda — Avenida João XXI, 13-A. Tel. 726848; Campo Pequeno (Do) Av. da República, 58-D-E. Tel. 771861; Vale — Avenida Marquês de Tomar, 45-49. Tel. 773043; Palma — Avenida Duque de Avila, 25-31. Tel. 47088; Império, Ld. — Rua Filipe Folque, 40-A/B. Tel. 48002; Salus — Rua Luciano Cordeiro, 73. Tel. 42239. Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação. Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19. Tel. 389237; Conceição — Calçada D. Castão, 30-32. Tel. 381279; Luzmar — Rua 2, 16 — Bairro de Santa Engrácia. Tel. 728395; Pereira, Suc. — Rua do Paraíso, 98-100. Tel. 863224; Silva — Calçada de Santo André, 16. Tel. 862074; Branquinho — Rua dos Sapadores, 87. Tel. 842725; Ibéria — Rua Barão de Sabrosa, 235-A — Alameda — Tel. 728277; Candido Monteiro — Av. Almirante Reis, 121-B. Tel. 45751; Góis, Ld. — Suc. — Rua dos Anjos, 12-C/D. antiga Rua do Registo Civil, Tel. 840101; Ribeiro & Castro, Ld. — Rua Braamcamp, 58. Tel. 43409; Salutar — Rua B, 75-A/B. Bairro da Liberdade. Tel. 633694; Judice de Oliveira — Rua de Campolide, 54-A. Tel. 684424; Pinheiro — Rua de Campo de Ourique, 131-133. Tel. 663640; Janeiro — Avenida Alvares Cabral, 100, ao lado do Liceu Pedro Nunes, Telefone 661453; Tagus — Praceta Possidónio da Silva — lote 3. Tel. 669485; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM. 3. Tel. 610256; Gomes, Suc. (Gonçalves) — Rua da Junqueira, 326. Tel. 638193; Costa — Rua dos Lusitãos, 32. Tel. 636704; A. César — Rua Prior do Crato, 74. Tel. 660187; Pinheiro — Rua Presidente Arriaga, 16. Telefone 661867; S. Nunes Simões, Suc. — Rua do Quelhas, 1. Tel. 661275; Africana — Rua Bernardino Costa, 45. Tel. 29120; Pinharanda — Rua da Rosa, 94-96. Tel. 21534; Lima Amaro, Suc. — Praça da Alegria, 27-28. Tel. 21149; Cortez — Rua de S. Nicolau, 93. Tel. 25378

EFEMÉRIDES

No dia 30 de Agosto do ano 30 suicidou-se Cleopatra.

SEMANA DO CONTRIBUINTE

Agenda

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

Estão a pagamento durante o mês de Setembro próximo, com juros de mora, os seguintes:

Contribuição industrial — A terceira prestação trimestral e a segunda semestral, esta somente até ao dia 29, relaxando no dia seguinte.

Contribuição predial — A terceira prestação trimestral; toda a contribuição dividida em duas prestações ou a segunda semestral até ao dia 29, relaxando no dia imediato.

Imposto profissional — Profissões liberais — A terceira prestação trimestral e a segunda, semestral, relaxando esta no dia 29 se não for paga até ao dia 29.

Imposto profissional — Empregados — A segunda prestação semestral que não tiver sido dividida, até ao dia 29.

Imposto profissional — Assalariados — A terceira prestação trimestral.

Imposto complementar — A primeira prestação ou todo o imposto que não tiver sido dividido, até ao dia 29, relaxando no dia seguinte.

TAXA MILITAR

A anuidade do ano de 1958, corrente, pode ser paga ainda até ao dia 31 de Dezembro deste ano, com a taxa elevada ao dobro — 120\$00 — posto o que relaxará, sendo, então, paga com custas e selos do processo.

IMPOSTO DE INCENDIOS

Pode ser pago até ao dia 30 de Outubro, com juros de mora, posto o que relaxará.

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

Convém ir solicitando a partir do dia 15 de Setembro nas secções de finanças dos bairros ou concelhos, informações sobre se já estão em reclamação os rendimentos tributáveis fixados para servirem de base ao lançamento do próximo ano de 1959, a fim de se poder reclamar, se for caso disso.

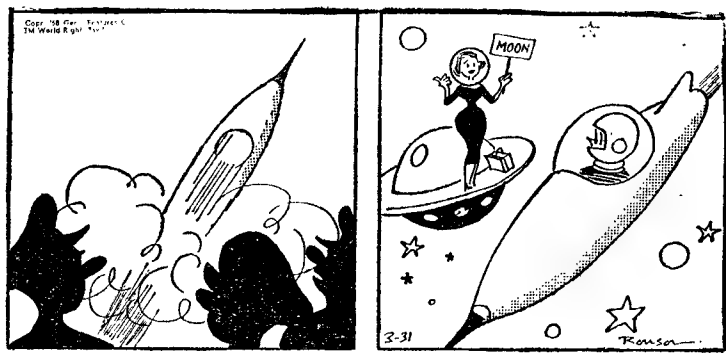
PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — As 18, Noticiário e danças; 18 e 10, Operetas; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — As 19, Emissão infantil; 19 e 30, Trechos em piano; 19 e 45, Aguarela brasileira; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Música ligeira sinfónica; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Trechos em viola espanhola, por Andres Segovia; 21 e 45, Serão para trabalhadores; no intervalo: Vozes do Mundo; 23 e 15, Danças; 23 e 45, Junção dos emissores.

Programa «B» — As 19, Aspectos da musica moderna; 19 e 50, Noti-

***** ELE & ELA *****



Auto-stop espacial

ciário regional; 20, Concerto pelo Quarteto de Arco, composto por Lídia de Carvalho, João Silveira, Alberto Nunes e Filipe Lorient; 20 e 26, Temas portugueses; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, 3.º acto da ópera «Parsifal», de Wagner; 22 e 45, Que quer ouvir? «Sinfonia n.º 35» (Haffner), de Mozart; «Concerto n.º 1», de Tchaikowsky, para piano e orquestra; «Orfeu», poema sinfónico de Liszt; 23 e 45, Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — As 17 e 30, Variedades; 18, Ritmos de baile; 18 e 30, Fados e guitarradas; 19, Quer um conselho?; 19 e 15, Peggy Lee; 20, Apontamento do dia; 20 e 20, Solistas; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Imagens por musica; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, Trechos recreativos; 22 e 30, Cultura espanhola; 22 e 45, Canções; 23, Concerto; 23 e 30, Ritmos de baile do Casino Estoril; 23 e 45, Agenda; 23 e 50, Conjuntos; 0 e 30, Noticiário; 0 e 40, Ritmos de baile.

Estação de Miramar — As 18, Ritmos de baile; 18 e 45, Canções; 19, Repetição da palestra de língua portuguesa; 19 e 15, Motivos portugueses; 19 e 30, Isto é Portugal; 20, Boletim informativo; 20 e 10, Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30, Vida desportiva; 21, Noticiário (em colaboração com a E. N.); 21 e 15, Interpretações de Les Paul; 21 e 30, Orquestras ligeiras; 22, Programa para a mulher; 22 e 5, Brasil; 22 e 30, Conjuntos instrumentais; 22 e 45, Melodias; 23, Trechos da opereta «A Última Valsa», de Oscar Strauss; 23 e 30, Artistas portugueses; 0, Ritmos de baile.

RADIO RENASCENÇA — As 18 e 30, Terço e bênção; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, horizonte do Mundo; 19 e 45, Solos de piano; 20, Musica para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21 e 5, As ultimas novidades; 21 e 30, Musica portuguesa; 21 e 50, Orquestras seleccionadas; 22, No reino das musas; 22 e 20, Musica sinfónica; 22 e 45, Noticiário; 22 e 57, Boletim religioso; 23, Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das

14 e 30 às 19 e 30, Rádio Peninsular; das 19 e 30 às 22, Voz de Lisboa; das 22 a 1, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, às 21 horas: Abertura da emissão; 21 e 2: Noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10: «Momento literário»; 21 e 25: «Music-hall»; 21 e 45: Jornal de actualidades internacionais; 22: «O desporto no Mundo» (revista filmada interactiva); 22 e 10: «Café-Concerto»; 23: Actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 10: «Na rua e na estrada»; 23 e 30: Fecho da emissão.

HA TRINTA ANOS

Na página de quinta-feira do «Diário de Lisboa» de 30 de Agosto de 1928 escrevia Norberto de Araujo: «O que a gente encontra quando revolve o passado, de memória, em conversa, ou pela leitura de um jornal velho — é a nossa própria vida que passou e da qual — por mais desgraçada que tenha sido — a saudade se converte em desalento. É possível, é mesmo certo, que numa ou noutra manifestação do homem, o poder eficiente de realização tenha diminuído em relação a certos períodos de tempo gasto pelos acontecimentos».

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

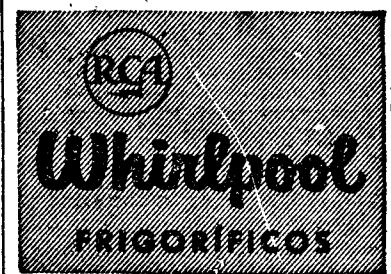
SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco e o Céu estava pouco nublado por acção de uma massa de ar marítimo transportada na circulação de uma depressão centrada sobre Espanha.

Temperaturas às 9 horas: Penhas Douradas, 12°; Porto, 15°; Lisboa, 18°; Faro, 20°; e Funchal, 21°.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu geralmente pouco nublado, vento fraco de Noroeste. Possibilidade de chuvisco durante a noite nas regiões a Norte do rio Douro.

CARTAZ DO DIA

MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «A rainha do ferro-velho».
TIVOLI — «Terra nua».
SÃO LUIZ — «Sem tempo para morrer».
SÃO JORGE — «O tubo da morte».
EDEN — «O enigma da estátua».
IMPERIO — «Missão diabólica».
POLITEAMA — «O caminho do ouro».
ALVALADE — «Sem tempo para morrer».
MONUMENTAL — «Paraíso esquecido».
ROMA — «Mimi Pinson».
CONDES — «O Tarzan do 5.º Esq.».
ODEON — «Matou mil vidas».
AVIS — «Sem amor nem perdão».
CAPITOLIO — «A vida amorosa de André Chenier».
OLIMPIA — «A queda de um corpo».
ESPL. PORTUGALIA — «Port Afrigue».
IDEAL — «Santiago».



EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BRUXELAS DE 1958

A C. P. e os caminhos de ferro estrangeiros encontram-se á disposição de V. Ex.ª para lhe possibilitarem a deslocação a esta extraordinária manifestação internacional.

ESTES SÃO OS 3 MODELOS POPULARES DAS FAMOSAS MARCAS

Sigma **Crosley Breda** **Gibson**

EXPOENTE DE QUALIDADE A BAIXO PREÇO GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

5 ANOS DE GARANTIA

UNIDADES BLINDADAS INTEIRAMENTE SILENCIOSAS

MODELOS DE PORTA COM CHAVE

165 = L, 150 = L, 10,52 pés cub

REPRESENTANTE:

ESTABELECIMENTOS Sida, LDA.

RUA DE S. NICOLAU, 46 — LISBOA

Provoca áspersos comentários em Washington

a política de Dulles que pode conduzir à utilização das forças americanas ao lado dos nacionalistas chineses

(Continuação da 1.ª página)

americano mostra-se decidido a fazer compreender à China comunista que está pronto a assumir as suas responsabilidades e a cumprir os compromissos que tomou com o Governo de Chang Kai Chek. Paralelamente, os Estados Unidos não desejam praticar qualquer gesto que sirva de pretexto a Pequim para desencadear uma acção militar a qual, indiscutivelmente, constituiria um risco de guerra.

A acção política da Administração assenta na convicção de que uma tentativa para acalmar Pequim redundaria em perda de tempo, mas que, apontando de antemão, o mais claramente possível, a decisão dos Estados Unidos, pode evitar-se o pior.

Até agora, a China nacionalista respeitou os apelos discretos a cal-

ma que lhe têm sido enviados e, apesar dos intensos bombardeamentos a que têm sido sujeitas as ilhas costeiras, o Governo da Formosa não exerceu qualquer represália. Parece, no entanto, evidente que se aproxima o momento — se continuarem os bombardeamentos comunistas — em que já não será possível conter o generalíssimo e que este utilizará o seu direito do ataque às posições de artilharia da costa de Fu Kien.

Até agora, não se crê que tenha sido feita qualquer tentativa para encontrar um mediador entre Washington e Pequim. Nem a Grã-Bretanha, nem, segundo parece, a União Indiana foram sondadas para oferecerem os seus «bons ofícios» na crise actual.

Nos meios oficiais, deseja-se sinceramente que a China comunista compreenda e limite a sua acção

ao que se considera uma pressão, da sua parte, para conseguir, uma espécie de reconhecimento internacional. Pensa-se que Mao Tsé Tung não correrá o risco de desencadear uma guerra mundial, por ninguém desejada, e que, nessa perspectiva, poderá influir uma acção moderadora de Moscovo. — (F. P.).

O secretário do Exército dos E. U. chegou à Formosa

TAIPEH, 30. — O secretário do Exército norte-americano, Wilbur Brucker chegou hoje a esta cidade, a fim de conferenciar com Chang Kai Chek, e outros dirigentes nacionalistas, sobre os bombardeamentos comunistas contra as ilhas Quemoy, que o Governo de Taipei considera como prelúdio de uma tentativa de desembarque pelas forças de Pequim.

As conversações principiam amanhã e assistirá o comandante das forças norte-americanas de terra no Pacífico, general White, que acompanha Brucker. — (A. N. I.).

Novos reforços para a esquadra americana

WASHINGTON, 30. — O presidente Eisenhower conferenciou ontem, pouco antes de partir para passar o fim-de-semana em Newport (Rhode Island), com o secretário de Estado, adjunto, Christian A. Herter, sobre a ameaça comunista contra a Formosa.

Depois da conferência, a única informação prestada aos jornalistas pela Casa Branca foi que «os Estados Unidos estão a vigiar de perto a situação».

Entretanto, foi anunciado que prossegue o reforço da 7.ª esquadra, concentrada, actualmente, nas águas ocidentais do Pacífico.

Com os navios que já levantaram ferro, rumo àquela zona, a esquadra terá à sua disposição 53 vasos de guerra, incluindo seis porta-aviões. — (A. N. I.).

preende de um comunicado que a F. L. N. publicou, a propósito da visita do general de Gaulle e dos seus discursos.

A guerra contra a França é «global» e «continuará em todas as frentes» — diz o comunicado.

Entretanto o príncipe Zakaria Ibn Kaeno, da Mauritânia, aqui exilado, renovou um apelo às nações árabes para que seja proclamada a greve geral no dia 28 de Setembro, em que se efectua o plebiscito francês. Idêntico apelo foi dirigido, segunda-feira, pelo antigo chefe rebelde Abdel Krim. — (A. N. I.).

Mais atentados em Paris

PARIS, 30. — Esta manhã, cerca das 11 horas, um militar foi gravemente ferido, num corredor da estação do metropolitano de Montparnasse, por um Muçulmano argelino, que conseguiu escapulir-se, depois de haver disparado vários tiros. Atingida por uma bala no ventre, a vítima foi internada em estado gravíssimo. Um projectil que ricocheteou feriu levemente uma rapariga.

Houve outro atentado em Saint-Maur, perto de Paris, onde um pronto-socorro foi alvejado a tiro por Muçulmanos argelinos, mas não houve feridos. Parece que dois dos agressores já foram presos. — (F. P.).

Explodiu outro navio-cisterna no porto de Marselha

MARSELHA, 30. — Explodiu, esta manhã, um navio-cisterna do depósito petrolífero de Mourepiane, onde se declarou na segunda-feira, gigantesco incêndio provocado pelos sabotadores argelinos. — (F. P.).

A reforma constitucional

PARIS, 30. — O general de Gaulle, que regressou, ontem à tarde, da sua visita aos territórios africanos da União Francesa, convocou uma reunião do Gabinete, para tomar conhecimento das alterações que o Conselho da República introduziu no texto da nova reforma constitucional.

Espera-se que de Gaulle aproveite esta reunião do Gabinete para fazer um relato da sua recente viagem através da África. — (A. N. I.).

Dorme mal?



Pat. 1651 30 Anos de fabrico
Experimente V. Ex. os colchões de molas
30 anos de bom fabrico
Fornecedor dos principais Hotéis
AGUIAR RAMALHO, LDA
Rua Actor Vale, 16-B-Lisboa
Telef. 831244

Ultimas notícias

Em Luanda

morreram dois jovens naturais da Metrópole

LUANDA, 30. — Dois pobres rapazes, que acabavam de conseguir trabalho nas obras da barragem de Cambambe, morreram num trágico desastre de viação, eram eles Joaquim de Freitas, natural da Póvoa de Varzim, e Manuel Sousa Lopes, natural de Barcelos, ambos residentes nesta cidade.

Viajavam numa camioneta de carga, na qual tinham conseguido «toleia», e regressavam a Luanda, a fim de levarem as suas roupas para o novo local de trabalho. Ao mesmo tempo que a vida começava a sorrir-lhes, a morte espreitava-os na estrada do Dondo, onde a camioneta de carga em que viajavam se voltou. — (L.).

72 MINEIROS mortos num incêndio

VARSÓVIA, 30. — Dezasseis cadáveres, de mineiros que morreram asfixiados na catástrofe de Zabrze, na Alta Silésia, foram trazidos para a superfície, o que eleva a 72 mortos e 52 feridos, o balanço do incêndio que se declarou na chaminé central de ventilação do poço Makoszewy. — (F. P.).

UM ATENTADO em Beirute

BEIRUTE, 30. — O antigo adido militar iraquiano nesta cidade, coronel Mahdi el Samarai, foi alvo de um atentado, esta manhã, mas nada sofreu, embora alvejado com vários tiros. Uma pessoa que o acompanhava foi mortalmente atingida e o motorista ficou muito ferido.

O coronel Samarai, que pertencia ao antigo regime do Iraque, deixou de desempenhar o cargo de adido militar depois do golpe de Estado de Bagdad e devia ser julgado.

O segundo secretário da Embaixada britânica, Norwich, foi ligeiramente ferido na cabeça, durante a noite, nas ruas desta cidade, por uma bala disparada por um agente da Polícia. — (F. P.).

Sensação em Londres pela renúncia inesperada do coronel Peter Townsend de prosseguir na viagem à volta do Mundo

LONDRES, 30. — Porque seria que o coronel Peter Townsend interrompeu a nova viagem à volta do Mundo e voltou para trás, provavelmente em direcção a Londres? — perguntam os jornais matutinos. Notam que a princesa Margarida está, presentemente, no castelo de Balmoral, na Escócia, onde a família real passa parte das férias, e o informador da Corte, interrogado pelo «Daily Herald», afirmou categoricamente: «Nada sabemos sobre o regresso do comandante Townsend».

O antigo adido de Aeronáutica à embaixada da Grã-Bretanha em Bruxelas partira da Bélgica, há dias com dois cineastas. Fez a primeira escala na Jugoslávia e devia seguir viagem para a Turquia, a Rússia e a Índia. Mas, em Zagreb, partiu inesperadamente, no «expresso do Oriente», para Paris. Em todas as estações do percurso (Trieste, Veneza e Milão) Peter Townsend recusou-se a fazer declarações, mas os passageiros que o acompanhavam afirmam que o seu bilhete é para Londres. — (F. P.).

Chegou a Paris

PARIS, 30. — Sessenta jornalistas e fotógrafos «assaltaram» literalmente Peter Townsend, esta manhã, à sua chegada, procedente de Veneza, e «bombardearam-no» com perguntas a propósito dos rumores que circulam sobre a renúncia à sua projectada volta ao Mundo, em automóvel.

«A minha visita a Paris é particular e nada tenho a comunicar-lhes» — declarou, enquanto um amigo o arrancava ao círculo dos jornalistas e o metia num automóvel. Negou-se a confirmar ou desmentir que a anunciada mudança de planos fora ocasionada por discussões com um fotógrafo e afirmou que, «de momento», não tencionava regressar a Londres. — (A. N. I.).

Sempre abdicará o rei da Jordânia?

CAIRO, 30. — O rei Hussein, da Jordânia — segundo o jornal egípcio «Akhar El Yon» — vai abdicar a favor de seu irmão, o príncipe Maomede, de 12 anos.

O jornal dá a notícia, numa correspondência de Londres, em que se fala, igualmente, da visita que a rainha-mãe vai fazer à Inglaterra, a qual seria a portadora de um plano naquele sentido. — (A. N. I.).

«Record» feminino do ciclismo mundial

REIMS, 30. — A luxemburguesa Elsy Jacobs tornou-se, hoje, a primeira recordista mundial de ciclismo, ao vencer 28 adversárias no circuito de Reims, durante a primeira prova de amadores do campeonato mundial de ciclismo. — (A. N. I.).

PREPARA-SE

na Venezuela outra revolução?

CARACAS (Venezuela), 30. — Em face dos rumores persistentes de iminência de um golpe de força dirigido do estrangeiro contra o Governo provisório, os partidos políticos conferenciaram com o chefe da Junta Governamental, que lhes confirmou que oficiais rebeldes expulsos do país, regressaram clandestinamente e tentam fomentar um conjura contra o regime actual. — (F. P.).

Chegou à Formosa a epidemia de encefalite

TAIPEH, 30. — Há notícias de 5 casos mortais de encefalite, nesta cidade, durante este mês — segundo informa o Ministério da Saúde. As vítimas contavam de 1 a 22 anos. Até agora, a epidemia apenas se manifestara no Japão e na Coreia. — (F. P.).

NÃO SERÁ ADIADA

a Assembleia Geral das Nações Unidas

NOVA YORK, 30. — Embora se tivesse esboçado um movimento para adiar, por duas semanas, a data da abertura da sessão normal da Assembleia Geral das Nações Unidas, dá-se como provável que a mesma reabra em 16 de Setembro, como está previsto.

Não tendo qualquer delegação tomado a iniciativa de pedir, oficialmente, esse adiamento, o secretariado da O. N. U. declara não haver razões para supor que tal pudesse dar-se. — (F. P.).

FOI LANÇADO

outro foguetão americano

CAPE CANAVERAL, 30. — A Aeronáutica Militar anuncia o lançamento, às primeiras horas de hoje, de um engenho intercontinental «Snark» com o alcance de cerca de 10.000 kms. Foi o segundo lançamento de um engenho deste tipo na semana corrente. — (F. P.).

RÁDIO
KAISER
TELEVISÃO
DISCOS
Av. Duque Ávila, 169-D

RIBATEJANO

Salvadora de Magos — Tel. 14

• TODOS OS DIAS •

Almoços — Chás e lanches

Exibições: Ranchos Folclóricos

Cozinha Portuguesa

(6 anos)



RESTAURANTE CASTANHEIRA
LUMIAR

AOS SABADOS — Orquestra de dança, das 20 às 24 horas

DOMINGOS — Das 13 às 17 e das 20 às 24 horas

Serviço normal de lista

CINEMA — CAFÉ BAR — SALA DE CHÁ — TELEVISÃO

(Maiores de 15 anos)

Somerset Maugham

vai tentar o rejuvenescimento

LONDRES, 30. — O conhecido escritor inglês Somerset Maugham, que vive na Côte d'Azur, vai fazer um «tratamento para rejuvenescer» em Montreux, na Suíça, na clínica do prof. Paul Niehans — segundo diz o «Daily Express».

Acrescenta que Somerset Maugham que conta 84 anos, submeter-se-á a um tratamento que consiste em injectar células novas e activas no corpo humano. — (F. P.).



SUMÁRIO

Um homem sorri á morte com meia cara

J. RODRIGUES MIGUEIS

História maravilhosa da escrita e dos meios de expressão

ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

Crónica de Londres

LUIS DE SOUSA REBELO

Apontamentos para os tempos futuros

DIÓGENES

Fim de semana feliz

CICERONE

A poliomielite

M. GABRIELA WALTER

Entrevista com o automóvel

Nijinsky — o deus da dança

JORGE SANTOS

Saara — o deserto que recua

MANUEL SALGUEIRO

As primeiras eleições portuguesas

AUGUSTO DA COSTA DIAS

Ouvindo bater o coração do Mundo

WILLIAM SIMPSON

Postal ilustrado

MANUEL AGRA

Saiba tratar do leite

M. CAROLINA SANTOS

Sim ou não?

OLGA SANTOS

Eduquemos o nosso filho

M. LÚCIA DA SILVA ROSA

Comentário humorístico ilustrado

PEDRO CARVALHO

Página da Mulher

magazine



MORREU JOLIOT-CURIE

No dia 13 de Agosto, ás 17,45 horas, morreu no Hospital Saint-Antoine de Paris um dos maiores homens do nosso tempo: grande entre os grandes, como sábio.

Morreu no mesmo quarto onde, cerca de dois anos antes, morrera sua esposa Irene, tão extraordinária figura de cientista como ele. Ambos tinham recebido em 1935 o Prémio Nobel da Física, distinção que na família se repetia pela segunda vez, pois os Pais de Irene, Pedro e Maria Curie, também haviam obtido idêntico galardão. Modestos, de vida simples e inteiramente dedicada ao trabalho científico e familiar. Frederico e Irene eram um belo exemplo de dignidade e de amor conjugal.

Frederico Joliot-Curie era o primeiro Físico Francês e um dos maiores dos nossos tempos. Descobriu o neutrão e participou na maior parte das grandes realizações da Física Atómica.

Vale a pena recordar, em tristes tempos, o tocante exemplo desta Família Curie. Com Frederico Joliot já é, com efeito, o terceiro Curie que morre vítima da ciência: assim aconteceu também a Maria; assim aconteceu com Irene.

A fotografia que publicamos, do grande Sábio, foi tirada no enterro de sua mulher.

te, Sorel, no momento culminante em que ainda poderia salvar a vida com uma derradeira hipocrisia, in-

por LUIS DE SOUSA REBELO

leitor da Universidade de Londres

CRÓNICA DE LONDRES

Em todos os momentos da História e em todas as épocas houve jovens ambiciosos que acalentaram o

desejo de se realizarem plenamente. Desejo este, aliás, muito legítimo e inteiramente válido, pois da sua realização depende a afirmação da individualidade e do melhor das potencialidades humanas. Sem ele a Humanidade teria caído no marasmo e numa estagnação que negaria todo o progresso e nos levaria a viver num mundo de barbárie e penosa sujeição.

É claro que de acordo com os tempos o caminho não é sempre o mesmo; varia, adapta-se às circunstâncias do momento, e adopta a estratégia mais adequada aos fins que tem em vista. O exemplo clássico ao qual nos habituamos é o de Julien Sorel, cujo alvo da ambição oscilava entre o negro da roupeta eclesiástica, estádio inferior para subir às mais altas honras prelatias, e o vermelho galante e garbado dos uniformes. Não era um caminho fácil para o filho de um carpinteiro, que aspirava a ascender tão alto no quadro de uma sociedade de privilégio. E assim Julien Sorel viu-se obrigado a ensinar-nos o brevíário da hipocrisia, como arma necessária de defesa e luta para os que procuram o triunfo em circunstâncias idênticas. Simplesmen-

surge-se contra todos aqueles que lhe impuseram as regras do jogo e denuncia perante o tribunal o carácter opressivo da sociedade em que nasceu. Este rasgo ritual, resultado de um longo processo de consciencialização, dá-nos o homem em toda a sua grandeza e esclarece os móveis psicológicos do personagem de Stendhal.

Ora o jovem ambicioso, desejoso de singrar na vida, de fazer carreira na Inglaterra dos nossos dias aparece-nos tocado de «Sorelismo», ainda que de um «Sorelismo» diluído, sem grandes golpes de asa. É um fenómeno social relativamente recente e que se pode datar e documentar com certo rigor. Tem também o seu herói e deu a celebridade ao autor que o criou. Kingsley Amis ganhou uma popularidade imensa com um romance curioso — *Lucky Jim* — que lhe franjeou ainda por cima um excelente contrato com uma empresa cinematográfica. Saído há uns três anos, o livro passou a andar em todas as mãos e a ser discutido apaixonadamente, ao mesmo tempo que o

(Continua na página seguinte)

Apontamentos para os tempos futuros

O FAZ-TUDO

Fiquei como calcula, bastante satisfeito por saber que o meu rude esboço de «HOMO ORTHODOXUS LUSITANUS ANTIQUISSIMUS» já servira para alimentar uma esclarecedora discussão sobre os parasitas e os abortivos da acidentada História da Cultura Portuguesa. Pede-me, então, para continuar, para lhe remeter logo que possa o «retrato acabado» e garante-me que

NISCIENTIBUS LUSITANUS». Esta cerrada classificação científica pode traduzir-se em vernáculo quotidiano por «Faz Tudo», nuns casos, «Fala-Barato», noutros. E mesmo a pessoa de quem, nas reuniões elegantes, ou simplesmente pequeno-burguesas, se diz com solene mugido de voz, que «sabe-falar-sobre-tudo», ou que «tem-muita-cultura-geral».



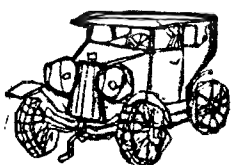
outros casos típicos se poderão arrancar da convivência portuguesa.

Decerto que podem. Bastará mesmo um pequenino lamiré para Você se recordar do nosso célebre «HOMO ENCYCLOPEDIUS OM-

Está a reconhecer o «tipo», não é verdade? Como Você já notou, com certeza, nós somos um país sem especialistas. Salvo no domínio da Medicina, onde a especialização se está

(Continua na página seguinte)

FIM DE SEMANA FELIZ Para onde vai amanhã?



A D. Margarida, o marido, dela é construtor civil. Não foram estes os seus princípios, funcionário da Camara, julgo. Mas uns dinheiros obtidos, ele não diz onde (honradamente, por certo), nem vem ao caso procurar sabê-lo, permitiram comprar uns terrenos ali para a Ajuda, ou Santo Amaro, qualquer coisa assim. Feito e vendido o primeiro casarão, outro se seguiu. E por

este andar não tardou a ter carro e ela são joias, vestidos, projectos de Paris, sonhos mirabolantes.

D. Margarida, com o seu cabelo á Maria-rapaz, dá uma crónica humorística bem puxada. Ou mesmo duas. Não sei quem afirmou estar cada qual no seu pleníssimo direito de dizer tolices desde que o faça sem solenidade...

Agora vejam a D. Margarida (es-

quecia-me de lhes dizer que ela pediu às pessoas amigas e conhecidas da véspera a tratassem por Dona Guida...): truca laruca, a agulha de «crochet» numa fona. A conversa tratava da saúde aos médicos. E de subito os olhos já sem fulgor que se levantam do trabalho miudinho e aquela voz também sem esmalte:

(Continua na página seguinte)

Fim de semana feliz

(Continuação da página anterior)

— Antes de ontem o meu Tó Mané esteve doente, com mais de quarenta e cinco graus de febre. Mandei chamar o dr. B., chegou a casa, apalpa aqui, apalpa ali e no fim vai e receita uns comprimidos que custaram na farmácia seis e quinhentos. E para receitar isso levou e pela visita com escudos...

Ora bem: eu hoje estou receoso de encontrar qualquer D. Margarida (perdão! D. Guida) pela frente porque, na verdade, o «remédio» que tenho hoje para receitar aos meus leitores alfacinhas é dos tais de seis mil quinhentos ou ainda menos... Traz escrito no rótulo:

A Tapada da Ajuda

Não sei se vocês conhecem a história daquele príncipe que percorreu o Mundo inteiro em busca da Felicidade. Andou nessa função uma data de anos e a Dulcineia não viu ele onde quer que fosse. Regressou desiludido ao seu palácio à beira do qual, trabalhando com uma enxada nas unhas, veio a dar com a Felicidade...

Aqui para nós, que ninguém nos ouve, desconfiar sempre da moral desta história. Isto de encontrar a Felicidade com uma enxada a cravar-nos os dedos de calos e de gretas, de sol-a-sol, a ganhar uma tuta e meia e ainda por cima sem participação na colheita, até como alegoria me parece demasiado. Cavar a terra como uma ode virgiliana é uma coisa; cavá-la «a sério» é outra, bem diferente...

Mas a história, com ou sem moral, foi aqui chamada com uma finalidade. Dizer que também nós, na capital, sonhamos com os parques ingleses, com o Bosque de Bolonha, etc., e desconhecemos essa pequena maravilha no coração de Lisboa que se chama Tapada da Ajuda.

Pequena, e no entanto, um dia inteiro sem parar um instante e não bastará para a conhecer toda. As suas árvores, com o nome latino dependurado ao pescoço (como os meninos austríacos importados pela Caritas), oferecem-lhe, amigo leitor, sombras repousantes no seio das quais apetece sonhar. E não deixe, caro leitor, influenciar-se pelos nomes arrezados delas. Pode uma qualquer ter nome de *Pitosporum* e ser, no entanto, senhora honesta que se preza de bem receber os seus hóspedes e amigos.

Um passeio pelas cercas dos ani-

mais pertencentes ao Instituto de Agronomia vai proporcionar-lhe alguns instantes de boa disposição. Lá encontrará alguns bichos que só aparecem na mesa (dos ricos) e na ficção (dos pobres) como o *faisão*; dezenas-centenas? — de patos e gansos e cisnes. O pavão não perderá esta oportunidade de exibir o arco-íris lavrado das suas penas, a que dá vontade de bater palmas e pedir bis. Não falando nos loiros porcos ingleses (de York, se bem me lembro), nos vulgares (e invulgares, algumas) galinhas e galos, nas vaquinhas mansas e no miura garanhão, dono do serrinho.

Eu, que em lugar de ter escolhido as contatibilidades devia ter-me feito criador de gado, era capaz de passar todo o tempo a admirar e a divertir-me com a graça, a beleza e as tropelias da bicharada. Mas o leitor talvez não. O leitor gosta de andar, de passear, de ver mundo...

Então siga. Siga até ao encalpiatal à beira da Serra de Monsanto, um belo eucaliptal cheio de sombras, de paz, de crianças e dos tais parzinhos românticos que, não sei por que mistério, dão um especial encanto a todos os sítios que frequentam... Siga à aldeia das abelhas com as suas casinhas alinhadas, uniformes e fardadas como as casas dos bairros económicos. Siga até às lagoas abertas na rocha, onde, como se fossem a materialização do nosso olhar, vogam cisnes...

Encontrará jardinsitos domesticados com as mãozinhas quietas no regaço — e encontrará trechos bravios, aos pinótes, desencabrestados por aquelas encostas. Encontrará, no fundo do barranco, ao nível das flores e do trigo, um lugarzinho à medida para a sua vontade de isolamento — e encontrará, em riba do monte, o miradouro com Lisboa — e o Tejo, e a Barra, este mundo e o outro... — a sua mercê. Encontrará, principalmente, a cada passo que der, o seu próprio espanto de ver em Lisboa, a tal de granito (ou de cimento armado?) latejar um coração todo em verdura natural...

Tenha a certeza de passar um domingo feliz. Estou por fiador. Mas não se esqueça, se quiser seguir o meu conselho — de se munir com uma autorização especial passada pelo Instituto de Agronomia, e sem a qual não poderá entrar no parque. A Tapada da Ajuda é um feudo que, seguindo a boa regra medieval, só pode ser transposto com salvo conduto...

CICERONE

(Continuação da página anterior)

venturoso ou o afortunado Jim se tornava para a grande massa do público britânico uma figura típica, característica, que se encontrava na repartição, que se topava no autocarro e que se acotovelava no «metro» à hora da enchente.

Até há bem pouco tempo o ideal de um moço inglês de boas famílias, depois de ter saído da escola, resumia-se nuns tantos dados concretos em que pesara o conselho grave de uns parentes experimentados. Naturalmente o destino do rapaz dependia muito da escola que frequentara. Se o papá tivera meios para o fazer cursar uma das famosas escolas particulares, a «public school», onde, com o saber académico que forma o espírito, lhe ministraram os segredos do críquete e do hóquei, ensinando-lhe a perder com um sorriso e a ganhar com indiferença, seriam grandes as suas possibilidades de conseguir entrada em Oxford ou Cambridge. E isto tem muita importância, porque uma licenciatura tirada nestas nobres e velhas universidades dá-lhe a primazia em todos os empregos públicos, o acesso às grandes empresas, ao Ministério dos Negócios Estrangeiros e às mais altas magistraturas da nação. Por isso mesmo uma recusa na admissão a instituições tão venerandas pode decidir de uma vez para sempre da sorte de um moço talentoso, obrigando-o a ir curtir a mágoa do seu desapontamento nalgum dos quarenta e tal colégios universitários que nobilitam as Ilhas Britânicas. E certo que o Estado oferece um determinado número de bolsas, mas elas são ainda insuficientes em numero e escassas no quantitativo para ocorrer às despesas de vida social em que incorre um estudante de Oxford. E aqui quem não convide os colegas, que entretém com luxuosa prodigalidade, não faz amigos, não estabelece relações que lhe virão a ser úteis no futuro e na promoção dentro da carreira. De modo que uma boa mesada, ou uma pequena fortuna pessoal são quase um imperativo para quem frequenta estes santuários do saber.

Se, por outro lado, o rapazinho saiu moroso, tardo na compreensão, versátil e volúvel nos gostos, medíocre de interesses, destituído de quaisquer talentos especiais — e se ainda, para cumulo da má sorte, a família tem um orçamento modesto —, então há o dever de o encaminhar para uma ocupação rendosa e lucrativa. Depois é percorrer as colunas de anúncios nos jornais e, de acordo com as possibilidades de cada um, encaixá-lo num lugar que lhe garanta, ao menos, uma mediocridade sem brilho e uma existência pautada, sem riscos nem estre-meções.

O que surpreende é que a pouco e pouco a grande maioria se adapta a uma situação roneira que a respeitabilidade e a convenção doutram de uma gloriola fugaz. Entretanto vai-se dobando na alma do mocinho ambicioso um novelo de sonhos que constituem o seu ideal e a sua meta.

Não se receie que haja aqui devaneios de imaginação romântica. O Inglês é positivo, realista, homem do seu tempo e da sua hora e sorriria condescendentemente à ideia lusiada de um caixeiro a fazer versos à vizinha da frente. Não, o seu ideal é directo, contável, utilitário e respeitável. Primeiro deve atingir um nível de mil libras anuais — oitenta contos em moeda portuguesa — e deve fazê-lo antes de chegar aos trinta anos. Em seguida procurará multiplicar progressivamente essa soma, o que já não é tão fácil e que só um certo numero consegue. Mais tarde virão o automóvel, a moto, uma casa, um aparelho de televisão, o conforto das pantufas e uma menina de boa gente para alegrar o ar e encher a casa de chilhidos frescos de crianças.

Não há duvida que é um ideal louvável, são, pacato e consolador. Os boénios, os valdevinos, e os que andam descontentes com tudo dirão que é burguês, patriarcal, mesquinho, pois sentem que faltam a tudo isto uma ambição mais larga e interessada na sorte dos homens. Mas nem todos saem com vocação de samaritanos! E depois sempre nos disseram que a casa do Inglês é o seu castelo e ninguém deve meter o bedelho na casa do vizinho.

Mas a medida que o tempo passa as coisas foram-se complicando e até este ideal fofo se distanciou no horizonte. O mérito de *Lucky Jim* foi de pôr os pontos nos is e de nos contar com ironia mordente as desigualdades caprichosas da fortuna na Inglaterra de hoje, precisamente numa altura em que o Governo britânico procura acabar com a lamentável e «sombria igualdade», que não permite a formação de elites.

Jim é assistente em Oxford, num



colégio de fortes tradições, aguardando com ansiedade a hora em que apareça uma vaga com melhor remuneração. O magro ordenado que recebe e a situação instável do seu contrato, renovável no fim do ano, coloca-o na dependência do catedrático a quem procura agradar a todo o transe. De outro modo o futuro apresenta-se-lhe bastante sombrio, pois terá de ir parar a algum liceu de província a aturar um reitor caturra e meninos turbulentos. O catedrático representa uma certa casta académica com o seu velho modelo de «Austin» de quatro lugares, uma distração congénita que o faz guiar aos arrancos e lhe dá um ar de lunático com permanente obsessão. Mantém o inquieto Jim em constantes sobressaltos, sem mencionar amais a renovação do contrato, e dando-lhe vagamente a entender a necessidade de se valorizar com um artigo de laboriosa investigação e uma conferência em que exhiba «saber suculto» e erudito sobre um ponto trivial da História.

No meio de tantos riscos iminentes o pobre Jim é convidado para um fim de semana em casa do homem de quem depende o seu destino. Há depois uma colega histórica, desiludida do amor e dos homens, a figura seca e neurótica da mulher do catedrático, e o filho do casal, um cabotino com veleidades artísticas, que veio apresentar a noiva à família, uma rapariga bonita, inteligente e com um tio rico, o único raio de sol naquela casa.

Ora este é o mundo no qual Jim se sente um tolerado, um mundo de pretenciosismo e de vaidade, um mundo de gente tola e mesquinha que lhe barra o acesso e decide da sua vida. Contra aquilo ele só pode utilizar uma hipocrisia de esticão, fértil em telefonemas anónimos, telegramas que abreviem a sua malhada visita, e uma canada de cerveja no «pub» da aldeia. Aos poucos complicam-se os seus infortúnios domésticos: queima os lençóis, procura remendar o desastre, virando-os do avesso e retalhando a parte ofendida com lamina de gilete, tem uma rixa com o pintor cabotino e acaba por se apaixonar doidamente pela rapariga bonita.

São estes os únicos sinais de «Sorelismo», de um «Sorelismo» domesticado e do qual cedo se arrepende após o seu regresso à Universidade. Desde então passa tudo a andar mal com os alunos, que desistem do seu curso facultativo, com os colegas, que lhe não perdoaram as ironias, com o catedrático, que anda cada vez mais distante e lunático, com a quarentona histórica, que é atreita a deliquios em situações delicadas, com a conferência solene em que ele caiu de bêbedo, com a rapariga bonita cuja simpatia parece ter perdido. E é quando a roda do destino gira contra ele que as sementes da violência lançadas no terno coração da rapariga frutificam e florescem num amor salvador. Ela manda ao diabo o noivado com o pintor cabotino, deserta das esperanças conjugais, esquece aquela família de museu, com os seus panamás de Verão, as calças de golfe, a cana de pesca ao salmão, o «Austin» aos arrancos, e cai nos braços do homem que lhe fez ver a luz da razão. O Jim é um homem de sorte, pois a pequena falou ao tio, que gostara do desembaraço do rapaz, e lhe oferece um lugar de futuro numa grande empresa da qual é director.

Lucky Jim não é um símbolo, como muitos quiseram, mas é um tipo real e verdadeiro do jovem revoltado que se encontra na Inglaterra dos nossos dias. O que se pretende é que às vezes as coisas não são assim tão simples. Para triunfar neste mundo é preciso arte e esperteza, uma hipocrisia hábil, um certo maquiavelismo na escolha dos meios e na busca da vítima. Tem que haver a disciplina da vontade, o domínio dos sentimentos e um alvo bem definido na ambição pessoal. Mas é tudo o que tristemente resta do «Sorelismo»! Se a pequena não tiver um titi rico e desempoeirado — imagem do bom industrial paternalista — lá se vão todos os nossos lindos sonhos por água abaixo... E, é pior que jogar na lotaria — aliás proibida na Grã-Bretanha —, pois ele há muitos Jims, mas são bem poucos os bafejados pela sorte...

Agosto, 58.

LUIS REBELO

A pontamentos para os tempos futuros

(Continuação da página anterior)

a «generalizar», normalmente tocamos vários instrumentos, temos uma formação orquestral. Devo dizer-lhe que duvido um pouco que esta atitude dos médicos resulte apenas de imperativos de ordem científica. Eles devem ter visto que a cura dum cadáver em fatias «especializadas» é muito mais rendoso e que, por outro lado, quando temos ante os olhos corpos capazes de os lançar fora desde que fiquem os dedos.

Além do mais, que fica dito, a minha desconfiança deriva ainda de outras circunstâncias. O especialista autêntico de qualquer ramo profissional tem a consciência disso, e quando sai do seu campo especializado é modesto ao referir-se a assuntos, a problemas que não conhece. Ora na maioria dos casos os nossos Esculápios «especializados» sabem também com grande autoridade «falar sobre tudo» o que não diga respeito à sua especialização — desde a Arte à Filosofia, à Literatura, à Teologia dos Quantos, ao Futebol, etc.

La Palisse diria nestas circunstâncias que, em Portugal, a generalização é um caso particular da especialização. Vou-lhe recordar um facto a que assistimos nos nossos tempos de faculdade. Anunciou-se a conferência sobre Platão. Dizia-se, além disso, que o conferencista era especialista em Platão. Você deve estar lembrado quanto tal especialização desprezou as cataratas do «riso lusitano». Para os jovens universitários de Histórico-Filosóficas, que eram autoridades em matéria filosófica desde Heráclito ao dr. Alvaro Ribeiro — aquela «chitice» tinha carradas de graça. Do resul-

tado deve Você lembrar-se. Para haver assistência aconteceu que o Director da Faculdade e um Professor tiveram de andar a caçar os alunos com uma rede...

Claro que muito mais que os aspectos ridículos desta situação importa denunciar os altamente nefastos para a nossa Cultura e bem-estar geral.

As vicissitudes da nossa História, nos domínios do pensamento, da ciência, da cultura resultam, em grande parte, da pernicioso importância que entre nós assumem o «Ortodoxo», que asfixia, e o «Fala-de-Tudo», que só transmite lugares comuns. De resto, um e outro não passam da mesma pessoa — e quando se diferenciam é por uma questão de graus: os lugares comuns do «Ortodoxo» trazem o argumento da força.

Fora disso ambos «falam-de-tudo», ambos possuem muita «Cultura geral». A cultura geral é o «mostruário» se esconde a sua ignorância. Claro que a ignorância autoconhecida não faz mal a ninguém, é modesta, não tem ambições imperialistas. Mas a nossa desgraça está em que a «cultura geral» é o prato forte dos poliburocratas e eles, como sabe, governam de alto a baixo os nossos destinos.

E para maior desgraça nossa, quando, persuasivamente, aconselhamos a um «Fala-de-Tudo» que «fale-a-sério-duma-só-coisa», ele diz-nos que isso não pode ser, que isso não pode ser, que isso não pode ser. Se fosse competente numa só coisa — ele e a família morreriam de fome.

DIÓGENES



OS DISCOS DO FIM DE SEMANA

O HOMEM DO DIA — banda sonora disco «His Master's Voice» DLPC 17

Com a reposição do filme português «O homem do dia» novo interesse veio recair sobre o «long-play» há tempo publicado pela marca do cão e que compreende os principais momentos musicais do filme de Henrique de Campos.

O principal atractivo que encontramos neste disco reside na variedade de géneros musicais que ofe-

rece. Tem de tudo. Desde a bonita e bem cantada «Canção do Vimeiro», de Lina Maria, até à famosa «Desgarrada», em que até o celebrado ciclista Alves Barbosa canta. Os melhores momentos são porém, quanto a nós, a «Canção do pastor», por Alberto Ribeiro e uma movimentada guitarrada por Jorge Fontes e Joaquim do Vale.

LA FEMME

ORQUESTRA DE FRANK POURCEL

disco Capitol T 10915

trechos: Les lèvres, Les bras, Les yeux
La taille, Les doigts, Les seins
Les hanches, Le lobe des oreilles
La chevelure, Le mollet, La nuque
Les cuisses

Les Baxter, que conhecíamos como dirigente duma excelente orquestra ligeira, compôs uma série de melodias sugeridas por esse eterno motivo de inspiração artística que é a mulher.

São doze peças e doze os encantos da beleza feminina postos no pentagrama com extraordinária «finesse» pela grande orquestra francesa de Frank Pourcel.

Adoptando a mulher por tema Les Baxter seguiu naturalmente a característica romântica que se impunha imprimindo a cada quadro uma gama de cores sonoras que

lhe dá um sabor distinto. Assim, quando «Les bras» nos sugere uma escala de atitudes «Les hanches» é bem a caricatura doce do coleante deslizar duma «belle dame» na Praça da Concordia. E mais não dizemos. Apenas vos sugerimos que oçam esta gravação que além de ser musicalmente esplêndida tem ainda a novidade de ser perfumada com o famoso perfume «Femme» de Marcel Rochas.

Discos publicados pelos Est. Valentim de Carvalho, Ld. — Rua Nova do Almada, 97.

A POLIOMIELITE...

um mal terrível no mundo das crianças

por Maria Gabriela Walter

De uma das nossas praias, cujo nome não publicamos para evitar alarmes — porque não há razão para isso — recebemos uma consulta sobre a possibilidade desta terrível doença poder existir ali. Vamos, pois, pôr a nossa consultante ao facto do que sabemos sobre a vulgarmente chamada paralisia infantil.

O que é a poliomielite?

Como o nome porque primeiramente era conhecida, indica trata-se de uma doença que, em geral, ataca as crianças muito pequenas. Em 1957 tomou um incremento de veras assustador. A primeira epidemia declarou-se, em 1834, em Santa Helena. Depressa correu mundo, como um corsário negro, em busca de vítimas, crianças em especial, mas atacando também jovens e até adultos.

Por estes números que seguem, podemos avaliar o incremento da terrível doença, até 1957:

Est. Unidos (1952)...	29.270 casos
» » (1955)...	57.000 »
Canadá (1953)	8.888 »
» (1955)	933 »
Grã-Bretanha (1955)	7.307 »
Suécia (1954)	1.010 »
Alemanha (1955).....	2.916 »
França (1950)	1.979 »
» (1955)	1.816 »
» (1956)	1.130 »
» (1957)	4.073 »
» até Maio de 1958	473 »
Itália (1954)	3.379 »
Espanha (1954)	881 »

Actualmente, em França parece em franca progressão. Com efeito, o ano passado, houve em Maio, 317 casos.

Esta lista negra é mais eloquente do que tudo o que se possa dizer. Segundo alguns médicos o ser humano é susceptível de auto-vacinação contra o polio, graças a infecções que passam despercebidas, na faringe e no tubo digestivo. Este benefício da natureza não nos deve trazer grande descanso, porque só 2 % beneficiam dela e, uma vez que passa despercebida, nunca podemos afirmar que os nossos são os felizes beneficiários do destino. Quando, porém, se atingir 70 % de vacinados da população infantil, podemos afirmar, que o mal tende a desaparecer.

O mal é, pois, sem remédio?

Praticamente, não há tratamento para ele. A mecanoterapia e a hidroterapia dão aos membros atacados uma certa leveza; se são as vias respiratórias as atacadas, recorre-se ao pulmão de aço, o que tem certos senões. A cirurgia é pouco frequente.

Mas pode-se prevenir a terrível doença? Sim, ao mesmo tempo que ela grassa a passos de gigante, a

ciência procurava, incansavelmente, atingir progressos. E conseguiu: a vacina antipoliomielítica.

Infelizmente como acontece com tudo o que é novo, muito se tem discutido acerca do benefício de tal vacinação, ou dos males que ela pode acarretar, do perigo de uma maior contaminação se a epidemia se declara antes da imunização, etc. E enquanto se discutem, levianamente, prós e contras, as crianças continuam á espera de um bafejo de sorte que as imunize. Em nome de falsos preconceitos, de informações gratuitas, muitos pais fogem de vacinar os filhos, numa completa inconsciência do perigo que estes correm.

Certos rumores que correram mundo, alguns fracassos, verídicos ou não, verificados em crianças já vacinadas, lançaram a dúvida e a descrença entre os pais. A perplexidade e a inquietação só podem ser prejudiciais. Urge que todas as crianças se vacinem, e fora das epidemias. A vacina não tem perigo algum, aconselhada pelo médico; mas no caso de não existirem contra-indicações, é uma arma eficaz contra o mal traíçoeiro de resultados, por vezes mais funestos que a própria morte: a completa inutilidade.

Sem a preocupação de fazer do caso, uma neurose colectiva, como entre nós se verificou ultimamente, não vamos cair no «laissez passer», bem mais prejudicial para as crianças que a neurose dos pais. Porque entretanto, a doença tem tempo de se instalar

O que se sabe acerca do vírus da polio

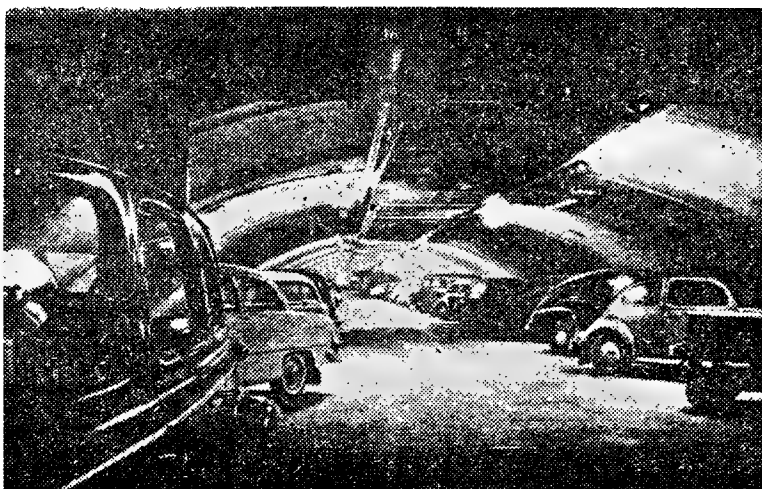
A bem dizer a polio é uma mistura de vírus diferentes, com um tamanho infinitamente pequeno que vai de 20 a 30 milionésimos do milímetro, mas terrivelmente resistente ao frio, á glicerina, á muitos desinfectantes. A sua terrível resistência deixa-se, no entanto, vencer pelo cloro (usado no tratamento das águas), da água de Javel, do permanganato de potássio. É um vírus extremamente filtrante, podendo atravessar uma parede de porcelana...

A sua acção é variável, segundo, os tecidos que ataca; não se desenvolve em células mortas e são combatidos — até onde, infelizmente? — pelos anticorpos que nós próprios fabricamos, como defesa natural.

Este indesejável hospede, instala-se secretamente no organismo humano, monta o seu lar em qualquer célula e dela se alimenta como qualquer parasita. E graças ao poder reprodutor da célula-hospedeira, depressa ele também inicia a sua multiplicação. Até ás descobertas do professor Horstman e do dr. Bodian, pensava-se que o vírus deambulava nos tecidos; porém eles descobriram, 1948, vírus da polio, no sangue.

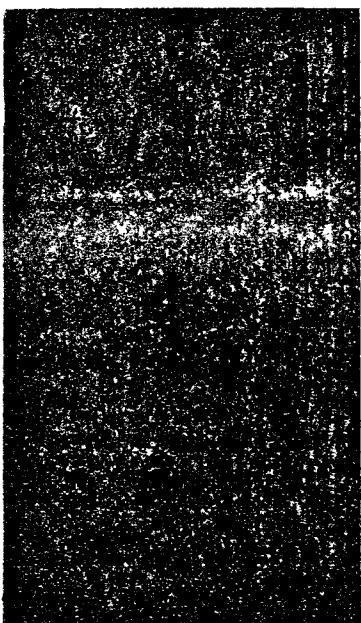
(Continua no próximo numero)

Pelas estradas do Mundo



Ter um automóvel... Não me digas, leitor, que não é um dos teus sonhos. Não vejo mal nenhum em confessá-lo — dado que o natural do homem é a conquista do poder — e nada nos dá tanto a sensação dele como a máquina.

Deves ter lido as aventuras e malaventuras do fidalgo D. Quixote. E, certamente, te recordas daquela judiciosa observação do proverbioso Sancho. Segundo a qual a cobiça do poder é tanta que os homens gostam de mandar nem que seja um rebanho de cabras. Hoje pode afirmar-se que gostamos de governar nem que seja um automóvel. O automóvel dá senhorio: aumenta a cotação social ou é reflexo dela. Onde não entramos honradamente pelo nosso pé, entramos de automóvel. Simplesmente...



...Simplesmente, quem vir no automóvel um bicho inofensivo e dócil, fácil de governar como um camelo, engana-se redondamente. Trata-se de um animal perigoso que dia-a-dia semeia o terror e a morte pelas estradas do Mundo. Não estamos dizendo isto, amigo leitor, para estragar o teu passeio de fim de semana. Pelo contrário. As observações que vamos submeter á tua meditação destinam-se precisamente a contribuir para o bom êxito, para a felicidade destes dois dias fora do Mundo.

O professor André Lemaire tem dedicado grande parte da sua vida ao estudo dos problemas automobilísticos. Autor de várias obras sobre o assunto, ninguém melhor do que ele poderia esclarecer-nos alguns aspectos relacionados com o trânsito. Por isso lhe pusemos uma série de perguntas a que o prof. Lemaire se dignou responder pela forma que segue:

Pergunta: São muito numerosos, em França, os desastres na estrada?

Resposta: Sim. No ano passado, o numero de vítimas ultrapassou cento e cinquenta mil, entre as quais dez mil mortos. Faça as contas: quinhentas por dia...

P.—Haverá alguma relação entre esses desastres e a idade das vítimas.

R.—Até certo ponto, sim. Por exemplo: nos desastres motivados por veículos de duas rodas participa uma maioria de indivíduos com menos de vinte anos; por automóveis, indivíduos á roda de vinte e cinco anos. Os peões sinistrados andam geralmente pelos sessenta anos.

de responsável. 80 a 95 por cento dos acidentes devem-se, na totalidade, a estes factores.

P.—Quais os factores que mais influência exercem no aumento da «lista negra»?

R.—A estrada, a máquina, o factor humano. A estrada influencia grandemente cerca de metade dos desastres. A máquina não toma á sua conta senão 9 por cento — mas ainda por culpa do condutor que não cuida atentamente dos travões, da iluminação, dos pneus.

O homem é, na verdade, o grande ou parcialmente, ao comportamento dos indivíduos na estrada. Quase todos derivam de deficiências físicas ou psíquicas dos condutores que se recusam depois, consciente ou inconscientemente, a admitir a sua responsabilidade. Todos se julgam excelentes pilotos —

comprar um carro. Atinge velocidades incríveis e para isso basta-lhe carregar suavemente num pedal. Senhor das entradas, tudo e todos se afastam para ele passar. Basta fazer uma leve pressão no «claxon» autoritário... Daí a julgar-se o centro do universo vai um passo. Daí a considerar-se perfeito (por um processo mental de identificação com a máquina perfeita) é outro passo. Eis os motivos porque para o condutor a culpa é sempre dos outros. Para ele, perfeito como é, não há culpa. Evidentemente que entre os seus dons pessoais e essa identificação com a máquina se gera, por força, o desequilíbrio. E o desastre surge...

P.—Os dons pessoais entram no activo de um condutor?

R.—Sem dúvida. Há pessoas inteligentes que guiam mal mas está provado que nas condições actuais do movimento nas estradas em que as dificuldades surgem a cada passo, com situações que é preciso resolver instantaneamente, só um indivíduo de certo desenvolvimento intelectual e na plena posse de numerosas percepções sensoriais pode estar apto a ser um bom condutor.

P.—Mas não é isso que muitas vezes se verifica...

R.—E os resultados estão á vista. Os castigos, as multas, etc. não resolvem o problema. Perante o acidente, a melhor atitude devia ser esta: saber-se em que medida o factor humano terá contribuído para ele; reeducar o condutor, depois. Nos Estados Unidos estão a proceder a estudos nesse sentido, com muito êxito. O condutor guia como vive — logo há que procurar a razão do desastre no próprio condutor.

P.—Acha isso viável?



e esse complexo de superioridade é muitas vezes fatal.

P.—Faltou em complexo de superioridade... Gostariamos que desenvolvesse esse ponto...

R.—Com a melhor vontade. Nada existe que melhor desenvolve no homem o seu instinto de poder, de fortaleza, do que o veículo a motor. Porque? Porque ele lhe dá uma sensação de orgulho, um aumento de «élan» vital, uma consciência de capacidade (especialmente a capacidade social) dependendo um mínimo de energia física ou moral. Veja: uma pessoa obtém um acréscimo de consideração e respeito sem ter feito nada mais do que

R.—Acho-o absolutamente indispensável! A importância do automóvel na vida actual é tanta que tudo quanto lhe diga respeito deve ser estudado cuidadosamente. Claro, o ideal será que a ajuda psicológica a dar ao condutor seja feita antes e não depois do desastre. As escolas de condução deviam estar obrigatoriamente equipadas ou ligadas a centros de estudo psicológico.

Aqui tem, leitor, a opinião abalizada do Professor André Lemaire. Medite bem nela e oxalá possamos ter contribuído para um melhor esclarecimento de problemas que, certamente, já tentou equacionar.



GANHE 100\$00 com um sorriso nos lábios

O grande numero de respostas obriga-nos a adiar para o próximo numero a selecção e publicação da do vencedor e das melhores que se lhe seguiram.

Hoje desafiamos os leitores a que nos enviem uma definição

ou espirituosa
ou crítica

de uma palavra célebre a todos os títulos — como designativo de ani-

mal, como adjectivo, como ofensa a fazer ao próximo num dia de zanga.



Além da resposta do vencedor, publicaremos todas as que merecerem, com menção do nome do autor. As respostas devem estar em «MAGAZINE», Rua Luz Soriano, 45, até ao próximo dia 8 de Setembro. Felicidades!

NIJINSKY



O deus da dança (1)

exigência existe: que ninguém acuse um colega, seja porque for.

Numa dessas brincadeiras cruéis, Wraslaw fica às portas da morte e só volta à Escola depois de três meses de hospital. Ao fim de algumas semanas, Obukhov, com todo o seu carinho consegue que o aluno seja outra vez o primeiro do curso.

Em 8 de Janeiro de 1905, quando voltam da missa os jovens bailarinos deparam com uma formidável manifestação popular, que se dirige para o Palácio de Inverno. Não resistem às proibições feitas na Escola; incorporam-se; dentro em pouco alguém lhes põe na mão uma bandeira rubra, que um deles segura com juvenil entusiasmo. A manifestação foi reprimida com uma crueldade inaudita e Nijinsky nunca mais esquecerá a emoção sofrida. Durante alguns dias ficou mudo de comoção.

Só a dança o consegue curar e a dança tem agora maiores atractivos. Já participam em recitais, onde Wraslaw conhece Marius Petipa, o Mestre supremo do bailado clássico. O publico que assiste aos espectáculos dos jovens é o mais culto do Mundo em matéria de dança; os lugares nos teatros passam de pais para filhos; e muitos casos houve em que se mencionavam nos testamentos...

Numa atmosfera de fabuloso luxo que só julgavam ser possível nas histórias de fadas — as crianças julgam-se num sonho. A corte Imperial rodeia-os de mimos, pois estas rapariguinhas e estes rapazes serão dentro em breve o gozo dos seus olhos... Por enquanto não passam de verdadeiros diabos. No fim do espectáculo num Palácio das Mil e uma Noites que se chama o Ermitage, eles são obrigados a restituir os talheres de ouro que, durante o banquete, foram metendo nos bolsos. Nijinsky é mestre nestas tropelias. Num dia de carnaval, ao ter de beijar a mão do grande cantor Yerschow, cobre-a com pó de espirrar e de coçar. No momento em que este começa a entoar uma ária do «Tannhauser», é acometido de um espirro interminável, ao mesmo tempo que o avassala o desejo de se coçar até ao sangue. O pano cai, enquanto o publico ri até às lágrimas...

Ora naquele mesmo trágico Janeiro de 1905, Isadora Duncan chega a São Petersburgo. No caminho para o hotel, na noite gelada, assiste ao terrível espectáculo do enterro das vítimas da repressão. Seu espírito democrático nunca mais esquecerá o que viu. Nessa altura nem ela suspeita que veio a ser mensageira de uma revolução. Seu estilo de dança é o sopro fresco que abalará o majestoso edifício do bailado clássico.

Condensação de «A VIDA DE NIJINSKY», biografia escrita por François Reiss e editada por ESTUDIOS COR. E' o 4.º volume da sua Coleção DESTINOS, a que pertencem a «VIDA DE VAN GOGH», «A VIDA DE TOULOUSE LAUTREC» e «A VIDA DE DOS-TOIEWSKI».

Esta notícia é especialmente destinada aos automobilistas que nos lêem. Embora o caso focado nela não seja muito frequente, importa reservar-lhe um minuto de atenção. O sr. Hermann W. em missão profissional dirigiu-se à feira de Munique. Não reservara quarto nos hotéis ou pensões. Por outro lado, após a fatigante jornada, não lhe agradava muito a ideia de ir bater de porta em porta à procura de uma cama para dormir. Homem prático, sem medo das incomodidades, depressa encontrou a solução: o seu carro. Era questão apenas, de encolher um pouco as pernas... E uma noite passa depressa...

Na manhã seguinte, Hermann W. Foi, retirado e inanimado de dentro do automóvel e transportado ao hospital em estado de coma. Diagnóstico: intoxicação provocada pelos gases residuais do combustível do motor.

Sahara, o d

Volta para a tua casa!

Conta a lenda que o sábio Ibn Ahmud se fatigou da vida citadina e palaciana «onde o homem devora a sua própria alma». E que fez então o bom sábio que, a avaliar pela provecta idade (cento e quarenta anos...), estava fartinho de viver com os homens, seus irmãos? Resolveu passar o resto dos seus dias no Grande Deserto. Tentou a numerosa família dissuadi-lo do intento. Em vão. O sábio fez a trouxa («...pendurou ao pescoço enrugado como a pele do dromedário o amuleto contra os espiritos malignos...») e lá foi.

Nunca mais apareceu, evidentemente. E compreende-se, sem grande dificuldade, a razão porquê... os espiritos malignos deram com ele. Foi isso. E ainda por cima o velhote esqueceu-se de levar mantimentos, água principalmente. Esqueceu-se também de procurar, para residência, um oásis bem fornecido de sombras. O Sol, o vento e os espiritos malignos fizeram o resto.

E hoje ouve-se uma voz no Grande Deserto. Uma voz que diz: «Volta para a tua casa, tu que vagueias pela areia sem fim! Não invadas o reino do medo, da areia e da sede. Nada tens a fazer aqui.»

As areias que dansam

Foi talvez devido a este discurso do sábio Ibn Ahmud que os árabes crismaram o Saharã com três nomes diferentes: *Bled-el-Kuf*, «País do medo», *Bled-es-sif*, «País da areia», *Bled-el-atchan*, «País da sede».

Estas designações dão-nos já uma ideia aproximada do deserto. Mas no dizer de um poeta árabe falta ainda uma designação para «pintar

com justiça as feições do monstro». Essa designação seria «o País do vento».

O vento é um dos terrores, senão o maior, daqueles que se aventuram ao deserto. Ele obriga os viajantes a afastarem-se da rota marcada, apaga todas as referências, cega, prende os movimentos. Ele é soberano, verdadeiro dono de toda a imensa extensão. Nenhum obstáculo o detem. Levanta turbilhões de areia, autênticas trombas «Areias que dançam» como lhes chamam os árabes. *Siroco* na Argélia, *Chehel* em Laghuat, *Harnattan* e *Simun*, mais ao Sul, *Khamsin*, no Egipto. Acusam-no de devorar caravanas inteiras. Relacionado com estranhos fenómenos magnéticos, seca as mucosas, precipita o pulso, exalta ou deprime a alma e o corpo. Senhor absoluto, só há um processo de o vencer: fazer-lhe a vontade, não opor resistência como o piloto dócil às ondas do mar...

Khelá — o país do Nada

No pino do Verão os árabes usam outro nome para o deserto. Chamam-lhe *El Khelá*, o País do Nada. Nada. Uma planta, um coração, uma veia, um sonho. Nada. Alto forno. O Sol a devorar as areias, a criar o vazio, o nada. *El Khelá*...

Mas os homens nasceram para dominar, não para serem dominados. Nada os vence, nada. Nem o próprio Nada. *El Khelá*. E ei-los atravessando o deserto de ponta a ponta, levando e trazendo mercaderias. Arrostando com o Sol; com o vento, com as areias, deixando-se

A VIDA QUOTIDIANA EM 1

Há 138 anos — As pr

Portugueses! É chegado o momento...

Em 10 de Dezembro de 1820 — fazendo bem as contas já lá vão 138 anos... — procedia-se, pela primeira vez na vida portuguesa, a uma extraordinária cerimónia. Seis dias antes, na Imprensa do Porto ou no «Diário Nacional» podia ler-se um documento que abria com as festivas palavras:

«Portugueses! E' chegado o momento em que ides exercer pela primeira vez as funções mais augustas das nações livres. Vós todos não podereis organizar leis que vos hão-de reger; é então necessário que escolhai os vossos representantes.

«Toda a nação que bem elege os seus representantes é digna de liberdade. Vós, pois, portugueses, preparai-vos para escolher; meditaí e consultaí.

Em 9 do mesmo mês, em Lisboa, um cortejo acompanhado de todas as bandas regimentais da cidade fazia a distribuição de um documento oficial concebido nos mesmos termos:

«Habitantes da muito nobre e sempre leal cidade de Lisboa: illustre, polido e constante povo da grande capital do reino unido! — O Senado da Câmara, vosso único representante, unindo as suas ideias e os seus desejos aos votos uniformes de toda a nação, vai hoje congratular-se convosco pela regeneração e instauração de nossos direitos, que vós soubestes principiar e ides completar com uma tranquilidade que fará inveja às polidas nações da Europa e a admiração aos nossos vindouros.

«Amados compatriotas! Vai amanhecer o dia que fará a primeira época da nossa história, em que principiam a ter efeito os nossos esforços pela liberdade nacional, entrando na posse

e uso dos nossos direitos individuais».

A lição dum passado trágico

Realizavam-se, pois, em 10 de Dezembro, no nosso País, as primeiras eleições à escala nacional. O acontecimento — hoje um pouco e injustamente esquecido — vinha concluir, em corajosa reacção, uma série de sucessos dramáticos a que a pobre nação portuguesa estivera sujeita: primeiro, a tibieza da nossa política externa nos últimos anos do reinado de D. Maria I. em especial no tocante à luta de morte entre a França e a Inglaterra; depois, e como consequência, o tremendo calvário das invasões e depredações francesas; em seguida, como se não bastasse de provação e sofrimento, o domínio do general Beresford — verdadeiro vice-rei do País; finalmente a miséria, a decadência económica de uma terra em ruínas, ainda tornada mais negra pela fuga da família real para o Brasil (acompanhada de 15.000 mandarins, serventuários e parasitas) e pelo Tratado de 1810 que abria os portos brasileiros aos mercadores ingleses...

As elites renovadoras

No período que decorre em 1807 (primeira invasão francesa) e 1820 desenvolve-se uma consciência nacional. As elites esclarecidas vão dia a dia tornando mais clara a ideia da necessidade duma revolução que venesse um sistema político e económico que tornava possível tão grande numero de calamidades e impedia o progresso nacional.

Estas elites esclarecidas, de comerciantes e industriais, oficiais do Exército e funcionários públicos, homens de letras, de ciências e de leis, estudantes universitários (e que fazia parte Almeida Garrett — não agiam isoladas: nas invasões, na dor e na desgraça que a pátria padecera, eles haviam compreendido e praticado que as nações não lutam nem se regeneram senão pela vontade colectiva, senão pela unidade de todos. Ora na luta diá-

Em 20 de Agosto de 1900, o imponente edifício da Escola Imperial de Bailado de São Petersburgo está cheio de ruidosa animação. É o dia em que centenas de crianças, entre 9 e os 11 anos, vindos de todas as províncias russas, se apresentam ao exame de selecção para ingresso na célebre Escola.

As crianças alinham-se em filas de cem e passam lentamente pelos olhos implacáveis dos maiores mestres de dança da Rússia. Estão impressionadas, já se vê, embora os pais o estejam mais, pois têm consciência de que ali se joga o futuro dos filhos.

Aquele rapazinho tímido, de cabelos castanhos, olhar doce e feições de tártaro mereceu uma especial referência. Um dos membros do júri diz mesmo que «o ser humano mais simétrico que alguma vez viu». Perguntam-lhe o nome. Com voz sumida e forte assento polaco, responde Wraslaw Nijinsky.

Tinha então 10 anos. Filho de bailarinos, cedo se habituara a executar na perfeição as cinco famosas posições de pé, base da dança clássica. Não é, pois, por esse lado que sente a estranheza da mudança de vida. Nem também pelo ambiente da Escola — misto de caserna e seminário. A estranheza vem-lhe da impiedosa inveja que os seus dons extraordinários despertam entre os colegas, como ele crianças. Perseguem-no a todo o momento. O pretexto é o de ele ser de ascendência polaca, e aqueles meninos nascem num ambiente racista de ódio aos compatriotas do glorioso Chopin. Docil e resignado, a única reacção do pequeno génio é assistir de longe, tristinho, às brincadeiras onde não o admitem. Mas também tem as suas horas de alegria. Quando dança. Quando seu pequeno corpo vibra como um sopro

de graça e de beleza. Que pena, tais horas não serem eternas! Que pena haver outras aulas em que os livros são o fundamental! Nijinsky é uma negação para o estudo.

Assim passam os dois anos de externato. Dos quinze alunos a ele admitidos só seis prosseguem. O nome de Wraslaw participa na lista. E no dia 1 de Setembro de 1902 aí estão os seis jovens a entrar os majestosos portões da Escola Imperial, onde permanecerão seis anos em regime de internato, pagos pelo Estado.

A severidade continua a ser a característica fundamental do ensino, juntamente com a assombrosa categoria dos Mestres. Rapazes e raparigas, separados por um andar, só nos ensaios em comum se encontram e mesmo assim debaixo de feroz vigilância. Os alunos acordam às sete e meia, precipitam-se através dos corredores gelados, na direcção dos balneários. Depois vem o pequeno almoço, frugal, pois não convém ir demasiado pesado para a aula de dança — a primeira da manhã. O jantar, sim, é pantagruélico, a fim de compensar os rudes exercícios do dia.

Nijinsky adapta-se. Suas virtudes geniais continuam a ser o espanto dos Mestres e o motivo do ódio insaciável dos colegas. Um dia, apercebendo-se disso, o grande Obukhov tem uma explosão de cólera: Grita aos alunos: «Que importa que tenha nascido polaco? Ele recebeu um dom divino. Não vos encarniceis contra ele, mas aceitai-o fraternalmente!» Desde esta altura os colegas aceitam o seu convívio. E Nijinsky, brincalhão e cheio de vida, está sempre disposto para todos os jogos, mesmo os mais violentos e estúpidos, como é o caso da brutal brincadeira em que se batem, de tronco nu, com um cinturão de couro. Uma única



— Devo confessar que acho o senhor ainda muito novo para ser médico!
— Bem sei, minha senhora; por isso não trato, por enquanto, senão crianças!



— Não acho o seu marido, hoje, tão bem. Ele tem seguido a dieta simples?
— Não tem, não. Ele diz que não está disposto a morrer de fome, só pelo gosto de viver mais alguns anos!



— Antes quero ver a sua língua do que ouvi-la.



— Isso, isso é exactamente o que eu sinto.
— Pois bem, já que assim é, visto que sofre de todas as doenças, começaremos por tratá-lo de alienação mental.



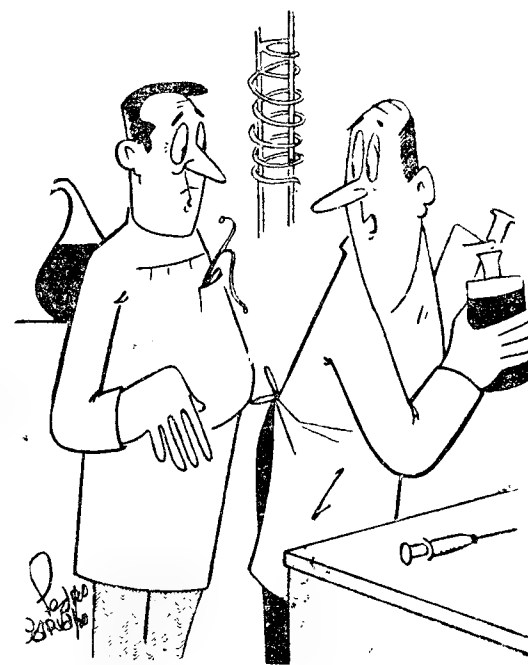
— Nada mais fácil que deixar definitivamente de fumar... Já o tenho feito centenas de vezes!

UM CASO POR SEMANA

Uma página de humorismo nacional



— Calcula tu a minha sorte! Ontem operei um ricão no momento preciso.
— Salvaste-o?
— Não. Salvei-me. Vinte e quatro horas mais tarde já ele se teria curado sem operação. O tumor rebentara por si...



— Se o colega tivesse acompanhado os progressos da cura, veria que quando ele morreu, já estava perfeitamente bom.

Não ria com RISO AMARELO!

Ria com o RISO BRANCO E SAUDAVEL da pasta

DEX-CREME

Fatos de banho para os vossos filhos



Os fatos de banho para as crianças quando não são caríssimos são de material inferior, picam, deformam-se e perdem a cor. A leitora comprando lá boa e executando-os por suas mãos acertadamente e dará aos seus filhos uma prova de atenção que eles não deixam de apreciar.

UM CHAPEU DE CHRISTIE



Chapéu em forma de turbante realizado com seda de pintas e uma grande fivela de madreperla. Deve-se este modelo à imaginação de Christie que sugere o uso de pérolas com tão gracioso chapéu.

REGIME LÁCTEO PARA EMAGRECER
à base de Algas, Leveduras e Yoghurt

Alimentação magra

Adypok

Preço ultra económico de 1\$00 por refeição.

Peça em postal literaturas grá-
tis para a FAL — Apartado
(Central) 142 — LISBOA

Representação da
LYNDEX — Piccadilly — LONDON.

Embalagem equivalente a 50 refeições . . . 50\$00

Embalagem (tipo ensaio) para 20 refeições 22\$50

VAI PARA O CAMPO ou para a praia?

Se manchar com as ervas os seus fatos, esfregue a parte manchada com um pano molhado em álcool a noventa graus.

Leve consigo um frasquinho com éter. Um bocadinho de algodão hidrófilo embebido em éter fará passar, instantaneamente, a dor produzida por uma abelha, vespa, lacrau ou peixe aranha.

Na sua bagagem não esqueça um bom chapéu de palha ou um lenço que lhe resguarde a cabeça dos raios solares.

Máquina de TRICOTAR BUSCH
APENAS POR 115\$ MENSIAIS
CHEGOU NOVA REMESSA DA
MAIS SIMPLES, ECONÓMICA
E SENSACIONAL MÁQUINA
DE FAZER "TRICOT"
REPRESENTANTES:
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Lda.
Avenida Fontes Pereira de Melo, 37
Telefs. 59181-2-3 - LISBOA

PAGINA D

PREGUNTE para saber

Janota—Não podemos adivinhar, pela sua explicação, qual será o molho para bifes que comeu na sua viagem. Damos-lhe aqui uma receita:

A utilidade das borras de café

Se guardar as suas agulhas dentro de uma caixa que contenha borras de café bem secas elas nunca mais enferrujam.

As borras de café são um bom desodorizante na lavagem de frascos e garrafas que tenham servido a ingredientes aromáticos, cheirem a ranço ou a bafio.

Se a leitora tem plantas envasadas para ornamentação das suas salas, misture na terra algumas borras de café e verá como ficam mais verdejantes e viçosas.

Uma porção de borras de café e água a ferver limpam radicalmente os canos engordurados das pias e lavadouros de louças.

Conselhos e receitas

Limpeza do couro

Os artigos de couro limpam-se muito bem com álcool puro.

Sapatos escorregadios

Esfregando-se as solas dos sapatos novos com uma rodela de batata crua, impede-se que sejam escorregadios.

Lavagem de roupa

Na água com lixívia, se acrescentarmos uma colher de essência de terebintina por cada dois litros, a roupa ficará mais branca e macia.

Lavagem de copos

Para que os copos fiquem transparentes basta deitarem-se algumas gotas de vinagre na água de os lavar.

Talvez não acreditem

Que há pães com quatro mil anos — duríssimos, evidentemente — que foram encontrados em escavações feitas no Egipto.

Que há uma espécie de lagarto, na Nova Zelândia, que tem um olho de cada lado da cabeça e outro na parte superior.

Que o chá obtido por um cozimento de camomila tem notáveis propriedades vermífugas.

Se for muito diferente daquilo que tanto a deliciou, mande-nos dizer. Prepare-se da maneira seguinte: duas colheres de manteiga, um cálice de vinho, do Porto ou da Madeira; uma colher de molho inglês, uma pitada de pimenta em pó e uma colher de café de mostarda. Savora diluída numas gotas de água e uma colher de chá de farinha desfeita num cálice de vinho do Porto ou da Madeira. Derrete-se a manteiga numa frigideira tendo-se o cuidado de não a deixar escurecer. Juntam-se-lhes os outros ingredientes e mexe-se muito bem com uma colher de pau. Depois dos bifes temperados e fritos em manteiga põem-se numa travessa. Junta-se então ao molho feito a gordura que eles deixarem na frigideira e deita-se tudo sobre os bifes.

A VOGA

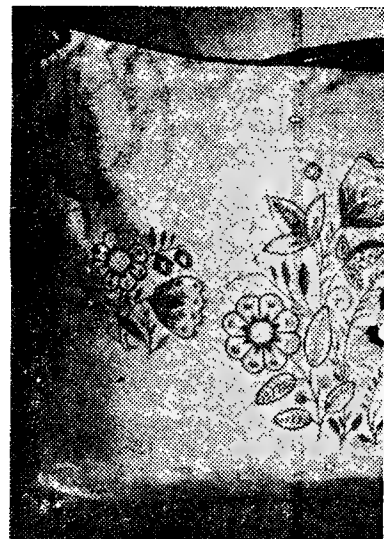
DO AZUL MARINHO



Vestido de rioplex azul marinho composto de saia e casaco curto na linha trapézio. São abotoados na frente o casaco apresenta um laço «borboleta» na parte inferior rematando a abotoadura.

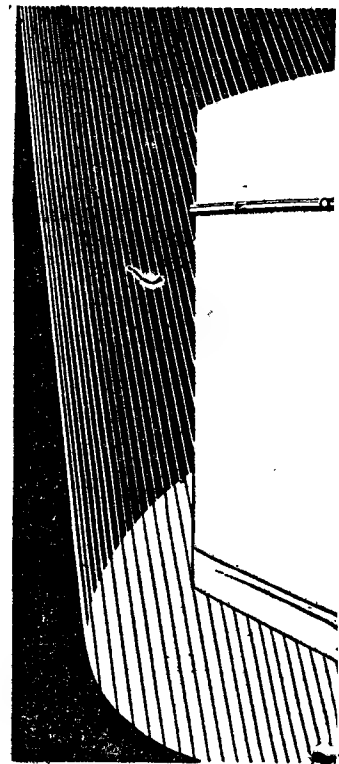


Seja esperta!
Não ande envergonhada porque o seu vestido ou o seu fato de banho estão desbotados. Tinja-os ou avive-lhes a cor, em casa, com as famosas tintas **RAPOSA**, a marca alemã que domina em todo o Mundo há mais de 60 anos. As tintas **RAPOSA** para tingir em casa estão à venda em todas as drogarias.



Almofada boi

É muito bonita esta almofada de linho branco bordada a ponto de galo, ponto pé de flor, ponto de malmequer, ponto de nó, ponto de recorte espaçado, ponto baixo e ponto de cadeia com filoselle. Ancora amarela cor-de-rosa, vermelha azul-clara, azul-escura e castanha. O desenho desta almofada toda colorida, fornece-se às nossas leitoras na Folha de Desenhos para bordados e Rendas n.º 13, que contém



GENERAL

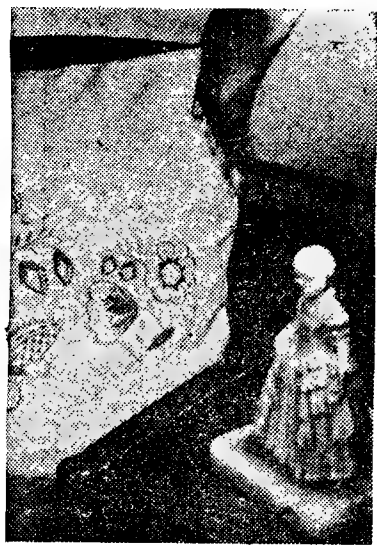
Apres
o mais se
frigorífico

8,1 P.C. = 228 LITROS
O FRIGORÍFICO P

EM EXPO
Da
AV. DA LIB

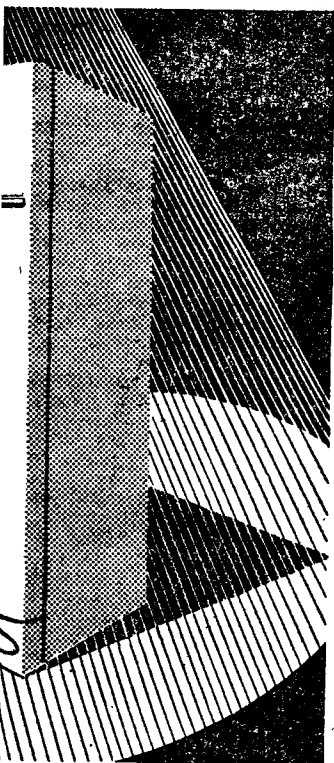
VENDAS EM 6, 12,

A MULHER



dada a cores

muitos outros para roupas de cama e de mesa, pontos de cruz e lindas rendas de crochet no tamanho natural, monogramas etc. e custa apenas 3\$50. Uma amostra explicativa de qualquer dos pontos empregados no bordado importa em 6\$00. O pagamento pode ser feito em selos de correio. A cobrança mais 2\$00. Pedidos à Página da Mulher, Diário de Lisboa — Rua da Rosa, 57, 2.ª, Lisboa.



ELECTRIC

enta
sacional
o americano

IOS 8.750\$00

IRA TODA A VIDA

ÇÃO NA

do

ROADE, 131

18, 24 E 36 MESES

A fruta na vossa mesa

O serviço das frutas em jantares de cerimónia é mais prático sob o aspecto de saladas. Além de ficarem as frutas mais saborosas, comem-se mais facilmente e sem resultar o efeito inestético dos pratos cheios de cascas.

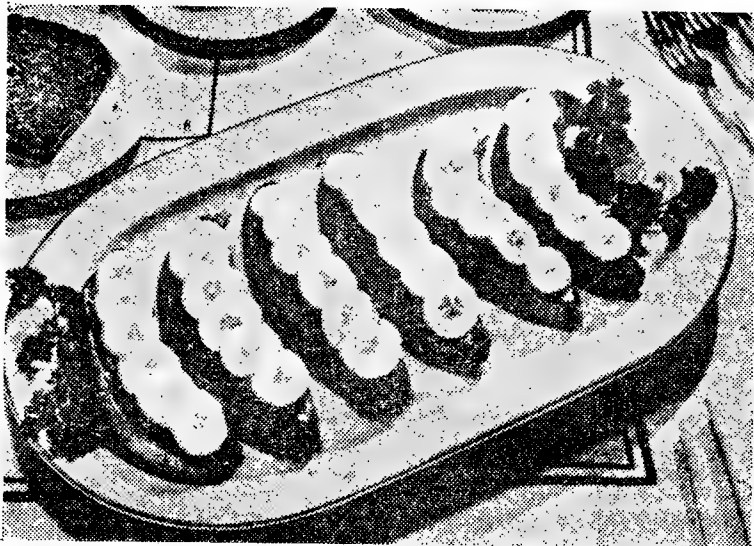
Embora já seja corrente apresentar as laranjas descascadas mas inteiras, é mais agradável quando os gomos são servidos já separados e sem caroços ou as laranjas cortadas em rodela e polvilhadas com açúcar pilé.

Os pêssegos depois de descascados, cortados em fatias finas, ou talhadas grossas, e temperadas com uma mistura de vinho do Porto e açúcar são deliciosos.

O melão cortado ao meio, no sentido da largura ou do comprimento, pode servir de saladeira amparado com palitos que se ocultam com folhas de videiras ou de figueiras ou mesmo de qualquer arbusto que não seja frutífero. Dentro do melão assim apresentado, e

em fatias ou sectores das mesmas, temperado só com açúcar e disposto numa saladeira de vidro. Também é interessante cortá-lo em bocadinhos muito pequenos e apresentá-lo dentro da própria casca colocada inteira, ao alto, ou cortada ao meio no sentido do comprimento e apanhando a rama no corte. No penúltimo caso, sem golpear a casca, tira-se primeiro a rama com uma rodela grossa do ananás e com uma lâmina em vertical extrai-se toda a poupa. No último caso corta-se primeiro o ananás de alto a baixo dividindo-o em duas metades e extrai-se a polpa que se corta e tempera para com ela se encherem depois as metades das cascas que servem á maneira de saladeiras.

As bananas cortadas ao meio no sentido do comprimento podem ser guarnecidas, sobre a polpa com manteiga sem sal e açúcar bem batidos e passados pela seringa de funil serrilhado formando ondulações. Umas metades de cerejas cris-



ja sem pevides, colocam-se outras frutas cortadas em bocadinhos, temperados com açúcar e sumo de limão.

Se o melão é servido sózinho deve temperar-se com um pouco de açúcar e pimenta o que fará com que ele nunca pareça pouco doce ou aromático.

O ananás pode servir-se cortado

talizadas completam a guarnição. Outro sistema consiste em darem-se dois golpes no sentido do comprimento cortando a casca da banana pelo meio, extrai-se a polpa que se corta em rodela, enchem-se as metades das cascas com creme de chocolate e cobrem-se com as rodela da banana. A esta sugestão corresponde a gravura aqui exposta.

Conservação

dos ovos no frigorífico

O frio é o melhor processo de conservação dos ovos, pois actua sobre eles imobilizando-os no estado em que se encontram á sua entrada no frigorífico. Portanto, para que os ovos saiam do frigorífico em bom estado é preciso que nesse bom estado tenha entrado para lá. Um ovo apodrecido, ou menos fresco, não poderá tornar-se mais sã pelo facto de passar algum tempo no frigorífico.

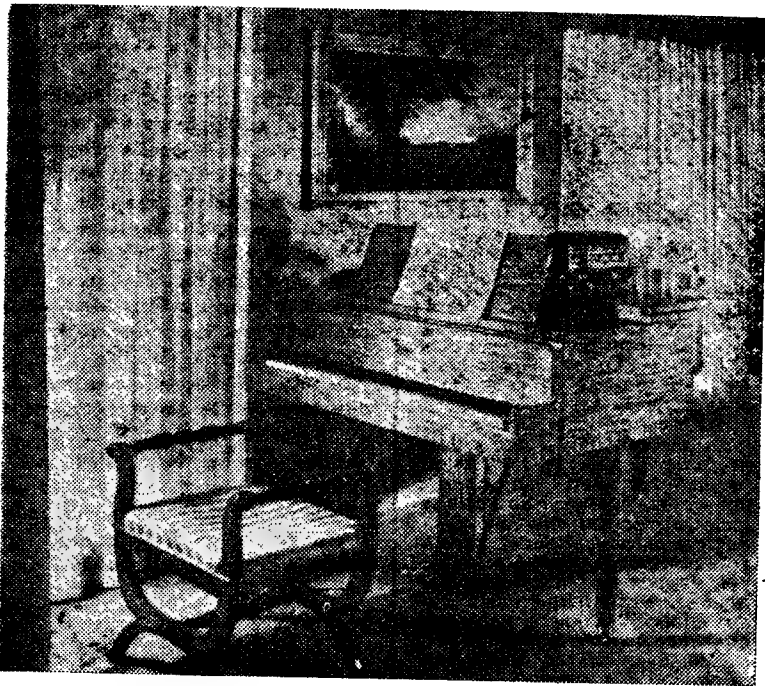
Os ovos devem ser frigorificados

logo em seguida á postura e muito bem limpos.

Para isso é conveniente conservar em grande limpeza os ninhos onde as galinhas fazem a postura.

Um período de conservação dos ovos em frigorífico que vá até aos sete meses não lhes altera o valor. Assim, os ovos postos em Abril e Maio quando têm preço baixo, podem guardar-se para serem vendidos em Dezembro quando o seu preço é muito elevado.

CUIDADOS A TER COM UM PIANO



Um piano é um instrumento de tal valor, que bem merece ser tratado com todos os cuidados. Começam esses cuidados na escolha do local onde tenha de ficar definitivamente ou temporariamente.

Deve-se escolher, para ter o piano, uma sala que não seja húmida e nunca o colocar junto de uma parede que separe essa sala da casa de banho ou da cozinha, quando as paredes não tenham o devido poder isolador. Esse poder isolador é raríssimo encontrar-se na devida conta nas casas modernas em que a maioria dos construtores apenas olham aos seus interesses...

Também não é conveniente colocar o piano junto de uma janela de modo que lhe bata o Sol ou entre duas janelas que o exponham a correntes de ar.

Quando não possa evitar-se a humidade no aposento em que o piano se encontra, como, por exemplo, nos dias de Inverno muito húmidos, devem colocar-se dentro do piano, umas caixas de madeira contendo pequenas pedras de cal viva que absorve a humidade. Há que levar em conta o facto da cal, quando absorve a humidade, aumentar tanto o seu volume que a caixa de madeira onde se encontra não chegará para a conter se não for bastante maior.

Ainda com o fim de pôr o piano ao abrigo da humidade, que é o seu maior inimigo, não se lhe devem colocar em cima jarras com flores ou vasos com plantas.

Há quem organize um salão á maneira de jardim de Inverno, com muitas plantas de interior, e nele colocar o piano. É tudo quanto de pior lhe podem fazer...

Quando o piano está embaciado passa-se com um trapinho dentro do qual se meteram duas ou três nozes bem esmagadas — e sem casca, evidentemente —, em seguida puxa-se-lhe o lustro com uma flanela de algodão e veremos o piano ficar brilhante como quando saiu do armazem. Há, nos mercados, pro-

dutores para o mesmo efeito, mas este que vos indicamos dá os mesmos resultados e é incomparavelmente mais económico.

Devemos cobrir as teclas com uma tira de feltro ou flanela de lã e para que não seja atacada pelas traças coloca-se-lhe um pequeno saquinho com naftalina em pó.

A limpeza das teclas deve ser feita frequentemente vezes mas apenas com álcool.

Saiba o que diz...

Certamente a leitora, jovem, moderna e espirituosa, terá já incluído no seu vocabulário de uso corrente o «OK» de origem americana como expressão afirmativa. Mas saberá o que diz quando se exprime dessa forma? Talvez não, portanto, aprenda para saber.

A expressão americana que se designa por «OK» e se lê «ôquei» tem uma origem que vai deixar a nossa leitora desiludida, pois se liga a tudo quanto há de mais prosaico... Um guarda fiscal americano, meio analfabeto, para marcar as bagagens já vistas, escolheu a expressão «All correct», que quer dizer «tudo bem». Mas resolveu simplificar a escrita escrevendo apenas as iniciais. E para iniciais de «All correct», que se deve ler «Ol carrect», escolheu, erradamente, O. K.

E assim foi criada uma expressão que já tem celebridade embora a maioria dos que a usam desconheça a sua origem.

PRAIAS DE MARAVILHA

Se se decidir a viajar, o caminho de ferro e os respectivos serviços combinados de camionagem facultar-lhe-ão uma cómoda e módica deslocação.

NOVA AUTOMÁTICA
SINGER
EM MALETA PORTATIL

PARA A PRAIA

PARA CASAS PEQUENAS

PARA O CAMPO

CASA AFRICANA

VESTIDOS TAILLEURS,
SAIAS, BLUSAS, CASACOS

PRONTO A VESTIR

SONHO

por Maria Leonor Meneses e Agrella
(18 anos)

Tu e eu numa tarde de Fevereiro ameno
Em baixo, a cidade cantava
Da minha boca, um trémulo suspiro
Da tua uma palavra vaga

Sonhava, talvez sim!
Talvez na ilusão que a vida derribou
Agora, um sim
De que tudo já passou.

Mãe, amo-te mais.
Sonho, talvez sim! ?
Talvez na quimera se tenha formado
E eu penso, minha mãe que vais cami-
nhando junto de mim.

CONCURSO GIGANTES DA HUMANIDADE



Nascido em 15 de Agosto de 1769, grandes historiadores não esque-
veio a morrer milhares de quiló-
metros depois, numa triste ilha per-
dida na imensidade do Oceano:
Santa Helena. Foi possivelmente o
maior chefe militar de todos os
tempos. Maior que César, que Aní-
bal, que Alexandre. Triste quali-
dade esta — o de Homem que me-
lhor faz guerra, o de Homem que
destroi com maior genialidade...
Este gigante teve, porém, bas-
tantes aspectos benéficos na sua
vida. Foi o coveiro dos velhos re-
gimes feudais. Ajudou a Europa a
modernizar-se. E é isto o que os

As respostas devem estar na Re-
dação do JUVENIL até ao próxi-
mo dia 8 de Setembro, acompanha-
das das seguintes indicações: nome,
morada, data de nascimento (os que
ainda a não mandaram) dos con-
correntes. Estando já inscritos no
Ficheiro dos Amigos do Juvenil,
indicarem também o seu número.
Por fim, dizerem que artigos ou
poesias mais apreciaram no JUE-
NIL desta semana.
Como sempre, além dos habituais
prémios, distribuiremos um, espe-
cial, para o melhor trabalho sobre
este Gigante da Humanidade.



FLASH

Por Manuel Agra

O Quarenta e Dois

Não sei se já te acontecem isto: es-
tarmos nós a trabalhar, ou a ler, ou a
sonhar, e de repente saltar-nos ao ca-
minho uma paisagem que nunca admira-
mos, ou um som de fonte que nunca
vimos ou umas feições de pessoa que
não teve — uma existência — carne e
osso e é tão viva — ou mais — como
se a tivéssemos.

Eu, por exemplo, costumo lembrar-
me muita vez do Jacques Thibault, per-
sonagem de «Os Thibault» de Roger
Martin du Gard. É meu amigo. Amigo
íntimo. Senta-se à beira de mim, quan-
do estou doente e aqueles olhos bons
dão-me a esperança e, estendendo a
mão, ajudam-me a passar o rio...

Pois hoje tenho andado com uma tei-
mosia forte. Não me larga a recordação
do «42». Quero lembrar-me do nome
mas não sou capaz. Possivelmente nun-
ca o soube. Para ele, euerei sempre o
«41»; para mim, ele será sempre o
«42»...

Meu companheiro de hospital, há
muitos anos. Era um velho negro alto,
desincolatrado, todo um bocadinho para
cada banda. Sofria do estômago, uma
coisa má, ao que se dizia. Embora so-
fresse continuamente nunca desistia de
ser prestável, de auxiliar os companhei-
ros. Os seus braços tinham sempre do-
no que nunca era ele próprio. Os seus
braços chegavam de ponta a ponta da
enfermaria.

— O «42» dá-me ali o jornal...
— Um copo de água...
— O «42», isto, ó «42» aquilo, por
favor.

Ou então ele nem esperava. Ele, o
único que andava levantado, parecia
adivinhar os desejos dos companheiros.
Viera novinho para Lisboa, a servir.
Depois não gostou dessa vida, não ti-
nha jeito para criado. Empregou-se nu-
ma garagem. Tinha lá bons amigos. Iam
vê-lo ao hospital, levavam-lhe taranjas
e tabaco.

Falava-me continuamente da sua ter-
ra, da sua gente que não esquecerá nun-
ca. E um dia, depois de alguma hesi-
tação, tirou da carteira o retrato quase
delido. Pergunto:

— Sabe quem é?
Não sabia. Não conheci aquele jo-
vem grandalhão, a fazer peito, de ca-
misola listrada. Mas guiei-me pela ex-
pressão doce dos olhos...

— Este é você, «42». Tal e qual.
Sorria. Ia a dizer qualquer coisa,
mas suspendeu. Um soluço fê-lo estre-
mecer.

E agora, agora, que faz frio e estou
só, recordo-o. Vejo-o debruçado para
mim, como nessa primeira noite de ope-
ração:



— Pronto, já passou. O médico diz que
tudo fino...

Chega-me aos lábios queimados pelo
clorofórmio o algodão humido que logo
fica seco, palhúco. Senta-se à minha
beira...

Inda aqui está, sentado ao pé de
mim. E já não faz frio.
Nem estou só.



PROBLEMAS DOS JOVENS

Os Miseráveis

por Louise Briar Russel

Este trabalho deve ser dividido
em duas partes: a Razão e o Resul-
tado.

A Razão: — Em Nova York as
famílias, em certos sítios, vivem
umas por cima das outras. Os pais
passam a vida bêbados e a discutir
um com o outro; não se interes-
sam pelos filhos, mandam-nos para
a rua, as ruas frias, indiferentes,
onde há mais pessoas bêbadas que
discutem, atiram garrafas, atiram
pedras, gritam. As crianças, pri-
meiramente procuram alguém que
se importe com elas; depois mu-
dam, começam a ver que ninguém
lhes liga, que ninguém faz caso.
E elas querem fazer qualquer coi-
sa para que o Mundo lhes ligue.
Lá, nestes sítios que falo, as pes-
soas estão todas misturadas: bran-
cos, pretos e amarelos. Eles têm
ódio uns pelos outros, pelas pes-
soas ricas, por toda a gente. Eles
são tão miseráveis que nem podem
amar os filhos, nem querem.

O Resultado: — Os filhos que-
rem atenção. Formam-se em gru-
pos. Vêm as brutalidades dos ou-
tros e pensam que a lei do crime é
boa. Não têm ninguém que os en-
bém. Querem mostrar que tam-
bém são alguém, vêm filmes de
«gangsters» os mais violentos, an-
dam pelas ruas mais violentas, vão
para os jogos mais violentos, ou-
vem o ritmo louco do Rock, esse
ritmo pulsante que lhes dá von-
tade de mexer; o ritmo toma conta
deles, estão loucos, felizes, par-
tem as cadeiras, batem nos mais
fracos. A lei é: «mata, para não
seres morto». E o salve-se quem
puder. Está alguém no caminho
que não pode lutar com uma lami-
na, nem com cintos, nem com bo-
tas com cardas (pregos).

«Nós somos» alguém! — gritam
eles. — O Mundo tem medo de nós,
matámos alguém! E vão, andam
pelas ruas em grupos, odeiam tudo
o que vêem. Não têm respeito a
ninguém, são cobardes, mas juntos
são fortes, podem atirar-se a um
miserável qualquer; mas sós, são
eles os miseráveis. — Escola de
reforma — diz o juri.

A vítima está só, tão só, já não

VISTOS PELOS JOVENS

ouve o ritmo louco do Rock, já não
está com os companheiros, ouve a
palavra «CULPADO!» e o eco
«CULPADO! CULPADO!».

Juntos são capazes de cuspir no
juri, eles não se importam porque
estão juntos, nada lhes pode fazer
mal. Ouvem a sentença com impa-
ciência, que lhes importa? Mata-
ram um rapaz, eram cinco, mas
que importância tem isso? Que im-
porta que a família esteja a cho-
rar! Eles nunca tiveram alguém
que chorasse por eles. Sim, que
importa que os outros sofram as
injustiças feitas por eles?

Que pena que alguém lhes não
pudesse dar esperanças, quando
ainda eram crianças.

Talvez não se transformassem
assim!...

(Amigo n.º 593, 17 anos, de natu-
ralidade americana).

Diário de Lisboa



Textos

Augusto da Costa Dias, Mário Gastrim e Manuel Salgueiros

Ilustrações

Tóssan e Figueiredo Sobral

Toda a correspondência deve ser dirigida
para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 — LISBOA

ATENÇÃO AO CONCURSO

“Portugal e a Juventude”



INCERTIDEZ

por Ester Silva Antunes (14 anos)

Quem sou? Donde venho? Para onde vou? — Não sei... Mas, porque, porque sinto esta impressão de vazio e abandono? Sinto-me como um naufrago abandonado no oceano! Sinto uma estranha necessidade de... de quê? — Talvez de carinho, não sei... Oh, meu Deus, que sensação aterradora! Valci-me, ajudai-me, libertai-me deste fantasma horroroso que me atormenta dia e noite!

Quero morrer, morrer! Talvez a morte me traga a paz e a tranquilidade de que necessito, e me alivie deste terrível pesadelo! E como será maravilhoso, depois, descansar... descansar... eternamente... quietude dos Céus... embalada pelas suaves canções dos anjos! Mas não; quem, como eu, é pecadora e má, não pode descansar na quietude e remanso dos Céus! Então, se nem na vida nem na morte encontrarei descanso e paz... então, que farei? Que farei para que a minha alma se ilumine e se liberte desta opressão sufocante?

Sim, apetece-me fugir, fugir e parar somente num lugar solitário onde, só sem ninguém, possa desfrutar de um pouco de sossego tão necessário ao meu pobre espírito cansado. Porém, quando me encontro sózinha, os pensamentos maus e perturbadores acorrem novamente à minha mente e então, só no meu modesto quarto de paredes nuas e tristes, entrego-me às minhas tristes cogitações influenciadas pela solidão e pela amargura de que estou possuída...

Que felicidade e alegrias pode haver na vida de uma pobre rapariga que não sabe quem é, que não tem ninguém que a proteja e que não sabe o fim da sua triste vida?

E enquanto pela janela entrecaberta, ouço o som da voz do mar que entoa a sua eterna canção, pelas minhas faces pálidas e cansadas correm lágrimas de tristeza e de saudade da felicidade que só conheci através dos sonhos que à noite povoam o meu espírito.

a) FLOR DE LOTUS

CONTINUAM AS NOVIDADES...

É verdade! As novidades continuam. Agora trata-se de uma nova edição da celeberrima «Ilha do Tesouro», de Robert Louis Stevenson. Stevenson era um belo artista da palavra, coisa que, infelizmente, não é muito vulgar entre os escritores lidos pelos jovens. Os seus livros, além do encanto do assunto, são sempre esplendidas narrativas cheias de arte e de verdade. Até isto os jovens podem, pois, aprender em Stevenson.

Agora vejamos se não tenho motivo para pensar que os nossos Amigos mais novos estão de parabéns... Claro que eu hoje poderia dar também uma notícia às nossas Amigas. Mas acho que não devo esgotar o saco das surpresas esta semana. A grande para elas ficará, portanto, para a semana.

A «Ilha do Tesouro» de R. L. Stevenson é mais um volume da «Biblioteca dos Rapazes» editada pela Portuguesa Editora e lida por toda a gente nova.



Perguntam-nos os mais velhos...

Perguntam-nos os mais velhos se não lhes podemos indicar uma coleção de bons romances a preços muito acessíveis.

Podemos. Entre outras aqui têm a Coleção «Miniatura», onde encontrarão, por preços perfeitamente acessíveis, alguns dos maiores escritores contemporâneos. Permitam até que lhes façamos uma sugestão: entre os livros da Coleção «Miniatura» encontra-se uma obra-prima dos nossos tempos — o «Jean-Christophe» de Romain Rolland. É constituída pelos seguintes livros: 1 — «O Adolescente»; 2 — «A Manhã»; 3 — «O Adolescente»; 4 — «A Revolta»; 5 — «A Feira»; 6 — «Antoinette»; 7 — «O Irmão»; 8 — «As Amigas»; 9 — «Sarga Ardente»; 10 — «O Novo Dia».

Em virtude do seu preço (normalmente 12\$50) não será difícil comprar todos estes pequenos volumes um a um. E ficam com uma obra que nenhum jovem pode desconhecer.

Aqui têm, pois, uma bela sugestão. A Coleção «Miniatura» é editada por Livros do Brasil, Ld.ª.

Diário de bordo

Atenção, Amigos premiados!!! Amigo n.º 655—Manuel Sales Graça (Lisboa): o teu livro cá fica aguardando o teu regresso de férias.

Amigo 461—António Santiago (Queluz): manda a morada certa, sem o que o livro não poderá seguir.

Amigo 1219—Maria Amélia Costa Lima (Lisboa): manda a morada certa, para que o livro possa seguir. Amigo 961—Horácio Roberto da Graça Carvalho (Évora): O livro veio devolvido, com a indicação de «desconhecido» na morada indicada. Manda-a de novo, com brevidade.

Amigo 968—Maria Ribeiro (Barreiro): o livro há tempo devolvido, continua à espera que o reclaims.

Amigo 764—Aida Serrão da Veiga (Amadora): o livro veio devolvido. Manda dizer a morada, sim?

Amigo 1041—Alvaro Duarte de Oliveira (Lisboa): o livro veio devolvido e continua à espera que o reclaims.

Amigo 1139—Maria Manuela Januário da Costa: o prémio não seguiu por falta de morada para onde deve ser enviado.

Atenção, Amigos: Mandem ratificar as vossas moradas ou indicar as que ainda não temos, pois os livros não podem ficar indefinidamente, em nosso poder. Como nem todos os Amigos mandam dizer se recebem os livros e muitos reclamam no fim de imenso tempo, pedimos atenção para o facto. Não deixem de acusar a recepção dos prémios, nem de reclamar, imediatamente, quando os não receberem. Isto evitará muitos aborrecimentos para todos nós.

Amigo 357—Fernando Tavares Rodrigues (Salreu): tens razão. Amigo, nas tuas queixas; mas se soubesses como o tempo me falta! No entanto, é-me imensamente grato escrever-te, vou pois arranjar um «bocadinho» para o fazer. Obrigado pelas tuas palavras de amizade. Os trabalhos serão criticados, oportunamente, pelo crítico João.

Recebemos a morada seguinte: Rua Morais Soares, 67-3.ª esq., sem qualquer assinatura; porque se dá o caso de termos pedido várias, não podemos saber a quem pertence. É favor, amigo morador na citada morada, mandar dizer quem é.

Amigo 1095—Maria Filomena Prata: os livros a que te referes já seguiram e, certamente já os re-

cebeste; não esqueças de acusar a sua recepção.

Amigo 1203—José Pedro Tomás (Ereiceira): és tu, na verdade, o feliz contemplado. Dentro de dias lá receberás o livro.

Amigo 1244—Margarida M. Brandão (Bombarral): ficaste inscrita com este numero que passarás a indicar em toda a correspondência. Agradece, em nosso nome, a propaganda que os Amigos Isabel e Domingos têm feito aí na terra.

Atenção, Armando Cerqueira: achamos bem que respondas ao artigo da nossa Amiga Maria Teresa; porém, não o podemos publicar sem a indicação da tua idade e morada.

Amigo 1249—Teófilo Valente Araujo (Almada): Deves tomar nota deste numero, que passarás a indicar em toda a correspondência. Para concorrer, tens duas coisas a fazer: 1.ª, preencher os espaços vazios entre as consoantes, por vogais, de maneira a formar palavras, cuja significação estão incluídas na poesia; 2.ª, dizer a quem se refere a fotografia da Grande Figura da Humanidade. A este ultimo concurso, poderás dar apenas o nome, ou fazer uma pequena biografia da figura. A biografia não é obrigatória. Entre as respostas certas são sorteados bons livros. A melhor biografia será premiada com dois livros. Creio que estas explicações te bastarão; mas se ainda tiveres dúvidas, escreve a pólis.

Amigo 1150—Mário Pereira Calvino (Tomar): os jornais seguem. Desculpa a demora.

TROTE

Amigos entrados esta semana:

1241—José Bandeira (Dafundo); 1242—Adelaide Maria A. da Cruz (Barquinha); 1243—M.ª Leonor Reimão Ferreira (Lisboa); 1244—Margarida M.ª Trigueiros Brandão; 1245—M.ª Cecília Bantos (Envidado); 1246—M.ª Teresa Dantas Martins (Lisboa); 1247—Anabela da Conceição Ferreira (Lisboa); 1248—Celeste Martins (Lisboa); 1249—Teófilo Valente Araujo (Almada), que será fácil quem lhe queira responder. Mas não se esqueçam, Amigos, que é um pouco de Portugal que vocês mandam nas vossas cartas...

Na próxima semana, publicaremos mais nomes de jovens brasileiros.

Intercâmbio juvenil

Amigo n.º 1060—Ramiro Suarez Osório, morador na R. dos Lusíadas, 114, 2.ª, dir.ª, em Lisboa, deseja um intercâmbio diferente do habitual: deseja corresponder-se com jovens de ambos os sexos, amantes de teatro, que com ele queiram organizar um teatro JUVENIL. Todos os interessados podem escrever-lhe desde já, para a morada acima indicada.

Amigo n.º 770—Esperança Maria Lozano Lopes (Coimbra): deseja corresponder-se com a Maria Dolores Nuguenza, cuja morada desconhecemos. Se esta Amiga está de acordo, pode pedir-nos a morada.

Amigo n.º 1192—Eduarda Dionísia (Lisboa): Só em Outubro poderemos indicar as moradas dos jovens estrangeiros. Espera até lá. O teu pedido cá fica arquivado.

Amigo n.º 892—Lucia Morgadinho (Lisboa): Deseja corresponder-se com uma jovem de qualquer ponto do País. Qualquer jovem que, pois, esteja interessada pode escrever-nos a pedir a morada. A nossa Amiguinha Lucia tem 11 anos.

Amigos novos entrados esta semana: 1198—Mário Octávio C. José (Faro); 1189—Custódio José Cristóvão (Olhão); 1190—José Maria Lamy (Lisboa); 1191—Carlos Ferreira Marum (Lisboa); 1192—Eduarda Dionísia (Lisboa); 1193—Eduardo José Serralha (Santarém); 1194—Vitor Scheider Curtis (Faro); 1195—José Manuel Aleluia Martins (Paderne); 1196—Fernanda Elisabeth Rodrigues (Lisboa); 1197—João Luís Costa Gomes (Lisboa); 1198—João Lourenço Ramos Bruno (Olhão); 1199—Otília de Jesus Almeida (Amadora); 1200—Luís Calado (Ponteinha); 1201—Carlos Manuel Aguiar do Amaral (Lisboa); 1202—Jaimé Eduardo Neves (Lisboa); 1203—José Pedro Tomás (Ereiceira); 1204—Carlos Manuel de Sousa (Lisboa); 1205—Joaquim Guedes da Costa (Douro); 1206—Virgílio dos Santos Roxo (Beja); 1207—Alice Judite Ferreira (Lisboa); 1208—Emílio Aquiles de Oliveira (Lisboa); 1209—Fernando Raul de Oliveira Bandeira (Damaia); 1210—Adão Oscar Alvarenga Pinto da Costa (Mesão Frio); 1211—Maria de Lóurdes Pinto da Costa (Mesão Frio); 1212—Maria Teresa Carreiro da Silva Salta (Lisboa); 1213—Rui Serrão Assis e Santos (Figueira da Foz); 1214—Mário Tomás de Sousa Pessoa (Lisboa); 1215—Maria Manuela Pires de Melo (Aveiro); 1216—Graça Maria da Silva Patrão (Coimbra); 1217—Maria Madalena Elói Santos (Pareda); 1218—Rosa Maria de Almeida (Porto); 1219—Maria Amélia da Costa Lima (Lisboa).

ANIMAIS, ESSES DESCONHECIDOS

Os animais ditos domésticos têm uma sorte que nem calculam; porque é muito bom ter a comidinha a horas, escolhida por uma dona amiga.

Mas há outros coitaditos, para quem a natureza foi madrasta. São autênticos párias do mundo animal, bichos sem eira nem beira, trabalhando para comer, como qualquer misero funcionário. Como não possuem aptidões intelectuais que lhes permita uma secretária adoptar meios deveras curiosos para pescar ou caçar.

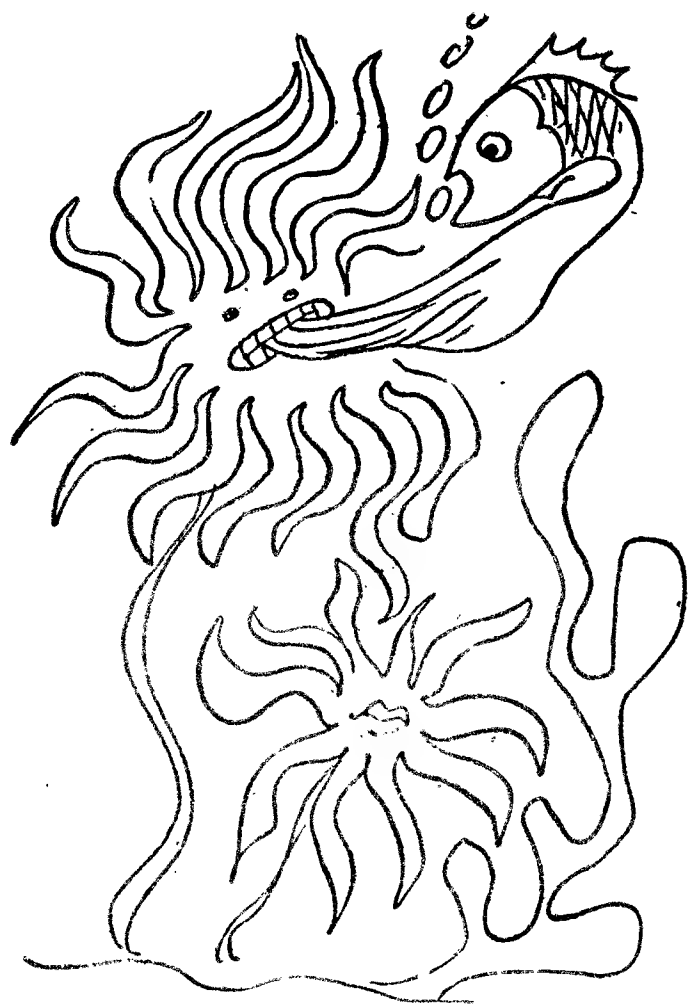
Assim, a anémone do mar parece uma flor colorida. E aí dos peixes que se seduzem pela beleza das suas pétalas! Porque no centro dessa corola traço-eira está a boca sôfrega da anémone esfomeada. Com lentos movimentos dos tentáculos, à primeira vista inofensivos, atraem os pobres peixes. Os tentáculos são terríveis armas de guerra; são munidos de filamentos que lançados sobre a vítima a paralizam.

Os peixes-pescadores vivem nas profundezas dos mares. Como vocês todos sabem, porque vivem em regiões onde não penetra a luz, vêm muito mal. Usar óculos seria difícil e incómodo, debaixo de água. Mas eles têm uma maneira de pescar. Presa ao dorso possuem uma longa cana articulada, fina e elástica, mas de base potente. A extremidade flexível, solta, é munida com uma espécie de farrapo que ondula e brilha na escuridão das águas. Os peixes são de veras curiosos e gostam de ver de perto aquela luz estranha. Imediatamente são devorados por aquela boca enorme, aberta, que os espera. Alguns destes peixes chegam à perfeição de ter dois anzóis na extremidade fosforescente. Trata-se de um verdadeiro engenho de pesca, com cana, linha, anzóis e... isca — tudo fazendo parte do corpo do nosso amigo peixe-pescador.

Nem todos os caranguejos vivem no mar. Sabiam? Alguns preferem a terra firme, e habítam as regiões lodosas dos rios, com muitos outros da sua espécie. Alimentam-se de animais mortos ou outros alimentos que o acaso lhes apresenta. São capazes de trepar às árvores, com o auxílio das pinças, tão poderosas que poderiam partir um braço se houvesse homem que lho pusesse a geito. Mas creio que deve haver muito poucos com essa coragem.

Trabalhar para comer

por Maria Helena Costa Dias



ERAM QUATRO AMIGOS

Naquele ano, não muito longínquo, dos princípios do século, a notícia que maior sensação causou no meio jornalístico, foi sem dúvida o desaparecimento, em plena montanha dos Apalaches de Miss Jane.

Correspondente de um importante jornal parisiense, a jovem embrenhara-se pelo interior á procura de reportagem sensacional. Dois meses se passaram, sem qualquer notícia. Então os amigos inquietaram-se e temeram pela sorte da intemerata jornalista...

E foi para estudar o assunto que, naquela noite de 30 de Agosto de 1904 (faz hoje precisamente 54 anos...), se reuniram três dos melhores amigos de Jane, daqueles amigos que não nos esquecem nun-

diplomaticamente — é talvez força de expressão. O que pretendemos, em primeiro lugar, é saber se ela é viva.

— Sim, está viva. Mas recusa-se a dizer qual a missão de que vinha incumbida e isso vai custar-lhe disabores.

— Jane é jornalista — explicou Jim — a sua missão é mandar notícias...

— Com que fim? Para facilitar a intervenção branca, não é verdade? — Enganaste, grande chefe. Talvez até a sua reportagem ajudasse os caras-pálidas a compreender a vossa vida.

O Grande Condor sorriu: — Nós preferimos guardá-la como prisioneira...

Jim, como bom inglês, estava ha-

morte, uma morte horrível... Teve medo e ainda pensou em recusar. Envergonhou-se, porém, do seu pensamento e preparou-se, chamando a si toda a energia, toda a coragem...

Dado o sinal, os dois saltadores correm, tomam balanço, num esforço supremo... Moralmente tocou com o pé esquerdo na outra margem, equilibrando-se... Mas o adversário desapareceu, com um grito, no abismo...

Houve, por parte dos assistentes, um clamor de decepção. Ia dar-se início à última prova, aquela que decidiria da sorte de Jane. A corrida far-se-ia sobre dois troncos de árvores paralelos, estendidos sobre o rio infestado de piranhas, inúmeras e insaciáveis. Um passo em falso no tronco escorregadio representava para qualquer dos contendores a morte. E que morte! Um boi caído nas garras das piranhas é devorado em alguns minutos apenas...

Joaquim e Mendonça teve medo. Por que não confessá-lo? Na água, destacava-se a sombra da nuvem de piranhas, minúsculas como galeotas... Mas olhou para Jane e fez-lhe um gesto: Tem confiança, mon amie!

Dado o sinal, os adversários iniciaram a corrida. Alcançados nas rochas, índios faziam algazarra. Os corredores iam a par. De subito, o atleta índio desequilibrava-se, os pés chegavam a tocar a água. Joaquim Mendonça parou, instintivamente, para socorrer o adversário. Este, com um golpe de rins formidável, saltou novamente para o tronco de árvore e, aproveitando-se da surpresa do contendor, atingiu a margem em primeiro lugar.

Era bem visível a tristeza dos caras-pálidas enquanto viam Jane ser levada para o seu «wigwan» de prisioneira. Sentaram-se, sem uma palavra. Então o chefe índio, o Grande Condor, aproximou-se e deu-lhes a fumar o cachimbo da Paz.

— Que estranhos sois vós, brancos! Capazes dos maiores crimes e dos maiores sacrifícios. Tu — e dirigiu-se a Joaquim Mendonça — decides a sorte da tua companheira, e arriscas a sorte dela — e a tua — para salvar um desconhecido! Porque eu vi, vejo tudo e por isso sou o Grande Condor!

E por isso lhes dei a fumar o cachimbo da Paz!

Os quatro amigos (pois o Grande Condor resolveu, como prêmio da nobre atitude de Joaquim Mendonça libertar Jane) regressaram algumas semanas depois a Nova York de onde cada qual seguiu o seu destino. Cada qual, não. Joaquim Mendonça e Jane seguiram o mesmo destino, de mãos dadas e felizes. Mas isso é já outra história...

ma o Quim. — O «Farrusco» gosta de música... Dize, amiguinho, concorda com a conclusão a que chegou o Quim? — Três pobrezinhos bateram à porta do Alberto. Uma criança de 3 anos, um velho com mais de 50 anos e uma mulher de meia idade. O Alberto tem em casa uma fatia de pão mole, meia dúzia de castanhas piladas e um copo de leite. Como há-de o amigo Alberto fazer a distribuição das esmolas.

Pensamentos que fazem pensar De vento em popa, este concurso que começou por não o ser... Mas os amigos ditaram a lei! — e aí o temos caído na simpatia de todos...

Desta vez, o prêmio, constituído por um livro, coube ao amigo Duarte Saraiva que nos enviou uma grande lista de pensamentos de que destacamos os seguintes: «Quando o caminho é direito e a direcção é boa — o andar nunca é mau».

(VICTOR HUGO) «O começar as coisas equivale a tê-las meio acabadas».

(CERVANTES) «A vida só pode ser compreendida olhando para trás, mas tem de ser vivida olhando para a frente».

(KIERKEGAARD) «Ainda é mentir um pouco quando se dizem coisas, aliás verdadeiras, mas que se não pensam».

(A. KARR) «Todos os homens devem conduzir, eles próprios, os seus fardos».

(VAN GOGH) O emprego Uma senhora conversa com D. Periquitona e fala-lhe do seu sobrinho.

— Que faz ele agora? — pergunta madame Periquitona.

— Ah, você não sabe? — responde a outra. — O pobre agora é neurasténico...

A D. Periquitona, coisvilheira: — E ganha bem, nesse emprego?

Concurso da semana

Vencedores

1. — Amigo n.º 892 — Maria Lucia Morgadinho (Sintra).
2. — Amigo n.º 1151 — Gil da Silva Patrão (Coimbra).
3. — Amigo n.º 1224 — Anibal José de Melo Fernandes (Lisboa).
4. — Amigo n.º 198 — Vania Benites Ferreira (Lisboa).
5. — Amigo n.º 1237 — João Fernando dos Santos Mendes (Estoril).
6. — Amigo n.º 266 — José Luis Cotrim (Lisboa).
7. — Amigo n.º 587 — Alexandre Rubem Santos (Queluz).
8. — Amigo n.º 852 — João Carlos David Vieira (Aveiro).
9. — Amigo n.º 1099 — José Cipriano Ramos Rosa (Lisboa).
10. — Amigo n.º 1175 — Maria Helena Matos da Cunha (Lugar de D. Maria).

CONCURSO

As vogais estão de férias

Tu que sabes e eu que sei sabemos ambos demais que por as vogais é lei quando falham as vogais...

No teu peito tique-taque e com tanta convicção o seu hino à vida bate, bate o CRÇ...

É de ouro o rio? Bem vês, não... Porém o vinho é ouro (e sangue do camponês) que o rabelo traz p'lo DR...

Uma estrelinha descida numa casinha na aldeia, quietinha, temente à vida a luzinha da CND.

«Home, sweet Home!» digo. Que bom é viver, sonhar na casa que é nosso abrigo, no abrigo que é nosso LR!

«Gosto amargo... Doce Bem...» — Sabe-se lá a verdade! De um bem perdido ninguém deixa de sentir SDD.

Os prémios são livros, livros, Amigo, que livros há! Manda a resposta até oito, «Oito» sem falta, vê lá!

11. — Amigo n.º 1246 — Maria Teresa Dantas Martins (Lisboa).
12. — Amigo n.º 1248 — Celeste Martins (Lisboa).

Premios

1 a 3: «A ILHA DO TESOURO», por Robert Louis Stevenson — BIBLIOTECA DOS RAPAZES, Portugal Editora.

4 e 5: «SE TODOS OS HOMENS QUISESSEM», por Jacques Remy — «OS LIVROS DAS TRÊS ABELHAS», Publicações Europa-América.

6 e 7: «FANGA», por Alves Redol — «OS LIVROS DAS TRÊS ABELHAS», Publicações Europa-América.

8 — «O PAO DA MENTIRA», por H. Mac Coy — «OS LIVROS DAS TRÊS ABELHAS».

9 — «A BALIEIRA», por João Falcato — «OS LIVROS DAS TRÊS ABELHAS».

10 a 12: «O MUSICO CEGO», por Korolenko — «OS LIVROS DAS TRÊS ABELHAS».

PREMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE VICTOR HUGO

13. — Amigo n.º 1128 — Manuel David da Assunção (Gaia).

13: «A META», por Yves Gibeau — «COLECCAO SEculo XX» e «FERNÃO MENDES PINTO», por António José Saraiva — Publicações Europa-América.

PREMIOS DOS CONCURSOS «PENSAMENTOS QUE FAZEM PENSAR»

14. — Amigo n.º 912 — Manuel Duarte Saraiva (Lisboa).

15. — Amigo n.º 896 — José Marques Viegas (Lisboa).

16. — Amigo n.º 1180 — José Carlos Rocha (Lisboa).

17. — Amigo n.º 465 — José J. Maurício Esteves (Figueira da Foz).

18. — Amigo n.º 375 — Maria Cândida Fronteira e Silva (Lisboa).

19. — Amigo n.º 293 — Maria Luísa Horta (Lisboa).

14 a 16: «O PAO DA MENTIRA» — «OS LIVROS DAS TRÊS ABELHAS».

17: «SE TODOS OS HOMENS QUISESSEM» — «OS LIVROS DAS TRÊS ABELHAS».

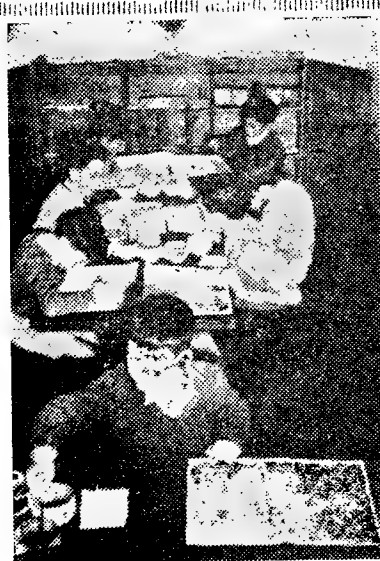
18. — «AMANHECER DUM LINDO DIA», por Berthe Bernage — «BIBLIOTECA DAS RAPARIGAS» Portugal Editora.

19: «MUSICO CEGO» — «OS LIVROS DAS TRÊS ABELHAS».

to à futura cidade Universitária) se trabalha a sério. Para isso, encontram os alunos ali as melhores condições, o melhor ambiente e a maior solicitude. A criação dos Serviços Psico-Pedagógicos pelo dr. João dos Santos, com a colaboração da dr. Amália Borges, testemunha o interesse humano, a compreensão com que os alunos deparam no colégio.

As actividades culturais e circum-escolares tão do agrado da juventude merecem atenção especial. O colégio possui um grupo cénico orientado pela declamadora dr.ª D. Maria Barroso, que já levou à cena, entre outros «As guerras do Aie-crim e da Mangerona» e o «Auto do fidalgo aprendiz». A exposição de Arte Infantil, a que a Imprensa diária se referiu, constituiu um êxito extraordinário. Periódicamente, artistas e pedagogos dirigem-se aos alunos do colégio, em conferências de alto nível: João de Freitas Branco, Mário Dionísio, Jorge de Macedo, Augusto Casimiro, David Mourão Ferreira, Alvaro Saleme, Rui Grácio, João dos Santos, Matilde Rosa Araújo, Francine Benoit, etc.

Os alunos publicam um esplêndido jornal «Gente Moça», de 16 páginas cujo corpo redactorial é composto por José Carvalho, Duarte Saraiva, Luís Jacobelty, J. E. Sasportes, Vasco Valente, Manuel Poppe e Aguiñaldo Cabral.



Um alfobre de artistas...

Uma visita ao Colégio Moderno

Disse-lhes no ultimo numero do Juvenil, que no Colégio Moderno (situado na Rua de Malpique, jun-



O grupo cénico do Colégio Moderno, dirigido pela dr.ª D. Maria Barroso em acção



Orquestra Musical de Pintos

O passatempo que a seguiu publicamos foi-nos enviado pelo nosso amigo Julio Amadeu Ramires. Trata-se de um passatempo muito original que pode até servir aos nossos amiguinhos para alguns minutos de boa disposição nos serões familiares. Este passatempo, descoberto pelo Julio Amadeu, mostra apreciáveis qualidades de observação que devem ser desenvolvidas e aproveitadas.

Começa-se por carregar com os dedos no dorso das frangas e dos frangos, canta-se uma canção (de início começa-se por: «Lá em cima está o Tiro-líro-líro», etc.) e, como os animais se impressionam com esse contacto, cada um, no seu cuidado, dá uma nota ou som, e o conjunto dos sons dá, realmente, a ideia de uma canção. Se os meninos tiverem galinheiros, experimentem.

A orquestra é composta pelo menor por três frangos. — Julio Amadeu Ramires (8 anos) — (Amigo n.º 623).

Hieroglifos comprimidos

Apresentamos hoje aos nossos amigos mais uma nova modalidade de passatempo. Dentro de cada rectângulo vão palavras, números e expressões que, depois de convenientemente interpretadas resultam numa palavra ou numa expressão. A obra, pois Champolion de palmo e meio! Ai tens mais alguns hieroglifos para resolver.

Resultados dos hieroglifos da semana passada: 1 — Ar e o re. 2 —

Muto duas vezes — portanto, Bismuth... 3 — Cor de ouro. 4 — Ca l v a rio.

G ESTAS I

SINFON

— NAS —

PPP...

Teste de inteligência

Para os teus irmãos mais novos

29 — Dia frio, dia invernos. Sabem como é: a gente vem desejoso de chegar a casa para se chegar à lareira. O gato do Quim, mal abrem a telefonia, salta para cima dela quando lá dentro se desenrola um solo de violino. E enquanto o violino bem mandado canta as tristezas e as alegrias do dono, o tarefa fecha os olhos delectado.

— Mãe, ó mãe, anda ver! — exclama

ALMA Sã EM CORPO LIMPO

XXIV—COMO É CEGO QUEM NÃO TEM DIFICULDADES NA VIDA!...

Os dois velhos amigos achavam-se finalmente em Lisboa e no ano de Graça de 1958. Caminhavam lentamente pelas ruas estreitas, ingremas e pouco odorosas. Aíllam e da Sé. Não porque tivessem alguma coisa que fazer ali, mas para matar saudades de pitoresco — como pro-

Teve de superar inúmeros obstáculos, especialmente a resistência do povo que sustentava que o uso frequente do sabão era nocivo à pele.

— Então quando conseguiremos pôr em prática nesta Lisboa-Antiga esse postulado fundamental do asseio? Palpita-me que nenhum: cada deve possuir qualquer sala que me receba o nome de «quarto de banhos». É muito natural que em matéria de banhos estes bons cidadãos ain-

lista do estômago, do fígado do coração, etc. e não sabe nada sobre a «sua» pele... Você perguntará: mas que há nisso de extraordinário? «Apenas» o seguinte: que a pele é não só o mais externo dos nossos órgãos como é o mais extenso. Cobrem-nos por inteiro. É, pois, o primeiro a expor-se aos efeitos dos venenos e de outros corpos irritantes que nos rodeiam. Quer ver?

Porter trouxe a máquina de projeções, escolheu numa caixa um diapositivo colorido e aplicou-o no local conveniente. Posta a sala em escuridão total—surgiu no «ecran» a mesma imagem estranha dumocado de pele humana vista ao microscópio. A superfície córnea parecia um pedaço de colchão muito bem acolchoado, onde sobressaíam os largos buracos dos poros e os pelos que, assim aumentados, mais pareciam bicos. A esta primeira ca-

mada da pele — a «epiderme» — seguia-se a pele propriamente dita — «ou cutis» — atravessada por inúmeros vasos sanguíneos e pelos, pelas glândulas sudoríferas e sebáceas e respectivos canais. Finalmente vinha a camada mais interna da pele, ou «tecido subcutâneo», cheio de nervos, gorduras, canais linfáticos, glândulas capilares, etc. No total, a espessura da pele varia entre 0,5 mm. (nas palmeiras, onde não há tecido subcutâneo) e 3/4 mm. ou mais nas palmas das mãos, nas solas dos pés, etc.

— Só as glândulas sudoríferas são dois milhões e quinhentas mil! — disse Porter. — Daí a importância dos poros. No suor liberta-se o corpo de grande parte das impurezas que resultam de todas as actividades vitais. A perda, mesmo momentânea, duma certa extensão de pele (por queimadura por exemplo) pode acarretar a morte, por envenenamento. Já você calcula, por aqui, a necessidade do asseio.

Max abanou a cabeça. — É extraordinário! — confessa.

— Mas ainda não viu tudo. Já reparou como um anestésico deita-se sobre a pele produz insensibilidade? Que significa isto? Que a pele não serve apenas de porta de saída às secreções do corpo: é também uma porta de entrada para todas as substâncias que lhe caíam em cima. Os últimos estudos sobre a matéria levaram a conclusões aterradoras: «grande número de doenças são provocadas pela falta de higiene».

— É extraordinário! — repetiu o amigo. — Que belos caminhos se abrem para o asseio! O que é preciso é difundir-lo por todo o lado, esclarecer o povo sobre os perigos da falta de higiene — educar, enfim.

— Não pense que isso basta. A base do asseio, hoje, que a ciência e a técnica dos meios de limpeza tanto avançaram, é de ordem política, económica e social. O grande sábio Julião Huxley afirmou há tempos uma verdade que nós também já observamos: «que o asseio é filho da democracia» — dum regime onde todos os homens possam ter direitos e benefícios iguais. Onde impera a opressão, o obscurantismo, a miséria — não há palestras que ensinem os pobres o asseio. Não, amigo: é preciso primeiro transformar, isto é, melhorar as condições materiais da vida do homem. Nunca existirá asseio enquanto houver gente muito pobre e gente muito rica.

Veja Você este importantíssimo exemplo. Como sabe, grande parte das infecções têm a sua estrada privativa. Primeiro, instalam-se nas mãos, pois com elas tocamos a todo o momento em coisas ou pessoas infectadas. Daí, a doença é transportada à boca pelas próprias mãos. Ora bem: como podemos ensinar aos pobres a limpeza, se suas casas não possuem as mínimas condições de higiene, se o dinheiro não chega para comer, se quando adoecem não podem tratar-se, se quando tomam um banho não têm roupa para vestir?

— Isso é infelizmente muito verdadeiro. E eu não tinha pensado nisso. Como é cego quem não tem dificuldades na vida!

— Não se amofine, homem! Não reparou quanto as suas ideias progrediram nestes meses de aventura? Se hoje Você pensa de maneira mais justa, então começa a conhecer o caminho justo. Ora aí tem como poderá ser um elemento muito útil para ajudar a transformar a existência dos nossos semelhantes.

— E se os nossos colegas... É verdade já me esquecia os nossos colegas de Clube... Nós podíamos... eles podiam ser nossos aliados, não acha?

— Não sei. Mas já que Você fala no assunto, acho que devemos preparar a nossa apresentação aos nossos digníssimos consócios... Isto, porém, é assunto que trataremos amanhã. Tenho uma bela ideia, mas agora vamos tomar banho, e depois comer, e depois dormir o sono dos justos...

(Esperemos, pois, pelo próximo número)



pusera Max. O historiador fizera-lhe a vontade, embora houvesse na sua boca um subtil gesto de ironia.

da estejam na época da «lavagem» e prestações. Que me diz?

— Digo que na melhor das hipó-

HISTÓRIA E PRÉ-HISTÓRIA DO SABÃO

Aos poucos o sobrecenho de Max começou a carregar-se. Olhava em torno com ar severo — as ruas, as portas, as janelas com o mesmo aspecto sombrio e falho de limpeza.

— Que dizia aquele professor de História da Medicina da Universidade americana de John Hopkins? — perguntou, estacando de súbito.

— Quem? O dr. Henry Sigerist?

— Parece que sim.

— Mas que é que Você pretende? Que eu repita aquela sua observação sobre o postulado fundamental dos séculos XIX e XX?

— Isso, isso mesmo.

— Bom. O Sigerist disse, ora espreite... Ah! está bem. É o seguinte:

«O asseio tornou-se o postulado fundamental do movimento em prol da higiene nos séculos XIX e XX».

Uma conclusão importante

Max e Porter chegaram a uma conclusão importante: que não é com discursos que os homens se resolvem a considerar o sabão um dos mais fieis aliados. Então com que é? Com o melhoramento do seu nível de vida.

Quer dizer: quando os homens todos possuírem rendimentos que lhes dêem, em primeiro lugar, para comer — então, sim, então haverá condições para o verdadeiro asseio.

Eis o grande ensinamento que os jovens obtêm desta «História e Pré-História do Sabão», que já há meses temos estado a publicar.

O segundo é que a Limpeza tem vivido muito afastada da História humana. Viram as várias razões.

A Companhia União Fabril terá muita satisfação em saber que a sua oferta do folhetim «Alma Sã em Corpo Sã» caiu no agrado dos jovens. É a primeira vez que no Mundo se publica uma história deste género.

teses terão atrás duma porta aquela envergonhada que encontramos em casa do Reverendo Priestley... Claro que tudo isto é fruto do atraso técnico, científico, político e económico — este sobretudo.

— Você tem razão, não há dúvida. A viagem que fizemos, através da História ensinou-me que o asseio não é um predicado natural do homem, mas um fruto do progresso. Hoje, claro, o conceito de limpeza é mais profundo do que em qualquer outra época... Mas que faz Você?

— Chamo um táxi porque são horas de seguirmos para casa. Foi, pois, num ápice que se encontraram na agradável biblioteca de Porter.

Tudo aí se encontrava tal como na manhã em que haviam partido para a Pré-História. Em cima duma pequena mesa, na página dum livro aberto, resplandecia a vistosa imagem... Max aproximou-se, pegou no livro e abriu muito os olhos.

— Isto é a «nossa» pele — admitiu-se?

— Pois é.

— Com estes buracos? Com estes bicos esquisitos? Com esta grossura? Com toda esta complicação?

— Com tudo isso que Você diz. O seu espanto é altamente significativo. Você fala como um especia-

Colaboração dos leitores

Um dos grandes motivos de justificado orgulho do nosso JUVENIL é este: dar aos nossos leitores e Amigos dedicados possibilidade de verem os seus trabalhos publicados e reconhecido o seu valor literário. Neste numero, por exemplo, poder-se-á colaborar de vários Amigos que merecem, amplamente, essa honra.

Pois bem, Amigos! Ficamos aguardando poesias, contos, artigos, não ultrapassando 600 700 palavras de vossa autoria. NÃO É NECESSÁRIO DACTILOGRAFAR. Se o merecerem, publicá-los-emos.

NOTAS DE LEITURA

Uma humanidade perdida

Ora aqui, meus amigos, uma Humanidade que apodreceu. Claro que mesmo podre, pensa. Mesmo podre, sente. Alguns dos seus membros — pobres átomos sem força — querem erguer-se da podridão, da abjecção sem o conseguirem. Só valem os seus propósitos de fugir à podridão, mas não os actos, porque os actos não a arrancam dela.

Uma parte dessa Humanidade — a americana, por um lado, a alemã, por outro — julga-se depositária da verdade, da bondade e da justiça. Todos podem dar lições ao próximo e até mesmo fazer ou aceitar a guerra para dar essas lições ao próximo... O americano Michael Whitacre, um bom homem perdido, supe-se mesmo em condições de criticar o japonês ou o negro e se não o critica é porque não está talvez para fazer esforços. Ele já começa a ter a noção de que a Humanidade em que vive está podre.

Ainda a melhor solução é ir para a guerra. Alistar-se. É que sentido, que justificação dar à guerra?

Sim, uma guerra não é um motor que se alimenta de óleo ou gasolina. Seu prato preferido é o mais caro em todos os sentidos, pois caro significa o de mais alto preço e também o querido, o que se ama extremamente. Vocês, jovens leitores, já sabem que a guerra, «aquele monstro» já denunciado pelo nosso grande Padre António Vieira — o que aprecia sobretudo é carne humana, gente viva, com sonhos, ca-

paz de realizar coisas melhores se lhe derem um destino melhor.

Para justificar a guerra havia, pois, que supor que, de um lado, estava o Bem e do outro, o Mal. Tratava-se, então, de uma luta entre o Bem e o Mal e assim já tal luta fazia sentido.

Mas quê? Michael, o judeu Noah e tantos outros não podem garantir que o seu partido é melhor que o do adversário. O mal, está em ambos os lados: a violência, o racismo, o desencanto... Mas com esta diferença: que Michael e Noah queriam combater para construir um mundo mais belo.

Tudo isto Irving Shaw nos documenta nas oitocentas e tal páginas do seu grande romance «Os Jovens Leões». Poucas vezes se terá lido tão longe e com tanta coragem na denuncia dos maus caminhos que podem ensanguentar a Humanidade. O americano Irving Shaw não idealizou os seus compatriotas; mostrou, pelo contrário, que eles e os alemães pertencem a uma mesma civilização doente. Quando resolve deixar de descrever cenas de guerra para passar a criticar a guerra directamente — escreve belas e justíssimas palavras que todos os jovens deveriam ler (páginas 576 a 579).

Eis, pois, um romance que merece ser meditado pelos jovens maiores de 17 anos.

«OS JOVENS LEÕES», por Irving Shaw. Livros do Brasil, Ld. — Coleção Dois Mundos.

Curso elementar de estenografia

Por Natália da Fonseca

Exemplos de ligação:

Correcção do exercício n.º 65.

Amigos: prestem atenção ao som geral que vamos estudar agora. É o som Ago-Ajo que se representa pela forma que segue:

ago-ajo

Representação fonética:

Ag. eg. ig. og. ug
ago, ego, igo, ogo, ugo
ango, engo, ingo, ongo, ungo
angro, engro, ingro, ongro, ungro
algo, elgo, ilgo, olgo, ulgo
agro, egro, igro, ogro, ugro
asgo, esgo, isgo, osgo, usgo
aj, ej, ij, oj, uj
ajo, ejo, ijo, ojo, ujo
agio, egio, igio, ogio, ugio
agem, egem, igem, ogem, ugem
anjo, enjo, injo, onjo, unjo
arjo, erjo, irjo, orjo, urjo
aljo, eljo, iljo, oljo, uljo
argem, ergem, irgem, orgem, urgem.

Palavras abrangidas por este som, quando isolado: Agio, ange, enjão, orgia, água, águia, algoz, egua, enguia.

Rijo, fuga, galgo, sangrar, melgamente, alegria, pegadeira, rogamos, salgado, viajante, logradouro, instigador, fungar, compunir.

Palavras que os nossos amigos devem estenografar em casa:

Anjo, ranja, fungo, pega, cego, sogra, pulga, julgar, melga, fisga, pagem, ganga, rasgo, pocilga, remigio, fingir, virgem, surge, viagem, sarja.

E ainda a seguinte pequena carta:

F. lquei/m uito/co t ente/por/s ab et/que/já/v a is/m uito/a d (i) ant ado/n o/est udo/d a/est enografia/P (e) nso/que/fazes/b (e) m/(e) m/t eres/f eito/o est udo/a /que/ (e)/r (e)/ f eres/eVrás /que/e/s erá/p ara/ti/d (e) /grande/v ant agem/pois/escr v eras/os/a p onta mentos/com /m uito/v elo ci dade.

Tradução: Quero saber se recebe agora o prémio que te coube no concurso do nosso jornal. Não sei se sabes que o prémio é um bom livro intitulado «O Sabre Encantado».

A acção leva-nos à selva e o autor descreve muito bem a vida dos animais e das árvores.

Por hoje nada mais. Até sábado.

NATÁLIA DA FONSECA



Eduquemos o nosso filho!

O seu filho não é mentiroso

A família e o professor

Os pais têm obrigação de acatar as medidas disciplinares impostas pelo professor, que as estabelece para bem da criança. E se julgam que o professor não procedeu correctamente devem evitar comentários em casa porque as suas palavras poderão ser mal interpretadas pela criança. Devem, antes, aparecer na escola, onde o professor poderá apresentar pormenores que, na maioria dos casos, os deixarão satisfeitos. Quando tal não aconteça, dirijam-se às entidades escolares superiores, que têm o dever de pôr as coisas nos seus lugares. Procedendo deste modo, haverá sempre a harmonia que deve existir entre o Lar e a Escola, e que só beneficiará duplamente o aluno.

ANTÓNIO GARCEZ

Todas as crianças têm tendência para exagerar e inventar. O que vêem e observam pela primeira vez, os factos invulgares, as cenas inesperadas, assumem a seus olhos grandes proporções; a imaginação faz o resto. E' assim que, a maior parte das vezes, a criança deforma a verdade inconscientemente, ignorante da mentira. Na sua boca, um grupo de quatro ou cinco pessoas é «muita gente!», e um golpe num braço é «uma pessoa cheia de sangue!»

Que as mães saibam distinguir a mentira do exagero e da invenção inocente, e não digam aos filhos: «Estás a mentir!», a não ser nos casos realmente graves. Quando a criança exagera e acrescenta pormenores por sua conta e risco, se já tem idade para reconhecer o seu exagero, procure-se conduzi-la à verdade com palavras brandas e simples: «Olha que não foi bem assim! Vê se te recordas! Não foi desta e daquela maneira?» A criança concorda facilmente e então pode observar-se: «Não devemos exagerar, devemos ter a preocupação de ser exactos».

Assim se restabelece a verdade, sem dizer: «Estás a mentir!» E sabe porque se deve proceder assim? Num caso sem importancia não se pode nem deve (porque não é justo, e as crianças querem-se tratadas com justiça) assumir uma atitude severa. E dizer à criança, meio a rir meio a sério «tu mentes», é não dar a esse defeito grande importancia, quando se deve, pelo contrário, mostrar-lhe toda a fealdade que nele existe, a ponto de a criança sentir repulsa pela mentira.



Não compreendo porque é que o Joãozinho não quer comer. Eu cá tenho sempre apetite

Não devemos assustar as crianças

Na pequenina história descrita no «Diário de Lisboa» de 9 de Agosto p. p., há, a meu ver, as seguintes questões a considerar:

Quando a criança não tem vontade de comer a mãe deve certificar-se se a falta de apetite é de causa organica, para o que convém consultar o médico.

Se a criança é saudável e digere bem, pode acontecer que a criança tenha períodos de manifesta aversão por qualquer alimento determinado. Num caso destes convém variar a alimentação da criança e,

até mesmo, a apresentação desta, não lhe dando pratos muito cheios, etc. E' natural que, assim, a criança coma melhor.

Se for necessário, devemos, com muita paciência e calma, distrair a criança, mas nunca amedrontá-la, pois é prejudicial, tanto para a sua educação e vida futura, como para a sua saúde.

Há certos temores nas crianças que são instintivos e salutares, mas os mais frequentes, os medos absurdos, provêm, muitas vezes, das histórias que lhes contamos ou dos

medos que nós próprios lhes incutimos ameaçando-as com os «papões», «homens do saco», etc.

Se tentarmos classificar os medos das crianças, verificamos que existem três espécies: o medo reflexo ou instintivo, como o medo dos bebés; o medo razoável, como o medo do fogo, dos perigos, etc., que nós próprios nos esforçamos por incutir nas crianças; e o medo que achamos absurdo porque não tem razão de ser. E' precisamente este ultimo que devemos evitar e de forma alguma estimular. Na verdade, este medo não tem senão mas existe frequentemente. E as crianças sentem-se tão diminuídas, tão impotentes, que estas ameaças se tornam imediatamente para elas, em realidade.

Basta uma só frase, uma só história, para criar na criança um medo absurdo por estas coisas. Coisas que se tornam símbolos que traduzem medos profundos da criança perante a vida.

Freud demonstrou que a angústia começa à nascença, quando a frio, a luz, o barulho assaltam ao mesmo tempo o recém-nascido. Contra esta angústia só há uma arma: a ternura e, sobretudo, a calma da mãe.

MANINHA

Concurso Relâmpago da Boa Educadora

O que representa a nossa gravura? Diga-nos tudo o que ela lhe sugere, o que acha, que está mal e como se deve proceder. Assine o seu nome e indique a sua morada. Querendo, acrescente um pseudónimo. Envie, até ao próximo dia 8 de Setembro, para: «Diário de Lisboa» — Magazine — Página: Eduquemos o nosso filho — Rua Luz Soriano, 44, Lisboa. O melhor trabalho será publicado nesta página e a sua autora receberá, como lembrança, uma assinatura da revista «Os Nossos Filhos».



suscitou muitas respostas interessantes, e tanto que, desta vez, resolvemos oferecer nada menos do que quatro assinaturas da revista «Os Nossos Filhos». Parabéns às contempladas, que são as seguintes senhoras: D. Ilda de Almeida Nunes, de Almada — D. Matilde Maria Marques, do Entroncamento — D. Maria José Paixão, da Praia de Carvoeiro — e D. Leonor B. M. Pires, de Monte Estoril.

Caixa do Correio

TELENA: — O seu trabalho está cheio de considerações certas e inteligentes, e só por um triz não ficou em primeiro lugar. Mas aquela parte das promessas, das recompensas, presta-se a muitas considerações, e poderia induzir em erro as leitoras menos esclarecidas. Peço-lhe que volte a escrever, tenho a certeza que nos poderá dizer coisas muito interessantes.

MARIA: — Parabéns. Continue a interessar-se por estes assuntos, e poderá vir a ser uma grande educadora. Sabe? Não me parece que o facto de o Joãozinho não conhecer a cabrinha nem o prado fosse o motivo do seu desinteresse pela história (Final, nós não sabemos se a história o interessa ou não, sabemos que ele ouve a história mas não come). As crianças são muito imaginativas, e também gostam de personagens que nunca viram. Por outro lado, a conversa que Maria escreveu nos seus comentários deixamos supor que a mãe aproveitou o momento em que o menino abre desmesuradamente a boca para imitar o hipopótamo, para introduzir nela a comida. Talvez não seja esta a sua ideia, mas ficamos na dúvida. Espero voltar a receber notícias suas.

MARIA LUÍSA GUERRA RODRIGUES: — Veja como o tempo passa! Quando recebi a sua carta, metade das suas considerações já tinham perdido a oportunidade. Gostaria que voltasse a escrever, mas menos de cada vez, com letra mais legível e não em papel transparente. Combinado?

Em ALGÉS o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» vendem-se na Agência Cultural. Avenida Combatentes da Grande Guerra.

A criança não deve comer sob o impulso da ameaça

É bem uma realidade frequentíssima a maneira nada educativa como muitas mães tentam solucionar casos como este do Joãozinho. Antes de expor os meios que usaria se fosse a mãe do pequenino em causa, farei alguns comentários ao método que a sua educadora utilizou, para conseguir o seu intento. Servindo-se da tradicional história, a mãe do Joãozinho não logrou alcançar o que desejava, e então recorreu à ameaça do «homem do saco», e como tal à mentira. Nada mais deformativo do que o uso desta estratégia. A criança não devia comer sob o impulso de uma ameaça, que provocou nela uma reacção nervosa, pavor, medo e aversão à sopa, causa de tanto susto e daquelas lágrimas.

Para que hão-de os pais querer educar os seus filhos mentindo-lhes? Como irão exigir deles a sinceridade, a lealdade, se foram os primeiros a faltar a elas? Amanhã, quando o Joãozinho chegar à conclusão de que o «homem do saco» era uma farsa, que conceito fará ele da mãe? Poderá vir a perder a confiança nela, pensando que tudo o que a mãe diz são mentiras. Sim, porque, em quantos casos idênticos a este, nem mesmo debaixo da ameaça, a criança faz o que esperamos dela — e o «papão» não aparece.

E agora, depois deste comentário, que possivelmente já foi um

bocadinho longo, eu passo à parte positiva explicando como agiria.

Antes de mais, indagaria qual a causa da relutância do Joãozinho por aquele alimento. Depois de verificar não haver motivo de doença que provocasse a sua atitude, procuraria fazer ver ao pequenino que ele tinha necessidade de comer a sopa para ser um menino forte e com saúde, o que daria aos pais muita alegria. Chamar-lhe-ia a atenção para o pai e para a mãe que, tal como ele, também iriam comer a sopinha. Portanto, eu teria começado explicando-lhe o porquê do meu querer.

Se, pela sua pouca idade, eu não pudesse dar-lhe este esclarecimento, usaria de outro processo, este agora à base do aspecto exterior. Sendo necessário, tentaria modificar a aparência da sopa, o que daria ao pequerrucho a sensação de coisa diferente. Poderia ainda servir-lhe a refeição noutro pratinho que não fosse o habitual, talvez já monótono e fastidioso para os olhos, sempre ávidos de novidade, da criança. Arranjar-lhe-ia uma tijelinha alegre, de um colorido agradável, um pratinho com uns bonecos que talvez também estivessem a comer sopinha... enfim, qualquer coisa diferente do usual e que as boas educadoras com um bocadinho de perspicácia e espírito de observação têm sempre à mão.

MATILDE MARIA MARQUES

O que eu penso sobre o caso do Joãozinho

O Joãozinho, às refeições é igual a muitos outros meninos. As crianças muitas vezes, têm apetite a horas impróprias, mas, nas horas devidas, toda aquela «complicação» dos talheres, do guardanapo em redor do pescoço, as aborrece; e, mais ainda, se a mãe, falha de imaginação, não procurou dar uma nota alegre à refeição do seu filho, colocando uma flor colorida na mesa, ou o urso de peluche predilecto sentado em jeito de, ele também, ir comer, enfim, qualquer coisa que desperte no menino o interesse pela refeição.

Perante a renitência do Joãozinho, a mãe inventa uma história e ele, que certamente já está habituado a histórias no género, que apenas servem de «isca», desintere-se. Ela, enervada, tenta o «homem do saco», e aproveita o choro da criança para, subitamente, introduzir uma colher de sopa na sua boquinha.

Claro que há outros modos sensatos e meigos de levar a comer uma criança que não mostra interesse pela refeição (principalmente pela sopa...) mas este que aponto foi o primeiro que me ocorreu, desejando ardentemente que pudesse contribuir um pouco para auxiliar certas mães a pôrem de parte os velhos e perniciosos meios que, inconscientemente, empregam para combater as «fraquezas» normais dos pequeninos seres a quem tanto querem.

ILDA NUNES

ENSINEMOS

os nossos filhos a serem perseverantes

A perseverança é uma qualidade indispensável para triunfar na vida. Ensinemo-la aos nossos filhos, levando-os a terminar sempre o que principiam, e a não mudar constantemente de ocupação. Se a criança quer fazer uma aguarela, é precisa que a não deixe ao fim de meia dúzia de pinceladas; se quer «construir» uma casa, que a não deixe nos alicerces... Diga-lhe docemente:

«— Principiaste, deves ir até ao fim. Depois poderás fazer outra coisa».

Ensinando aos filhos a perseverança, os pais enriquecem-nos com um dom inestimável.

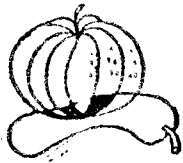
Esta página está à disposição dos pais, dos educadores e de quantos anseiam pela saúde física e moral e por melhores condições de vida das nossas crianças. Não deixe de enfileirar ao nosso lado! Colabore connosco! Escreva-nos! Mande-nos as suas sugestões! Diga-nos como quer e pode contribuir para o bem da criança portuguesa!

SAIBA COMER SAIBA COMER

Saiba tratar do leite — o seu alimento mais completo

Denomina-se, simplesmente «leite», o leite da vaca. Todo o outro proveniente de qualquer animal, além da vaca, é seguido de denominação da sua origem: leite de cabra, de burra, etc.

O leite é um dos alimentos mais



completos, porque contém, em proporções variadas, qualquer que seja a sua origem. **PROTEÍNAS** (matérias azotadas), **LACTOSE** (açúcar do leite), **SAIS MINERAIS** e **ORGANICOS**, **VITAMINAS** e **DIÁSTASES** (fermentos). Porque contém, precisamente, os três grupos de elementos nutritivos, açúcares, gorduras e proteínas, o leite deve entrar em justa quantidade na nossa alimentação. Sendo um alimento perfeito para a criança de meses, não deve ser, porém, exclusivo para o adolescente ou o adulto; mas para qualquer destes últimos é, sem sombra de dúvida, de grande valor nutritivo. E porque são indispensáveis estes três grupos de elementos que compõem o leite?

Simplesmente, porque as **PROTEÍNAS** são a matéria que irá or-

ganizar o tecido muscular e outros, necessários não apenas à conservação do organismo, mas também ao seu crescimento; as **GORDURAS** são a principal fonte de calor do recém-nascido (a combustão das gorduras do corpo provocam libertação de calor que o mantém a boa temperatura; **LACTOSE** é uma fonte de energia muscular e cerebral; **SAIS MINERAIS** (de fósforo, magnésio, cálcio, etc.) são necessários à formação óssea; **VITAMINAS**, têm o papel que já apontámos anteriormente, outros artigos; **FERMENTOS** ou enzimas, auxiliam a digestão e a assimilação.

Todas as donas de casa já repararam que o leite se estraga mais depressa no Verão do que no Inverno. Este facto deve-se à temperatura mais baixa, no Inverno,



que reduz a actividade microbiana. Contudo, se o frio diminui a multiplicação dos micróbios e, portanto, reduz, em parte, a sua acção destruidora, não os elimina. Mas já é uma vantagem que diminua a sua proliferação que se faz por

milhares. Há, pois, que manter o leite a uma baixa temperatura. Para quem não possui frigorífico, a conservação pelo frio é, ainda possível. Deverá manter-se o leite a uma temperatura inferior a 20 graus, seja metendo a vasilha em água fria que se renova constan-



temente, seja envolvendo-a com uma peca de pano molhado com frequência.

Há três processos de conservar o leite: a pasteurização, esterilização e a fervura. Como os dois primeiros não estão ao nosso alcance, vamos falar da fervura, uma operação que, parecendo simples, também tem seus ques. Para que a fervura seja eficaz, não basta deixar subir o leite, nem mesmo como diz o povo, as três sudas sacramentais. A película que se forma à superfície do leite, entre os 45 e 50 graus, não evita que este entorne, ultrapassada que seja aquela temperatura; mas con-



vém quebrar esta película, pois há o perigo de algum leite ficar por ferver convenientemente. Há, pois, vantagem em mexer o leite, enquanto ferve, e levá-lo ao lume numa vasilha espaçosa.

Todos os micróbios patogénicos (que servem de veículo à tuberculose, febre tifoide, febre ondulante, febre aftosa) são destruídos no fim de 15 minutos de fervura, mas boa fervura. Logo que se retira o leite do lume, é conveniente cobri-lo e mergulhá-lo em água corrente fria, mexendo-o com uma colher de pau. Depois disto deverá



guardar-se, com os cuidados que se disse acima e sempre coberto.

E' de boa norma utilizar o leite, nas vinte e quatro horas imediatas.

O leite pasteurizado seria o ideal, contudo, torna-se tão dispendioso o seu consumo, que não pode ser, de forma alguma, aconselhado. Mesmo o que se vende com esse rótulo, deve ser ministrado com cautela, para evitar as fraudes muito correntes, infelizmente, entre nós. A saúde é um bem por demais precioso para que o arrisquemos nas mãos de vendedores sem escrúpulos que vendem qualquer leite, em vasilhas e acon-



dicionamento próprio do leite pasteurizado. Para evitar estes males, deverá fervê-se, em casa, para completa garantia de que o leite é um dos dos alimentos mais completos.

Sim ou não?

Vamos hoje analisar alguns lugares-comuns atribuídos às bebidas alcoólicas. Como acontece com o que se come, o que se bebe tem sido desvirtuado, com ou sem malícia. O apreciador de vinho, defenda-o; o abstémio condena-o. Com razão? Sem razão? É o que vamos submeter a julgamento.

1. — O VINHO TINTO É MAU PARA O SISTEMA NERVOSO E O ESTOMAGO, MAIS DO QUE O BRANCO?

A questão não está, ainda, suficientemente esclarecida. De uma maneira geral, parece certo que os vinhos brancos «sobem à cabeça» mais rapidamente que os tintos. Há pessoas que os suportam mesmo bastante mal. Este senão parece devido, talvez, a uma excessiva sulfatação (anidrido sulfuroso). Estes tratamentos têm acção sobre a qualidade dos vinhos, devendo relevar-se que a clarificação do vinho pelo ferrocianeto de potássio, fraudulentamente empregado para evitar a quebra férica do vinho, não é defendida pelos higienistas, uma vez que não é segura a sua inocuidade para o consumidor.

2. — OS VINHOS DO TIPO BORDEUS, RICOS EM TANINO, SÃO PODEROSOS RECONSTITUINTES?

É muito duvidoso. A acção fisiológica dos taninos contidos em certos vinhos é ainda muito mal conhecida. Parece que favorecem a digestão gástrica, quando não são ingeridos em quantidade, porque então a acção será inversa, e diminuem a acção diurética de certos vinhos. No entanto, crê-se que os vinhos do tipo Bordeaux têm uma acção tónica favorável ao trabalho muscular.

3. — O CHAMPANHE, VINHO «INOFENSIVO», É INDICADO PARA OS CONVALESCENTES, OS OPERADOS E AS PARTURIENTES?

É certo que muita gente o suporta melhor que qualquer outro vinho. Mas não vamos fazer do facto uma panaceia. Antigos trabalhos atribuem ao gás carbónico o efeito favorável do champagne, tomado — claro está — em doses moderadas, sobre a digestão. Parece que o gás carbónico aumenta um pouco as funções digestivas.

4. — A CERVEJA É MAIS ALIMENTÍCIA QUE O VINHO?

Já vimos que o vinho não é, de modo nenhum alimentício. Mas a acção da cerveja sobre o organismo é muito diferente, porque, em geral, o seu grau alcoólico é muito menos elevado, e não é, como o vinho, um excitante neuro-muscular. Mas a cerveja contém mais vitaminas, em especial o ácido nicotínico (vitamina PP) fornecidas pelo malte (cevada grelada que entra no fabrico da cerveja).

5. — AS MÃES QUE AMAMENTAM DEVEM BEBER CERVEJA?

Sim. A cerveja favorece o aumento de leite, na dose óptima de meio litro por dia. Claro que com este pretexto de produção do leite, não deve, nunca, ultrapassar o litro diário. Claro que para as «amas» que não tenham tendência para engordar, o leite é melhor que a cerveja.

6. — A CIDRA É DESCALCIFICANTE?

É uma afirmação muito duvidosa. Está provado que as bebidas ácidas não são responsáveis pela descalcificação, óssea ou dentária. E mesmo que acontecesse às cidras naturais, não há razão para tornar extensivo este «mal» a todas elas, porque as cidras industriais são fracamente alcoólicas. E são estas que, vulgarmente, os consumidores actualmente preferem e consomem.

RECEITAS DE URGÊNCIA



SOPA MENINA

3 batatas boas
3 tomates
Abóbora que represente o peso das batatas e tomates
Ponha a cozer durante meia hora, todos estes elementos. Salgue e apimente, segundo o gosto. Passe pelo passador e tempere com azeite. Pode servir com bagos de arroz ou apenas quadrados de pão torrado.

BATATAS DELICIOSAS

Este acompanhamento prepara-se em 15 minutos. Ponha as batatas a cozer durante 10 minutos. Enquanto fervem, faça um molho Bechamel ao qual acrescente puré de tomates e queijo ralado (já se vende

em pacotes), dois dentes de alho finamente picados, sal e pimenta. Logo que as batatas estejam prontas, corte-as às rodela numa travessa, e cubra-as com este molho.

É um bom acompanhamento para «charcuteria».

DOCE RÁPIDO

Se tiver um resto de qualquer bolo, pão de ló, por exemplo, corte às fatias e coloque-as no fundo dum prato de vidro. Borrife com vinho do Porto. Faça uma porção de leite-creme ao qual junto amêndoa ralada (pode não levar) e cubra as fatias. Polvilhe com canela. Pode fazer a mesma receita usando bolos de arroz ou queques que cortará ao meio, no sentido da largura, e recheará com um pouco de leite-creme.

A virtude é comer pouco e bom — 2

Não guarde para amanhã ...

O LEITOR pode não ir ao cinema ou ao teatro todos os dias. E com certeza não vai mesmo. Também não corta todos os dias o cabelo... Como estas, milhentas coisas há que não faz todos os dias. No entanto, que sucede com o comer? Sucede que o LEITOR além de comer todos os dias, come várias vezes ao dia.

ISTO NÃO significa, evidente-



mente, que viva para comer. O contrário é que está certo. Mas por isso mesmo porque se alimenta sóbriamente, sem gula — o LEITOR gosta que as coisas lhe saibam bem.

É POR ESSA razão que não dis-

pensa o sal na comida. O sal tem tanta importância que até invadiu a nossa linguagem diária. Diz-se de alguém sem graça, sem vida — que é um pãozinho sem sal. Aquilo que possui graça, humor, finura — consideramos nós que tem sal.

MAS O SAL não basta para tornar uma refeição agradável. O sal apenas tempera. Não melhora o prato que não está apetitoso e a prova é que mesmo com sal, a comida pode não lhe agradar...

PORQUÊ? Porque a essa comida falta Aji-No-Moto, a maior descoberta nos domínios do paladar, logo a seguir ao sal.

AJI-NO-MOTO não é um tempero, mas um produto vegetal puríssimo (extraído sobretudo do trigo) que tem a seguinte acção: Estimula as papilas gustativas e desta forma consegue que o peixe, a carne, os vegetais adquiram para nós todo o sabor e aroma.

EXPERIMENTE uma vez — e depois será para sempre.

AJI-NO-MOTO é tão necessário à comida como o sal. Da mesma forma que não dispensa este, também nunca mais dispensará,

AJI-NO-MOTO

100 % DE PALADAR — 100 % DE GOSTO NA VIDA

LAVAR NÃO CUSTA O QUE CUSTA É SABER LAVAR!

Como se lavam os tecidos finos e sintéticos

Pelos artigos anteriores concluiu, certamente, minha senhora, que é preciso «saber lavar» para «lavar bem». É verdade.

Mas até agora só falámos na lavagem da roupa branca. Hoje trataremos dos tecidos de lã, de seda, sintéticos e de cor desbotável.

1—*Os tecidos de lã*, devem ser completamente mergulhados em água fria ou levemente tépida, em que, previamente dissolveu sabão até obter espuma abundante; não devem ser esfregados, para não encostar o pêlo, mas apenas apertados nas mãos. Nunca usar a água quente, que empasta e encolhe os tecidos de lã. A secagem far-se-á à sombra (pois o Sol tem, sobre eles a mesma acção da água quente, além de amarelecer as lãs brancas), e sobre uma toalha turca que estendeu numa tábua, para evitar a deformação. Se se tratar de malhas,

3—*Os tecidos sintéticos* — «nylon», «perlon», «poplon», etc. — não precisam estar de molho antes da lavagem. Mas se vir que isso é necessário, não o faça por muito tempo, sempre e só em água fria. Uma vez que a secagem é tão rápida, é preferível lavá-los com frequência a usar processos violentos que os danifiquem.

4—*Os tecidos de cor*, compreendem duas categorias: os de cor fixa e os desbotáveis. Os primeiros podem ser lavados na máquina-lavadeira, em água fria e durante apenas dois minutos. Antes de os pôr na máquina pode mergulhá-los em água onde dissolveu alguns cristais de soda. Só depois utilizará o sabão neutro.

Os segundos, nunca deverão ser postos de molho. Depois de passados em água fria avinagrada, lavá-los, rapidamente com sabão, mas



e tempo... tempo que irá perder a engomar uma roupa demasiadamente enrugada.

A branca deve secar ao Sol, que a branqueia e desinfecta.

NÃO É POR MUITO ESFREGAR QUE A ROUPA EMBRANQUECE MAIS

nunca torcê-las, mas apenas apertá-las numa toalha turca bem seca. Nela largará quase toda a água, fazendo-se a secagem muito mais rapidamente.

2—*Os tecidos de seda* podem ser lavados em água tépida, esfregando docemente na espuma abundante; não torça a seda e deixe-a secar de modo a ficar humida. O engomado será mais fácil e mais perfeito.

sempre e só em água fria, e pô-los a secar depois de bem passados em várias águas limpas. A secagem far-se-á à sombra.

A secagem, como já verificou, minha senhora, é também uma operação de grande importância. Cada espécie de roupa requer o seu processo; mas toda deverá secar o mais rapidamente possível, bem direita e sacudida, não apertada, com o pretexto errado de poupar espaço

Mas não esqueça minha senhora, que todas estas operações se fazem rápida e eficazmente, se utilizar o incomparável sabão activado da C. U. F., o melhor amigo da dona de casa.

O Sabão Activado é uma garantia da roupa bem lavada, poupada e de sempre boa aparência.

7.ª lição do Curso de Lavagem de roupas oferecido pelo Sabão Activado C. U. F.

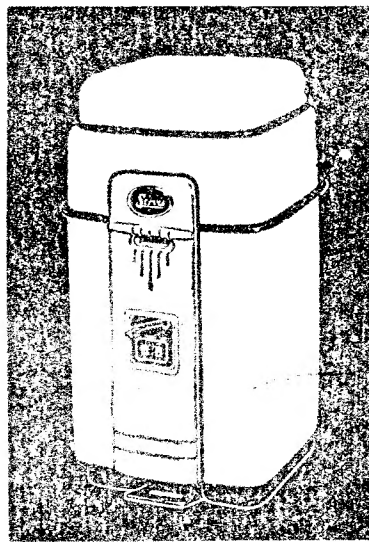
Tive

muitas razões para escolher uma

SERVIS

Hoje falarei apenas da

Comodidade...



- 1.º A SERVIS aquece automaticamente a água enquanto lava.
- 2.º Lava, enxagua e pára automaticamente, apenas comandada por um despertador.
- 3.º A sua bomba esvazia o tanque automaticamente.
- 4.º O expremedor eléctrico passa a roupa automaticamente.
- 5.º Desliza sobre rodízios como se fosse uma pena, o que permite deslocá-la sem esforço.

Eu comprei a minha SERVIS na

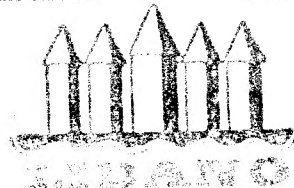
Agência Comercial Sueca

Av.ª Fontes Pereira de Melo, 45

a preço fixo

SORVETE EM PÓ

SAUDÁVEL • NUTRITIVO • PASTEURIZADO



É UM ALTO PRODUTO DINAMARQUES

Prepare-o em casa para os seus filhos.

Em poucos minutos e não precisa de leite ou sorveteiro. Pequenos para 5/6 sorvetes. Latas para 20/24 sorvetes.

IV

Sombras e claridades da enfermaria. — Os que chegam e os que partem. — Como são boas as enfermeiras! O que desejaria fazer agora? Miss Park Avenue e o gangster do East Side.

Não, não era alegre o ambiente da enfermaria! Um negro enorme e retinto tinha sido rodado para uma cama, onde o amarraram, e urrava em convulsões. Tinham-no achado algures, junto duma via férrea, com o crânio esmagado, mas vivo e operável, e obstinavam-se em salvá-lo: para uma arrastada agonia de uns dez dias.

Lá adiante, onde eu tinha estado, a moça cirurgiã continuava a teimar: «Mr. Hartman, responda! Mr. Hartman, pode-me ouvir?» Não queria que o seu caso morresse, queria orgulhar-se de salvar um homem à beira do abismo... Mas Mr. Hartman respondia com um regoço de dia para dia mais débil e distante.

Doentes entravam constantemente, uns inconscientes, outros aos gritos ou em convulsões. Poucos saíam — quase sempre na maca de rodas e cobertos com um lençol... Os serventes punham os biombos em volta da cama, e fazia-se um silêncio profundo. Minutos depois os biombos eram retirados, e mais um cadáver rodava a caminho da Morgue. O rumor das conversas e discussões não tardava a subir. Um que tinha *kicked the bucket* — «dado o coice no balde», segundo a expressão popular. Da morte ninguém falava.

A minha esquerda morava, literalmente falando, um rapaz de uns trinta anos, semiparalítico de cadeira de rodas, que subia e descia da cama com um complicado ritual de esforços, mas sem ajuda. Tinha uma cabeça á Schubert, era inteligente e tranquilo, lia muito, falava pastosamente, e parecia alheio (mas não indiferente) aos dramas e misérias da enfermaria. Tinha sofrido uma compressão do crânio ao nascer, e ficara assim. Até aos dezoito anos fora um menino mimado, no amor da mãe. Morta esta, ninguém na família pôde mais ocupar-se dele, e tornou-se um caso de asilo: foi-lhe preciso refazer toda a técnica de vida, readaptar-se...

«Estou aqui há cinco anos — disse. — Mas não tarda que esteja pronto o pavilhão dos crónicos, em Welfare Island, e vou para lá passar o resto

giado». Baixo, gorducho, com pernas de alicate, e *rolly-polly*, rebojava literalmente pela enfermaria fora a bradar: «Onde é que está o meu caro amigo português?» Foi ele que fez o diagnóstico de aracnoidite, e um dia, ao indagar dos resultados da segunda punção espinal, que revelou a presença de pus no líquido, torceu o nariz: «Não gosto nada disso!» Temia, decerto, a que a infecção, na base, se espraiasse ao bolbo, para me dar morte fulminante. Friedman acompanhou-me com solicitude até o fim, e anos depois... Mas deixemos isso para mais logo!

Professores e estudantes congregavam-se em torno de mim, interminavelmente repetindo exames e perguntas. Eu sujeitava-me de bom grado áquilo, em parte por vaidade do «caso raro», em parte por desejo de coope- rar com a ciência médica: unico serviço compensatório que eu podia agora prestar aos meus semelhantes. Sim, até da mais a abjecta miséria nós podemos tirar consolação e orgulho. Quanto isso me amparou! Pensava nos mendigos que escrupulosamente mantêm as suas chagas... Não era todos os dias que um caso de cerebello se apresentava. Os estudantes vinham rir á minha volta, pediam-me dados, e eu segredava-lhes: «Pontine-angle! Mas, pelo amor de Deus, não me sacudam a cama, que me chocalham os miolos!»

Não sei, ou esqueci, o nome daquele professor vienense que aparecia com os seus alunos de neurologia: magro, fibroso, de bigode encerado, e com um pesado sotaque germanico. Um dia, como eu era em suma um doente do chefe, e não tinha obrigação de servir de «manequim», mandou-me pedir autorização para me exhibir aos seus alunos.

Depois dos passos habituais, que eu já conhecia de cor e salteado, sentou-se na cama e pediu-me que descrevesse os sintomas e narrasse a história do meu caso, «anamnésia» creio que lhe chamam; o que eu fiz com gosto e a precisão própria de um «hipocondríaco»: coisa que, estou convencido, todos os bons médicos são, tal é a vocação para este género de estudos que essa «mania» incita e cultiva.

(As crises de medo e náusea que os estudantes de Medicina atravessam, são crises de hipocondria: de «subjectivação» dos sintomas e síndromas; o horror do cadáver não é talvez senão a personalização da morte; e o amor do diagnóstico é apenas a extroversão de uma inquietação pessoal. Quantos médicos espiam com terror os sintomas subjectivos, ou correm a um colega de confiança para libertar-se de um pavor, ou experimentam a maioria dos remédios e drogas que nos receitam? Os médicos são *homens*, e neste ponto de vista, porventura, muitos mais torturados de angustia do que o comum dos mortais, seus pacientes...)

No fim, o professor voltou-se para os rapazes, excitado, e comentou: «Raros são os doentes capazes de nos dar uma descrição tão clara do seu caso, visto subjectivamente. É uma coisa que exige um agudo senso de observação, e uma capacidade de expressão pouco vulgar... Só um médico ou um escritor o poderiam fazer tão bem! E isto é para nós duma importância transcendente: *Zees ees fery, fery important!* Por exemplo...»

E contou, com empolgante evocação, o caso dum cardiologista vienense que sofria ele próprio de incurável cardiopatia. Já á beira da morte, sózinho, tinha empurrado através das artérias, até uma das cavidades cardíacas, a sonda registadora, e em frente do aparelho, vendo a agulha traçar o gráfico da sua condenação, e escrevendo o relato objectivo do que lá observando, expirou. Foram encontrá-lo, de braços sobre a escrevaninha, de caneta em punho, a ultima palavra interrompida...

Maravilhosa história da escrita e dos meios de expressão



Este é um factor na evolução da cultura em dada fase; mas não é o factor unico. A história da Humanidade depende da convergência de multiplos processos, e isolar um só dos caminhos convergentes é condenarmo-nos a não compreender os factos.

Com efeito, se o desenvolvimento das técnicas não é favorecido pela transmissão oral hereditária, pode ser impulsionado apesar dela por certas condições económico-sociais. O advento da idade do bronze e a passagem da idade do bronze para a do ferro representam fases de expansão da técnica que correspondem a transformações sociais revolucionárias.

As origens da cultura grega estão precisamente ligadas a uma fase de expansão económica e de progresso das técnicas, especialmente das técnicas metalúrgicas. Nas ilhas que bordejam a Ásia Menor e a Península grega desenvolvem-se, muitos séculos antes de Cristo, grupos empreendedores de negociantes e artífices que acabam por derrubar as aristocracias guerreiras e latifundiárias da terra firme. O famoso legislador Sólon que fomentou e honrou o trabalho do sarteiro representa o triunfo desta transformação em Atenas no começo do século VI antes de Cristo. Mas ela vinha de longe, e reflecte-se já três séculos antes em uma das mais admiráveis expressões da literatura oral, os poemas de Homero.

A época a que se referem a Ilíada e a Odisseia é a da transição da idade do bronze para a do ferro, e por outro lado, dos bandos de piratas e guerreiros assoladores de ci-

dades que saquearam Troia, para a das expedições de negociantes que bordejavam as ilhas do Mediterrâneo Oriental e trocavam produtos manufacturados pelos produtos da terra. O gigante Ciclope, grande senhor de gado e da terra é vencido pela astúcia de Ulisses, representante de uma civilização mais evoluída, que sabe extrair o vinho das uvas e está apetrechado com instrumentos de ferro. Impressiona a qualquer leitor o demorado carinho com que o poeta descreve os produtos da arte do ferreiro: as couraças, os capacetes, as espadas, os vasos, as tapas, os carros. Cada descrição destas é um elogio implícito da habilidade manual do artífice. E mais do que isso o bom Homero faz-nos assistir á construção de uma jangada pelo seu mais significativo herói, Ulisses, que neste ensejo se revela um hábil carpinteiro:

«Cortava vinte árvores ao todo, que, desbastando com bronze, aliou hábilmente e endireitou servindo-se de um fio. Entretanto a preciosa deusa Calipso trouxera-lhe traidos. Com estes furou todos os paus e justou-os uns aos outros por meio de cavilhas e travessas e a golpes de martelo. E' tão grande a curvatura que um carpinteiro conhecedor da sua arte dá ao fundo de uma vasta nau de carga, quanto a jangada de Ulisses tinha de largura. Levantou depois a cobertura adaptando-a a grossas vigas laterais, e por fim revestiu os lados com tábuas compridas. Fez também um mastro, a que ajustou a verga, assim como um leme para

dirigir a jangada; e concluiu a obra protegendo-a de todos os lados por meio de um entrelaçamento de varas de vime, contra a investida das ondas, e espalhando pelo seu pavimento muita lenha. Entretanto a deusa Calipso trouxera-lhe pano de linho para as velas, que ele fez também com arte e ás quais ligou os braços, as adriças e as escotas. Depois arrastou a jangada para o

com a sua própria razão. Homero não é já um sacerdote, mas um cantor épico que se faz ouvir nos palácios e nas praças, um aedo como os Gregos diziam.

Além desta expressão a literatura oral criou na Grécia outras ainda, como o teatro, onde Esquilo canta a coragem indomável de Prometeu,

os conservou como um lume sagrado, para os transmitir a gerações posteriores.

Não deixa á primeira vista de surpreender que uma cultura tão brilhante como a das cidades gregas na sua fase heroica tenha sido predominantemente oral; e ocorre perguntar como aconteceu que do progresso técnico que levou a cabo tão admiráveis realizações não surgiu também a tipografia ou alguma coisa de semelhante.

Há talvez resposta para esta interrogação.

A civilização grega desenrolou-se numa série de pequenas cidades, independentes e rivais, com seus dialectos próprios, e com poucos milhares de habitantes cada uma. Aí era intensa a vida colectiva e pública. Colectiva e publica era também a vida cultural. Basta recordar os jogos olímpicos e as representações cénicas que se desenrolavam durante dias seguidos, com outros espectáculos, ao ar livre, perante vários milhares de espectadores, apinhados nos degraus de grandes anfiteatros de pedra. A voz do aedo e a do actor chegavam facilmente a toda a comunidade urbana assim reunida. O ensino dos mestres, por sua vez, transmitia-se dentro dos estreitos limites destas pequenas cidades, á vista, pode dizer-se, de todos, conservando um carácter acentuadamente local. Por estas razões a difusão oral podia corresponder a um interesse cultural intenso e generalizado. Quer isto dizer que a cultura oral é adequada á estrutura política e social das cidades gregas.

2 — O significado de Ulisses e a cultura oral

por ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

mar brilhante, com a ajuda de alavancas. No quarto dia estava acabada toda a obra».

O espírito que se reflecte neste texto veio a culminar no brilhante surto da ciência grega, anterior a Sócrates. Matemáticos como Thales de Mileto e Pitágoras, pensadores como Anaximandro, Heraclito mostram suficientemente que da mentalidade dos artífices emergiu uma ciência teórica, inimiga resolvida de toda a magia. Por outro lado conteúdo dos poemas homéricos mostra-nos como os mitos se escapavam das mãos dos sacerdotes, se penetravam de conteúdo humano, se transformavam na própria história do homem, liberto da sujeição aos deuses. Nada mais simbólico, a este respeito do que a figura de Ulisses, o homem que perdeu o medo ás divindades porque sabe combatê-las

outro símbolo da Humanidade invencível; e onde as histórias dos deuses tendem cada vez mais a tornar-se histórias dos homens, desde Esquilo até Eurípides.

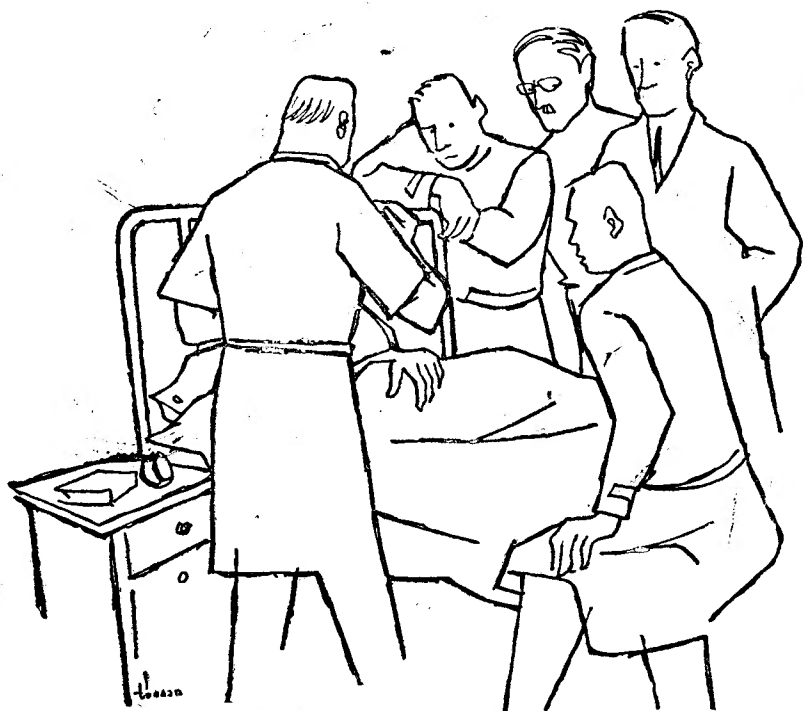
Desta forma, graças ás condições de uma fase de expansão económica e social, ao crescimento do tráfego e do artesanato, ao aparecimento de cidades, a cultura oral tornou-se uma verdadeira cultura laica, uma cultura para o cidadão, escapando-outro lado as técnicas produtivas ul-trapassaram o nível empírico e mágico, e tornaram-se objecto de ensino teórico, por via oral também, dentro de círculos como o que rodeou Pitágoras e deu origem mais tarde á seita pitagórica. O que não quer dizer que os mitos desaparecessem: simplesmente ficaram confinados a um resíduo social da época anterior, a classe sacerdotal, que

Como viviam a vida de todos os dias os homens de outros tempos e civilizações?

LEIA A NOVA COLEÇÃO DE «LIVROS DO BRASIL» A VIDA QUOTIDIANA

de que já saíram os seguintes volumes:

- 1.º — A Vida Quotidiana no tempo dos Aztecas
- 2.º — A Vida Quotidiana no tempo dos Ramsés
- 3.º — A Vida Quotidiana no tempo de Homero
- 4.º — A Vida Quotidiana no tempo dos Incas



«Um herói e um mártir da Ciência!» — rematou o professor com eloquência, e sacudindo-me poderosamente a cama. Os estudantes, sorriam, divertidos. O mestre voltou-se para mim e indagou: «Qual é a sua ocupação?» Disse-lhe o que fazia e que era, por vocação, escritor. «Eu não lhes tinha dito?» tornou ele, impante de perspicácia. Fez então perguntas aos estudantes, e ficou entusiasmado de ver que todos acertaram no diagnóstico, sobre o qual eu os tinha previamente instruído á socapa.

E a lição acabou nesta nota: «Estes casos são raríssimos, e nunca chegam vivos ás nossas mãos. Este é o primeiro que eu observo. Mas ainda anteontem fiz a autópsia dum exactamente idêntico: grande implicação do cerebelo, e do primeiro, segundo, terceiro par... e por aí abaixo. Devastação total dos centros nervosos!»

«Muito obrigado pelas perspectivas animadoras que me oferece!» — disse eu. Todos riram em volta. E eu com eles. Tinha-me transformado numa cobaia, deles e de mim mesmo. Estava ali como se fosse outro, a olhar-me sofrer. Apesar da extrema discreção de Mestre Kennedy, numa cama de enfermaria a gente aprende muita coisa. Mas já nada me podia inquietar — estava pronto para tudo, para além da vida e da morte, empenhado no combate. Queria ganhar, e ajudá-los a ganhar a partida. Aprendi muito — e gozei o meu migalho.

